

ARLETE CIPOLINI

Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto
Um estudo sobre a utilização do cinema na educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo para obtenção do grau de Mestre em Educação

Área de concentração: Linguagem e Educação
Orientador: Prof. Dr. Amaury Cesar Moraes

São Paulo
2008

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.364 C577n	<p>Cipolini, Arlete Não é fita, é fato : tensões entre instrumento e objeto : um estudo sobre a utilização do cinema na educação / Arlete Cipolini ; orientação Amaury Cesar Moraes. São Paulo : s.n., 2008. 159 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Linguagem e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.</p> <p>1. Cinema - Educação 2. Linguagem 3. Tecnologia educacional 4. Formação de professores 5. Ensino público – São Paulo I. Moraes, Amaury Cesar, orient.</p>
------------------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

Arlete Cipolini

Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto

Um estudo sobre a utilização do cinema na educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo para obtenção do grau de Mestre em Educação.
Área de concentração: Linguagem e Educação

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Geraldo, minha filha Tainá e meu neto Rafael pelo apoio nos momentos difíceis e pela compreensão durante as ausências necessárias.

À minha irmã Margareth pelas reflexões e sugestões.

Aos meus pais Osmar e Walkyria.

A todos os que me incentivaram a trilhar esta trajetória.

À avó e amiga Yolanda (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a Amaury Cesar Moraes, professor, orientador e amigo, pelo acolhimento, pelas discussões, pela disponibilidade em ouvir, pelos conselhos acadêmicos sempre pertinentes.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, Profa. Dra. Marília Franco da Silva e Profa. Dra. Neide Luzia Rezende, pelo apoio e incentivo.

Aos colegas do grupo de estudos da área de Linguagem e Educação.

Às direções e professores que colaboraram com a pesquisa empírica.

EPÍGRAFE

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Entre o passado e o futuro, Hannah Arendt

RESUMO

CIPOLINI, Arlete. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto - Um estudo sobre a utilização do cinema na educação**, 159 páginas. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

Este trabalho aborda a relação entre a escola e recursos audiovisuais utilizados por ela, destacando-se o cinema. Partimos da premissa de que apesar de as escolas estarem cada vez mais equipadas, a inserção do cinema no cotidiano escolar, efetivamente, não se realiza. A importância educativa do cinema, desde o início do século XX, foi reconhecida, e, nestes cem anos, a invenção que parecia não passar de uma brincadeira sem futuro, tornou-se a grande indústria do entretenimento, e reconhecidamente, a Sétima Arte. Com o avanço tecnológico e o aperfeiçoamento dos equipamentos audiovisuais, hoje, a grande maioria da população tem acesso às grandes produções cinematográficas através de fitas de vídeo cassete e DVD. Tal crescimento parece ser ignorado pela educação escolar, e o que podemos notar é que as administrações públicas divulgam largamente o fato de equiparem as escolas para a reprodução de filmes, mas sem uma preocupação paralela de formação e capacitação dos professores para tal empreendimento. Além da pesquisa bibliográfica sobre as possíveis intersecções entre cinema e educação, adotamos como metodologia de trabalho a pesquisa empírica em Escolas Públicas de Ensino Médio do Estado de São Paulo, localizadas na capital, através de questionários sobre os equipamentos que as escolas possuem e de entrevistas com professores sobre sua formação, formas de utilização e resultados obtidos. Este trabalho também tece reflexões sobre a importância histórica da linguagem do cinema e o de seu caráter de conhecimento historicamente acumulado a ser transmitido pela escola aos que a ela chegam. As hipóteses deste projeto de que (1) a linguagem do cinema além de ser um instrumento pedagógico (recurso didático), também é um objeto de conhecimento que possibilita a percepção da realidade mais ampla, e (2) de que os cursos de formação de professores não preparam o professor para uma adequada utilização deste recurso e para a apropriação desta linguagem, foram, durante a trajetória teórica e empírica, confirmadas, levando-nos à conclusão de que a escola ainda faz uma utilização fragmentada, inadequada e incipiente das novas linguagens, tecnologias e saberes; obtendo, conseqüentemente, resultados muito aquém dos que poderia atingir através de uma apropriação efetiva dessas linguagens, tecnologias e saberes.

Palavras chaves: educação, linguagem, cinema, instrumento, objeto de conhecimento, formação de professores.

ABSTRACT

CIPOLINI, Arlete. **It's not fiction, it is fac: tensions between instrument and object – A study about the use of cinema in education**, 159 pages. Masters essay, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

This dissertation aims at discussing the relationship between the school and the use of audiovisuals, mainly, cinema. Our starting point is that even though schools are more equipped than ever, the insertion of the cinema in schools is not effective. The educational importance of the cinema since the beginning of the 20th Century has been recognized and in these 100 years, the invention that seemed to be only a prankster with no future became the greatest entertainment industry, also known as the 7th Art. With the advance of technology and the improvement of audiovisual equipments, nowadays, great movie productions are accessible to most part of the population through VHS and DVD. Such growth seemed to be ignored by schools, and it is noticed that public administrations publicize largely that schools are equipped with the necessary equipments for the reproduction of films, but with no preoccupation when it comes to the courses for teachers and educators for the task. Besides the bibliographical research about the possible intersections between cinema and education an empirical research in Public High Schools in the capital of the state of São Paulo was adopted as methodology. We used questionnaires about the equipments the schools owned and interviews with the teachers about their background, ways of utilizing the resources and the results of such uses. This piece of work also discusses the historical importance of the language and its way of cumulated historical knowledge to be transmitted by the school to its members. The hypothesis of this dissertation that (1) movie language besides being a pedagogical tool is also a knowledge tool that allows a broader perception of reality, and (2) that the courses for teachers do not prepare the professionals for an adequate use of this resource and its language were confirmed during the research, leading us to the conclusion that the school still uses new languages, technologies and knowledge in a disjointed, inadequate and insufficient ways that leads to inferior results that could be achieved through the effective use of these languages, technologies and knowledge.

Key words: education, language, cinema, pedagogical tool, knowledge and teacher formation

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – O CINEMA E A ESCOLA: UM PROJETO DE PESQUISA	17
1. INTRODUÇÃO	17
2. OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA – FUNÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS DO CINEMA NA ESCOLA	19
3. JUSTIFICATIVA – O CINEMA NA ESCOLA, UMA PRESENÇA NECESSÁRIA	21
4. OBJETIVOS E HIPÓTESES	22
5. QUADRO TEÓRICO	23
6. FONTES E PROCEDIMENTOS	28
CAPÍTULO II - O CINEMA EDUCATIVO (ALGUMAS INICIATIVAS OFICIAIS)	29
1. INTRODUÇÃO	29
2. AS PRIMEIRAS TENDÊNCIAS EDUCATIVAS	30
2.1. <i>Os perigos do cinema “deseducador”</i>	31
3. O CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL – A PRESENÇA DO ESTADO	33
3.1. <i>O Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE</i>	35
4. O CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL - A PROPOSTA FORMADORA DA FDE	39
5. PANORAMA ATUAL – PROJETOS E PERSPECTIVAS	44
CAPÍTULO III – ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA COM A LITERATURA	50
1. INTRODUÇÃO	50
2. O GÊNERO NARRATIVO NO CINEMA E NA LITERATURA	54
3. A LITERATURA NO CINEMA - ALGUNS EXEMPLOS	59
4. A LITERATURA E O CINEMA NA ESCOLA	64
CAPÍTULO IV - O CINEMA E A ESCOLA: RELATO DA PESQUISA	68
1. INTRODUÇÃO	68
2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO	68
3. RESULTADOS QUANTITATIVOS DA PESQUISA	71
4. ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS	76
4.1 <i>Formação do professor</i>	77
4.2 <i>Frequência da utilização de filme em sala de aula</i>	81
4.3 <i>Situações em que o cinema é utilizado</i>	83
4.4 <i>Forma como o cinema é utilizado</i>	85
4.5 <i>Resultados da utilização do cinema</i>	94
4.6 <i>Relação do cinema com a educação</i>	96
4.7 <i>Relação do professor com o cinema</i>	99
4.8 <i>Função do cinema na escola: instrumento ou objeto</i>	100
4.9 <i>Outras categorias e considerações finais</i>	103
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES.....	108

ANEXOS	114
ANEXO 1 – RESUMO DO PROJETO.....	114
ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO.....	115
ANEXO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA	116
ANEXO 4 – RELAÇÃO DAS ESCOLAS PESQUISADAS	117
ANEXO 5 – DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES.....	120
ANEXO 6 – PEQUENA BIBLIOGRAFIA COMENTADA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CINEMA EM SALA DE AULA	146
ANEXO 7 – FILMES SOBRE ESCOLA	149
BIBLIOGRAFIA	154

Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto¹

Um estudo sobre a utilização do cinema na educação

Capítulo I – O cinema e a escola: um projeto de pesquisa

1. Introdução

A segunda metade do século XX e o início do século XXI se caracterizam por grandes transformações tecnológicas e pela crescente importância das mídias no cotidiano das pessoas. Uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço se delineia, as distâncias são superadas num tempo surpreendente, e o acesso às informações atingiu limites impensáveis há algumas décadas: crianças e adolescentes aprendem muito cedo a manipular aparelhos audiovisuais, a decifrar a linguagem das imagens e a vivenciar realidades virtuais.

Se por muito tempo a educação priorizou a linguagem verbal e o texto escrito, recentemente a invasão das imagens provou que o estímulo visual se sobrepõe no processo de aprendizagem. Conforme Pellegrini:

A cultura contemporânea é sobretudo visual. *Video games*, videoclips, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento, muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos. (Pellegrini, 2003: 15)

Vários questionamentos têm sido feitos por educadores e outros profissionais quanto à influência dos meios de comunicação audiovisuais - se favorável ou não ao aprendizado -; seja como for, é impossível ignorar a importância da comunicação imagética, de forma positiva ou negativa, na transmissão de informações e na construção do conhecimento.

Com a democratização do acesso à escola, sem a respectiva democratização da permanência e da qualidade, a escola, principalmente a pública, manteve-se alheia à rápida

¹ Referência à seção *Não é fita...é fato!* da Revista Cinemin, publicação sobre cinema da década de 1950, relançada na década de 1980. Nessa seção, nos anos 1980, João Lepiane relatava algumas curiosidades do mundo do cinema. .

evolução tecnológica do século XX; esta evolução aumentou a distância entre crianças e jovens e as gerações adultas, em função do precoce domínio das novas tecnologias pelos jovens, enquanto os adultos ficaram na retaguarda apenas assistindo sem entender como lidar com tal evolução, tomados pelo medo do desconhecido - de um conhecimento do qual têm dificuldade de se apropriar - e da vergonha de não serem mais os detentores do saber, em que sua autoridade se apoiava. Assim, a escola ignorou a necessidade de se adequar à nova realidade que o desenvolvimento tecnológico do século XX instituiu.

As escolas públicas têm recebido nas últimas décadas computadores, equipamentos audiovisuais e algum acervo em VHS e/ou DVD, criaram-se salas ambientes para projeções de filmes e outras mídias. Com esta pesquisa pretendemos verificar (1) se esses equipamentos e ambientes facilitam a inserção das mídias no processo educativo, (2) se as mídias traduzem-se em práticas educativas diversificadas, (3) se os professores estão capacitados de forma adequada para enfrentar esse novo desafio. A mídia tomada como referência foi o cinema, quer como arte quer como entretenimento, mas, sobretudo, por apresentar uma linguagem específica de (re)construção da realidade através de imagens, e que teve o seu acesso popularizado por equipamentos de uso doméstico como os vídeos cassetes, os DVD *players* e os suportes como as cópias dos filmes em VHS e DVD.

A escolha da linguagem cinematográfica se justifica pela importância que o cinema adquiriu, lembrando que desde o início do século XX já se falava em introduzi-lo na educação como instrumento didático (Serrano *apud*. Bittencourt, 1993) e hoje, sem dúvida, está presente no cotidiano dos alunos, influenciando sua leitura do mundo e sua forma de interpretação da realidade, seja qual for sua faixa etária ou nível sócio econômico. Desde a invenção do cinema, há 110 anos, sua importância educativa vem sendo apontada e discutida; já em 1931, Canuto Mendes de Almeida, afirmava que: “Não há como negar a utilidade do cinema à obra educativa. Nem ninguém a nega. Nós vamos além. O cinema é, hoje, indispensável à educação” (Almeida, 1931:13).

No entanto, em minha trajetória como aluna - durante os estágios de observação -, como professora, e como mãe de aluno pude observar que a utilização do cinema pela escola parece ser ainda incipiente, e, a partir deste indício, vários questionamentos foram suscitados: primeiro, se o cinema é um objeto de conhecimento de que a escola tenha se apropriado de forma definitiva e adequada, segundo, se os cursos de formação de professores preparam os professores para utilizar

o cinema, e finalmente, se a escola se apropriou das novas tecnologias, dos novos saberes e das novas linguagens, e os incorporou ao processo educativo.

2. Objeto e problema de pesquisa – funções explícitas e implícitas do cinema na escola

O objeto desta pesquisa é a utilização do cinema na escola e as diversas possibilidades desta utilização, como instrumento didático, ilustração, abordagem de conteúdo, objeto de conhecimento, linguagem, arte, entretenimento, documento histórico ou representação da realidade.

Apesar de o cinema ser considerado um importante instrumento educativo, há indicativos de que esta utilização ainda é insuficiente e inadequada, assim o procedimento proposto é verificar, no cotidiano escolar, em que medida o cinema é utilizado e de que forma. A reprodução de filmes *per se* não é suficiente para se afirmar que a escola utiliza o cinema de forma adequada; há que se constatar com que objetivos, com que frequência, em que situações, de que forma, que reflexões são forjadas a partir de sua utilização, e principalmente quais os resultados atingidos.

O problema da pesquisa é detectar quais são as formas de apropriação desta linguagem pela escola, pois como expressão artística e cultural, como fonte de lazer ou entretenimento, ou mesmo como uma mercadoria a projeção do filme se justifica por si mesma, mas no âmbito escolar a sua utilização não pode se restringir à função de lazer e entretenimento, cabe à escola recuperar o sentido educativo do cinema. Neste sentido, o filme pode ser utilizado como instrumental didático ilustrando conteúdos, principalmente referentes a fatos históricos; como motivador, na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade. Assim, o sentido pedagógico do filme pode ter um caráter instrumental e cumprir uma obrigação didática, no caso de ser visto como ilustração ou motivação, ou pode extrapolar o conteúdo escolar e adquirir um caráter de objeto que produz novos conhecimentos.

O filme sempre vai além de seu próprio conteúdo, é uma arte que recria a realidade, através de uma linguagem que não é inocente, seja de forma intencional ou não, revela zonas ideológicas conscientes ou inconscientes. Se o educador não faz a mediação, a representação da realidade dada pelo filme se afirma como se fosse uma verdade incontestável, como um testemunho ocular da história. (Ferro, 1992)

Segundo Metz, o cinema através do movimento provoca uma sensação de espetáculo real, ganha um ar de realidade, o irreal tem aparência de acontecimento e não de ficção, o filme é uma construção que manipula os indícios de realidade,

(...) imagens (...) que foram animadas por um movimento tão real, que lhes conferiu um poder de convicção inédito, mas do qual só o imaginário se beneficiou, já que, apesar de tudo, tratava-se de imagens. (...) O "segredo" do cinema é *também* isto: injetar na irrealidade da imagem a realidade do movimento e, assim, atualizar o imaginário a um grau nunca antes alcançado. (Metz, 2006:28; grifo do autor)

Isto posto, a mediação do professor pode se direcionar para uma leitura interna e uma leitura externa do filme, ou seja, para uma análise do texto narrado e do contexto de sua produção, para uma análise do seu conteúdo e da sua forma, realçando como esse conteúdo é tratado, atendo-se a todos os elementos constitutivos da arte cinematográfica, das técnicas, dos grupos sociais que interagem, da política, da sociedade que o produz e o consome. Essa mediação do professor nos remete a outro problema da pesquisa que é o da formação do professor para tal tarefa, conforme Napolitano:

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos. (Napolitano, 2003: 57)

Desta forma, para que o professor faça a mediação ele precisa aprender a “ler” o filme, seja através de uma disciplina específica nos cursos de formação de professores, seja através de cursos de extensão, ou enfim através de uma pesquisa bibliográfica, por conta própria, que o instrumentalize para tal intento; lembrando que o filme explícita ou implicitamente transmite valores, ideologias, “leituras” de mundo, representações da realidade e para tanto utiliza uma linguagem que lhe é específica e que o professor deve saber decifrar.

3. Justificativa – o cinema na escola, uma presença necessária

O cinema é uma invenção, do ponto de vista da história da humanidade, muito recente, mas que rapidamente foi incorporado à vida moderna. Obviamente muitos estudos sobre esta novidade surgiram e resultaram em trabalhos sobre a técnica e a arte cinematográfica e sobre as suas influências na vida das pessoas; no entanto, apesar de intensificados a partir dos anos 1950, os estudos e as pesquisas sobre cinema e principalmente sobre as relações entre cinema e educação são ainda incipientes; segundo Metz,

(...) porque o cinema é coisa recente que se pode julgar normal, até certo ponto, o estado atual, tão decepcionante, das pesquisas a seu respeito. O que, na maioria das vezes, se denominou um “teórico do cinema”, é uma espécie de maestro idealmente ligado a um saber enciclopédico e a uma formação metodológica quase universal: considera-se que ele conhece os principais filmes realizados em todo o mundo desde 1895, assim como o essencial quanto às suas filiações (sendo, portanto um historiador); e assim também, evidentemente, ele é obrigado a reunir um mínimo de noções quanto às circunstâncias econômicas de sua produção (sendo, então, um economista); esforça-se igualmente por precisar em que e de que maneira um filme é uma obra de arte (ei-lo agora como esteta), sem abster-se de encará-lo como uma espécie de discurso (desta vez é semiólogo); muitas vezes prende-se, além do mais, a copiosas observações sobre os fatos psicológicos, psicanalíticos, sociais, políticos, ideológicos aos quais fazem alusão filmes particulares e nos quais destacam seu próprio conteúdo: para tanto, nada menos do que um saber antropológico total é virtualmente requerido. (Metz, 1980: 8)

Vê-se que para o estudioso do cinema é necessário mobilizar informações oriundas de várias ciências, o que confirma a natureza interdisciplinar do cinema; apesar dessa incipiência comentada acima, existe um rico material disponível que pode contribuir para a compreensão do filme, e Metz completa que,

o cinema hoje (fenômeno recente, dissemos), entrou, contudo, para os costumes: não basta mais surpreender-se com ele como com uma maravilha em estado de emergência, é preciso começar a compreendê-lo em seus diferentes aspectos, e para tanto fazer alguma idéia dos diferentes pontos de vista sob os quais o seu estudo pode ser abordado. (Metz, 1980: 9)

Teóricos das relações entre o cinema e a educação, como Serrano e Canuto Mendes, já no início do século XX, apontavam para a intersecção desta invenção com a educação, e desde então, vários autores e educadores têm dedicado suas reflexões sobre a questão da utilização do

cinema em sala de aula, principalmente em disciplinas como História e Geografia; seja como veículo de ilustração ou como forma de introduzir novos assuntos, o filme é considerado um meio de enriquecer o conteúdo programático, de dinamizar as aulas e de tornar o cotidiano escolar menos cansativo para professores e alunos.

Através de um estudo comparativo entre os trabalhos teóricos existentes e a prática docente no que se refere à utilização do cinema pela escola, a presente pesquisa visa dar uma contribuição às reflexões, e pretende levantar os entraves encontrados no cotidiano escolar para a efetiva inserção do cinema na escola, a partir da fala dos próprios professores. Segundo Marília Franco,

o professor deve fazer-se um espectador especializado. Sua especialização é como educador e não como espectador, ao usar o filme na situação de ensino/aprendizagem está exercendo sua profissão de mestre. Como espectador comum acumulou vivência e experiência para aplicá-la ao exercício da sua profissão. Como espectador especializado ele terá autoridade para se fazer interprete das linguagens audiovisuais. (Franco, 1992: 26)

É nessa autoridade, que se refere à qualificação do professor e que não deve ser confundida com autoritarismo, que esta pesquisa teve seu foco de estudo, e espera-se venha a suscitar debates que contribuam para a compreensão e interpretação dos questionamentos por ela levantados.

4. Objetivos e hipóteses

O objetivo desta pesquisa é verificar na rede pública de ensino médio, *se e como* a linguagem do cinema é contemplada nas atividades de ensino; portanto, nos interessa saber em quais disciplinas o filme é utilizado, quais relações são estabelecidas entre o filme e o conteúdo programático, como o filme é contextualizado.

A nossa hipótese é de que o cinema ainda é utilizado, pela escola, de forma incipiente e fragmentada, limitando-se em muitos casos à ilustração de fatos históricos ou à introdução de conteúdos à guisa de estímulo. Uma segunda hipótese é a de que a escola ainda encara o cinema como um instrumento e não como um objeto de conhecimento, que para representar a realidade utiliza signos e mecanismos de expressão que precisam ser decifrados.

A importância histórica conquistada pela linguagem, técnica e recursos utilizados pelo cinema para reconstruir a realidade, dá a ele um caráter de conhecimento historicamente construído, e cabe à escola transmitir aos que a ela chegam este conhecimento, instrumentando os alunos para a “leitura”, não só do cinema, mas de todo e qualquer recurso audiovisual.

5. Quadro teórico

Desde a pré-história o homem faz representações da realidade com o intuito de conhecer, interpretar e intervir no mundo em que vive. Aristóteles, no mais antigo tratado literário, afirma que:

O poeta é imitador, como o pintor, ou qualquer outro artista. E imita necessariamente por um dos três modos: as coisas, tal como eram ou como são; tal como os outros dizem que são, ou que parecem; tal como deveriam ser. Expressa essas coisas por meio de um discurso que consiste de metáforas e vocábulos estrangeiros, e faz muitas modificações nas palavras, pois que aos poetas tal consentimos. (Aristóteles, 1999: 70)

Assim, há milênios o homem conta a sua própria história e faz representações da realidade de acordo com a sua leitura de mundo, através da poesia, da pintura, do teatro, das narrativas orais, da literatura e, acrescentamos, nos últimos cem anos, através também do cinema.

Em 1895, a invenção do cinematógrafo - aparelho que permite registrar uma série de instantâneos fixos, em fotogramas², criando a ilusão do movimento que durante um certo tempo ocorre diante de uma lente fotográfica e depois reproduzir esse movimento, projectando as imagens animadas sobre uma tela ou parede - é o passo decisivo para a invenção do cinema propriamente dito, que se dá a partir da apropriação desse dispositivo, através da “manipulação” do registro, que veio depois a ser chamada de *montagem*. Enquanto a máquina registra o movimento, o cinema o interpreta, o cinema se caracteriza pela encenação, a ação é criada dentro do quadro, é ensaiada e encenada. Os registros tanto dos irmãos Lumière como os de Thomas Edison eram de cenas reais capturadas nas ruas; é Méliès que, com a “descoberta” da técnica da

² **Fotograma** é cada uma das imagens impressas quimicamente na fita de celulóide do cinematógrafo. Projetadas a uma frequência de 24 por segundo, produzem a ilusão de movimento. Isto se deve à incapacidade do cérebro de processar as imagens enviadas pelo nervo óptico como fotografias separadas, quando dispostas sequencialmente a esta velocidade. Esta persistência na visão faz com que o cérebro mescle as imagens seguidas, dando a sensação de movimento natural.

montagem, realiza a ruptura entre registro “verdadeiro” e o registro de ficção e torna as possibilidades de criação infinitas, pois na tela tudo era possível; com a autonomia da imagem em relação à realidade, o cinematógrafo torna-se cinema.

O cinema não reproduz ou reflete a realidade como pretendia o cinematógrafo, e sim a (re)constrói a partir de seus sistemas de significações, da ideologia e da cultura; assim como na obra literária, no filme a narrativa é vivenciada como se estivesse acontecendo no momento em que é lida ou assistida, e no caso do filme, acrescida da materialidade das imagens.

O desenvolvimento da arte cinematográfica criou uma linguagem que, como toda linguagem, é uma elaboração para se chegar a um conhecimento, é um objeto cultural que não pode ser descontextualizado, com a função de reconstruir a realidade; é através da linguagem que nos integramos à nossa cultura, adquirimos identidade e internalizamos os sistemas de valores que estruturam nossa vida.

Na gramática cinematográfica, códigos e elementos como imagens, luz, som, música, diálogos, roteiros produzem infinitas possibilidades de significados. De acordo com Almeida:

Conhecer os sistemas significadores que o cinema utiliza aprimora a competência para ver o filme. O significado de um filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras. (Almeida, 1994: 29)

Quando o espectador domina a linguagem do cinema, desenvolve um senso estético e um olhar crítico de quem não se contenta em ser um receptor passivo, pois participa refletindo sobre os fatos apresentados, construindo e reconstruindo a história.

As emoções provocadas pelos filmes também são carregadas de valores e se referem às formas de lidar com o amor, a raiva, o ódio, a dor, a perda, a frustração, o perdão, o remorso, etc. Segundo Antônio Cândido,

a função histórica ou social de uma obra depende de sua estrutura literária, e esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para a sua matéria, as

circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo. (Cândido, 2000:153)

Cinema é indústria, mas também arte, cuja matéria prima é o tempo; os filmes são efêmeros e eternos, suas cenas mostram imagens da memória cultural da humanidade; é preciso entender os elementos de seu discurso e sua poesia, sua sedução e sua manipulação. Os filmes são textos a serem vistos e sentidos como um todo, o espectador envolve-se com o filme, se identifica com os personagens, cria vínculos, tomando suas dores e alegrias. (Oliveira Jr., 1999)

O significado do texto cinematográfico não é fixo, definido, imutável, ele se produz na relação com o público, portanto não existe um significado oculto a ser reconhecido, mas significados, produtos das diversas leituras que dão sentido ao filme. Segundo Flávio Desgranges, a compreensão da obra passa pelo diálogo com a experiência cotidiana, é uma elaboração reflexiva que não se processa sem esforço. Descobrir o prazer desta análise é aprender a ser espectador, tornar-se autor de histórias, fazedor de cultura. (Desgranges, 2003)

Tanto o filme como o público sofrem a influência da cultura e da ideologia. Tornar o educando apto para entender os códigos e a linguagem do cinema, para fazer uma leitura do filme e, por conseguinte dar-lhe condições de compreensão dos sentidos possíveis dentro do contexto na qual se apresenta, é tão necessário e importante quanto o domínio das outras linguagens integrantes da grade curricular. Bernardet afirma que:

Dizer que o cinema é natural, que ele reproduz a visão natural, que coloca a própria realidade na tela, é quase como dizer que a realidade se expressa sozinha na tela. Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema (...) elimina-se a possibilidade de dizer que essa fala ou esse cinema apresenta um ponto de vista. (Bernardet, 1980: 19)

Assim, o papel do professor é fundamental para fazer esta mediação entre o filme - que representa sempre apenas um ponto de vista sobre a realidade -, e suas possíveis interpretações; para tal tarefa, o professor precisa aprender a ser um espectador *especial*, conhecendo a linguagem cinematográfica.

Estudiosos do cinema como manifestação artística, cultural e histórica, fazem uma análise da linguagem fílmica a partir de um enfoque que é de um modo geral, ignorado pela escola. Toda obra literária, cinematográfica, ou de qualquer outra forma artística, mantém uma relação dialógica com a sociedade; esta interfere na construção da obra, que também influencia a

realidade objetivando transformá-la ou confirmá-la. Esta relação precisa ser explorada nas reflexões sobre o filme, lembrando que, como já vimos nas citações acima de Cândido e Bernardet, embora o social influencie a obra, esta não o reproduz ou reflete.

Questões abordadas de forma subliminar, que aparentemente passam despercebidas pelo público determinam juízos de valores, comportamentos e pensamentos, interferindo nas relações sociais e na leitura de mundo. A esse respeito Rosenfeld salienta

[...] a possibilidade de se verificar uma série de influências de ordem mais sutil e subreptícia, capazes de modificarem, pouco a pouco, certos costumes e normas de determinada sociedade sob o constante impacto do consumo em massa de fitas de determinada proveniência. Esses efeitos lentos e subreptícios que, de início, não abalam as opiniões conscientes, nem provocam atos ilegais ou anormais, mas que suscitam apenas uma ligeira modificação de hábitos e comportamentos, são evidentes e facilmente comprováveis. (Rosenfeld, 2002: 224/225)

Se por um lado existe uma função mercadológica do cinema – voltado para a propaganda - por outro lado o momento histórico influencia a produção cinematográfica, de forma que as emoções provocadas pelos filmes são permeadas pelos valores e pela maneira de se lidar com os sentimentos de amor, ódio, dor, perda, raiva, frustração, de que falava Antonio Candido.

O filme, assim como outras obras artísticas, depende de condições de produção e de mercado, e não de condições didático-pedagógicas – a menos que seja um filme estritamente autodenominado educativo. No entanto, acreditamos como Marília Franco, que todo filme é educativo, pois trata de um conteúdo determinado e tem uma linguagem própria que é uma forma de transmissão de conhecimento. Por detrás da história narrada, há um diretor com determinado ponto de vista, que recorre a meios expressivos e tecnológicos e a uma forma de narrativa; o filme é um instrumento e objeto de conhecimento que produz e veicula uma linguagem artística, mas também ideológica e política.

Como bem diz Arendt (2002), ao educador cabe transmitir aos mais novos o conhecimento acumulado, e também, fazer com que construam novos conhecimentos. As várias linguagens elaboradas historicamente, inclusive a linguagem do cinema, com seus conjuntos de códigos e convenções, fazem parte deste saber; a utilização do cinema pela escola não pode se restringir à ilustração de conteúdos ou se dar de forma fragmentada, pois o filme, assim como o conhecimento histórico, é um processo que comporta uma pluralidade de interpretações e é uma

construção imaginativa a ser pensada e trabalhada incansavelmente. Como bem lembra Napolitano:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. (Napolitano, 2003: 15)

Há que se lembrar que o professor desenvolve sua prática educativa em uma instituição - a escola - e, por conseguinte, essa prática se relaciona diretamente com sua concepção de educação e de escola para poder realizar esse desafio; como afirma Rios:

a escola não é uma entidade abstrata. Ela tem características específicas e cumpre uma função determinada, na medida em que está presente e é constituinte de uma sociedade que se organiza de maneira peculiar, historicamente. Ela resulta do trabalho e das relações estabelecidas em seu interior, é o espaço da práxis de determinados sujeitos. E pode-se afirmar que o caráter contraditório da escola advém da contradição presente na prática desses sujeitos, que, ao transmitirem o saber, ao estabelecerem certas relações, mantêm e transformam esse saber, essas relações. (Rios, 2001: 45)

Estas são questões que permeiam o trabalho do professor, estão presentes no cotidiano escolar, e no sentido que se dá à educação, e como complementa Rios:

(...) é preciso pensar na relevância da atuação do profissional que é o intermediário entre o aprendiz - o educando - e a realidade, a partir de cujo conhecimento ele poderá, isso sim, atuar e transformar, transformando também a si próprio. (Rios, 2001: 70)

As reflexões sobre a inserção do cinema na escola, de forma que ela realmente se aproprie desse saber, passam por esses questionamentos: sobre o papel do professor, da educação e da escola na construção de um determinado tipo de sociedade.

6. Fontes e procedimentos

Essa investigação inclui (1) uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria e história do cinema e das suas possíveis intersecções com a educação e (2) a realização de uma pesquisa de campo em escolas da rede pública estadual de Ensino Médio.

A partir dessas duas pesquisas – teórica e empírica – podemos estabelecer um paralelo entre o que é proposto pelos estudiosos do cinema e da educação e o que efetivamente tem se concretizado no processo educativo no interior das escolas com relação à utilização do cinema.

O Centro de Referência para a Educação Mário Covas – CRE - foi uma fonte de informação importante por ser um órgão executor da política educacional da Secretaria Estadual da Educação.

Capítulo II - O cinema educativo (algumas iniciativas oficiais)

1. Introdução

Desde seu advento, o cinema foi fonte de emoções, ao lado do teatro, da literatura e das artes plásticas, influenciando o vestuário, as maneiras, os hábitos, os desejos e até as necessidades de seu público. Embora a intenção dos inventores do cinematógrafo fosse apenas o entretenimento, logo se percebeu a sua interferência na formação das crianças e dos jovens, fosse essa influência intencional ou não, e os educadores não poderiam ficar indiferentes a essa invenção *formidável*³, cuja influência e força tanto poderiam ser vistas como um colaborador como um perigo para o trabalho educativo.

No início do século XX, o cinema foi um meio de divulgação científica e intelectual de grande força psicológica, a tal ponto que segundo Munsterberg, a arte do cinema está em determinar o foco da atenção do espectador, evocar a sua memória e a sua imaginação, pois

o cinema pode agir de forma análoga à imaginação: ele possui a mobilidade das idéias, que não estão subordinadas às exigências concretas dos acontecimentos externos mas às leis psicológicas da associação de idéias. Dentro da mente, o passado e o futuro se entrelaçam com o presente. O cinema, ao invés de obedecer as leis do mundo exterior, obedece a da mente. (Munsterberg, 2003: 38)

Munsterberg destaca também a importância da sugestão na relação entre a mente e as cenas filmadas:

[...] a idéia despertada na consciência pela sugestão é feita da mesma matéria que as idéias da memória ou da imaginação. As sugestões, assim como as reminiscências e as fantasias, são controladas pelo jogo de associações. Existe, porém, uma diferença fundamental: para todas as outras idéias associativas, as impressões externas representam apenas um ponto de partida [...] as lembranças e as fantasias são vivenciadas como suplementos subjetivos: não acreditamos na

³ A palavra *formidável* vem do latim *formidabile*, e significava terrível, temeroso, pavoroso, nos séculos XVII e XVIII. Na acepção moderna significa sensacional, soberbo, admirável. Esse diacronismo do significado reflete bem os efeitos do invento nos espectadores da época. Fonte: Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, José Pedro Machado, Lisboa: Editorial Confluência, 1956; e Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa, Francisco Fernandes, Porto Alegre: ED. Globo, 1980.

realidade objetiva. A sugestão, por outro lado, nos é imposta. A percepção externa não é apenas um ponto de partida, mas uma influência controladora. (Munsterberg, 2003: 43)

Estudos mais modernos, como o de Mauerhofer de 1949, colocam o cinema como operador de uma mudança psicológica na consciência provocada pela *situação cinema* – isolamento visual e auditivo – cuja característica essencial é a fuga voluntária da realidade cotidiana⁴. Segundo o autor:

Os efeitos psicológicos da sensação modificada de tempo e espaço – isto é, o tédio incipiente e a exacerbação da atividade da imaginação – desempenham papéis decisivos na situação cinema. Ao se fazer a escuridão dentro do cinema, essas mudanças psicológicas são acionadas. O filme na tela vem de encontro tanto ao tédio incipiente como à imaginação exaltada, servindo de alívio para o espectador, que adentra uma realidade diferente, a do filme. (Mauerhofer; 2003: 377)

A percepção de sua força psicológica sobre o público fez com que o cinema não fosse desprezado pelo educador, por conseguinte dois movimentos foram suscitados: por um lado, o cinema introduzido na escola modificando processos e métodos de educação e, por outro lado, uma outra perspectiva educativa, preocupada mais com suas influências do que com seu potencial como recurso didático, tentava “orientar” ou “desviar” o cinema dos possíveis caminhos “desacertados” a que os interesses mercantis o poderiam levar.

2. As primeiras tendências educativas

Em 1898, um médico permitiu que, através do cinematógrafo, fosse reproduzida uma de suas operações e justificou: “*É para meu ensino pessoal e para o de meus discípulos*” (Serrano; 1930), o que foi suficiente para Serrano, parafraseando Coissac, afirmar que, “*Nascera o cinema educativo, mas o exemplo devia esperar por muito tempo até produzir frutos*”. (Coissac *apud* Serrano, 1930: 24)

Serrano relata várias iniciativas de utilização educativa do cinema desde o início do século XX: em 1901, foi utilizado para estudo dos fenômenos físicos, principalmente os ligados à meteorologia; em 1906, os franceses discutiam a questão do emprego do cinema para fins

⁴ Esta situação cinema não é possível – com raras exceções – no ambiente escolar, onde o filme é utilizado dentro dos padrões permitidos pela sala de aula, esta questão voltará a ser comentada na análise crítica dos resultados.

educativos e, em 1911, já era empregado em cursos públicos, no ensino de Geografia, Ciências naturais e História natural; em 1920, um Congresso Institucional em Bruxelas apontava para a possibilidade do cinema escolar e para a necessidade da reforma moral da cinematografia. Essas iniciativas não se limitaram à Europa. Na América, Edison fazia filmes de Física, Química e História natural para seus netos, cuja importância foi reconhecida e difundida pela pedagogia, e sob a direção de especialistas, a *De Vry School Films Incorporated* produziu filmes sobre vários assuntos, calculados para uma aula de quarenta e cinco minutos: cinco minutos de preparação, a exibição dos filmes que durava por volta de quinze minutos e o restante do tempo – por volta de vinte e cinco minutos - dedicado para perguntas e discussões. Acompanhavam as fitas, manuais explicativos com modo de preparação da lição, objetivos, resumo do tema da aula, questionamentos e bibliografia. (Serrano, 1930)

2.1. Os perigos do cinema “deseducador”

Servindo não só como distração, mas contendo também cenas de roubos e assassinatos que ficam gravadas nas mentes infantis e adolescentes, os filmes foram, desde a primeira metade do século XX, questionados como uma perigosa forma de instigação, cuja força moral era atestada desde a moda até os arranha-céus e as fardas dos inspetores de veículos, desde os passos de danças até as modalidades de crimes, desde as liberdades dos namoros até a quase indiferença com que se assiste a um escândalo conjugal, tudo nasce e progride sob a inspiração e ao mágico influxo do cinema comercial norte-americano e europeu. (Almeida, 1931)

Frente a esse perigo dito deseducador do cinema, vários países desenvolvidos adotaram medidas para garantir os “benefícios” da educação através do cinema, e contra os “malefícios” instituíam regulamentos de fiscalização, cabendo ao Estado um papel fundamental que incluía além da censura e da fiscalização, a confecção e exibição de fitas “úteis” ou “necessárias” à educação. Se o cinema mercantil tanto educa como deseduca, de acordo com interesses políticos e econômicos, o movimento de ajuste do cinema à Educação haveria de se fazer por um caminho de mão dupla: a introdução do *cinema na escola*, através do uso pedagógico das fitas, e da interferência da *escola no cinema*, através da produção de fitas de teor educativo. O primeiro rapidamente é observado em vários países; já o segundo é conquistado mais lentamente, devido aos interesses econômicos, da emergente e promissora indústria cinematográfica. Para garantir

essa interferência, a saída seria a ação da censura e a produção oficial, ou seja, o Estado transformar-se em produtor.

As teorias liberais, que orientam a política e a economia capitalistas, condenariam ao fracasso qualquer tentativa de submissão do cinema aos poderes públicos, como ocorria na União Soviética, onde o Estado que, consoante a ideologia, determinava o que e como filmar, onde e quando exibir. A produção oficial supostamente deveria ter quantidade e qualidade de filmes suficientes para neutralizar os malefícios dos filmes comerciais, e para tal haveria de se criar um departamento ligado à Secretaria da Educação, que fosse conhecedor das condições do mercado cinematográfico e com funcionários técnicos em cinema, que pudessem produzir um programa dentro das exigências pedagógicas de uma cultura higiênica, econômica, moral e espiritual (Almeida, 1931). Conforme Almeida, o cinema é:

útil à educação, é necessária a fita como fator educativo. O cinema mercantil é capaz, às vezes, de educar, mas quase sempre deseduca... É preciso, assim, que a Educação reaja com as mesmas armas, 'olho por olho, dente por dente'. Contra o mau cinema, só o bom cinema. (Almeida, 1931:201)

No título de seu livro – *Cinema contra cinema* - Almeida, que nutria uma enorme e reconhecida admiração pela energia do cinema e pela sua força educativa, deixava clara sua preocupação com o mau cinema; para ele era necessário “primeiro educar o cinema para que ele pudesse, então, educar”.

O cinema educativo era apontado como forma de reprodução e ilustração das coisas e dos fatos tratados pela escola, substituindo outras técnicas pedagógicas, lembrando que, o comentário do professor mantinha-se indispensável e insubstituível, dirigindo a recepção do filme, complementando as explicitações da imagem fílmica:

O cinema substitui as descrições verbais ou escritas de quaisquer figuras concretas e coisas, fatos e fenômenos. Embora o faça com indiscutível superioridade, porque é o melhor processo de representação de imagens, ainda não exclui a necessidade do professor... Nos casos em que o cinema pode substituir o quadro negro, o mapa e as descrições verbais, é, também, indispensável o comentário do professor para ajustá-lo às peculiaridades e disposições físicas da classe. Mesmo quando se trata de fita sonora. A palavra do mestre completa aí, o valor das vistas, sons, fala, da tela, [...] tornando-as mais passíveis de assimilação e mais favoráveis a ulteriores e produtivas abstrações individuais. Apenas, no cinema há menos que completar. (Almeida *apud* Saliba, M. E. F., 2003: 115)

Como contraponto a essa visão do cinema espetáculo ou mercantil como deseducador, Rosenfeld (2002) alerta para a limitação dessa influência, que existe sim, mas não é tão forte, como no caso, por exemplo, de comportamentos criminosos que poderiam ser suscitados por filmes desta natureza; o filme pode sugerir a forma, mas não desencadear um ato que depende de uma tendência criminosa pressuposta. Conforme Rosenfeld:

Para apreciar o problema corretamente é preciso considerar que não há espectador que assista a um filme de “cabeça vazia”: ele o vê sempre como que através de um tecido de valores, normas, concepções, juízos e preconceitos, tecido esse que filtra as suas experiências. Quer isto dizer que ele apreende a fita de forma seletiva, como parceiro mais ou menos ativo no jogo de ação e reação. (Rosenfeld, 2002: 224)

Assim, ao contrário de nos voltarmos contra o cinema pelos seus riscos deseducadores, há que se refletir, como adverte Bittencourt (1993), sobre que trabalho tem sido feito pelos professores, quais as formas de apropriação desse instrumento didático. Três aspectos são fundamentais para que a análise dos filmes não se restrinja ao enredo do filme: (a) elementos do roteiro – roteiro, direção, fotografia, música e atuação dos atores; (b) contexto social e político da produção; (c) recepção do filme e recepção da audiência (Kornis *apud* Bittencourt, 1993).

3. O cinema educativo no Brasil – a presença do Estado

No Brasil, desde antes da primeira guerra, a criação da Filmoteca do Museu Nacional, em 1910⁵, mostra que o cinema já era apontado como um possível auxiliar do ensino e da pesquisa. O professor Roquette Pinto, em 1912, trazia da região onde fica o atual Estado de Rondônia, os primeiros filmes produzidos sobre os índios nambiquara. O cinema educativo começa a aparecer em vários pontos do país, no entanto, essas tentativas de produção nacional, sem o apoio oficial, não suportaram a competição estrangeira.

⁵ Experiência brasileira pioneira, idealizada pelo antropólogo Edgard Roquette Pinto, para servir de repositório da evolução dos costumes urbanos nacionais e de registro das culturas indígenas presentes no país, a Filmoteca funcionou durante décadas e reuniu importante coleção de filmes. O descaso, a falta de conhecimentos de conservação de filmes e o tempo destruíram quase todas as películas.

Na década de 1920, o apoio oficial se faz presente em relação ao *consumo*⁶, em 23 de janeiro de 1928, o artigo 296 do decreto 3821 da Reforma do ensino do Distrito Federal determinava que:

todas as escolas de ensino primário, normal, doméstico e profissional, quando funcionarem em edifícios próprios, terão salas destinadas à instalação de aparelhos de projeção fixa e animada, para fins meramente educativos. (Almeida, 1931:208)

O regulamento do decreto 2940, de 22 de novembro de 1928, no artigo 634, acrescenta que:

o cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar de ensino que facilite a ação do mestre, sem substituí-lo. O cinema será utilizado sobretudo para o ensino científico, geográfico, histórico e artístico. A projeção animada será aproveitada como aparelho de vulgarização e demonstração de conhecimentos, nos cursos populares noturnos e nos cursos de conferências. (Almeida, 1931:208)

No entanto, afirmar a importância do cinema educativo e a implementação de leis e regulamentos, parece-nos que não foi suficiente para a sua concretização, quer como consumo quer como produção, pois vários problemas referentes à aparelhagem, a aquisição, aluguel, produção, adaptação, seleção e distribuição dos filmes, e a orientação dos professores, haveriam de ser contornados, caso contrário, qualquer obra do cinema pedagógico estaria fadada ao fracasso.

Há indícios de que, antes de a Reforma Fernando de Azevedo incluir o cinema educativo na reorganização do ensino, foi organizado um plano sistemático de ação: em 1927, foi criada a Comissão de Cinema Educativo, sob a direção da Sub-Diretoria Técnica de Instrução Pública do Rio de Janeiro; esta Comissão realizou em 1929 uma Exposição de Aparelhos de Projeção Fixa e Animada na Escola José de Alencar, local de fácil acesso, com salas amplas e magnífico salão que permitia projeções com aparelhos de todos os tipos. Inicialmente havia uma demonstração prática dos aparelhos de projeção fixa, depois de projeção animada em medida reduzida (*Pathé Baby*) e por último, aparelhos de medida universal, distribuição de catálogos, propaganda, notas

⁶ O apoio oficial para a produção só vai ocorrer a partir de 1937 com a criação do INCE.

bibliográficas e à noite havia palestras sobre educação e possibilidades de utilização do cinema ao ensino, acompanhadas de projeções (Almeida, 1931).

A Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo, em julho de 1931, criou uma Comissão formada pelos professores José de Oliveira Orlandi, Galaôr Nazareth de Araújo e pelo presidente da Sociedade de Fotografia, Venâncio de Barros, para organizar um plano preparatório, para posterior implantação de atividades do cinema educativo escolar. Um dos itens deste plano foi a realização nas férias, de uma Semana do Cinema Educativo, com exposição de aparelhos e películas, estandes de casas de comércio e exibições de aulas piloto sob o acompanhamento de um professor. Por falta de tempo o evento deu lugar a uma exposição preparatória instalada no Instituto Pedagógico⁷ de 20 a 28/07/1931.

A falta de verbas fez com que a Comissão mantivesse forte controle sobre os planos das escolas, sendo as sessões cinematográficas classificadas em recreativas e educativas; as primeiras podiam exibir qualquer fita⁸, desde que aprovadas pela censura da Comissão; essas fitas eram alugadas, havia cobrança de ingresso e o dinheiro arrecadado era destinado um terço para subsidiar os ingressos dos alunos pobres e, dois terços para aquisição de novos aparelhos e formação da filmoteca. Assim, as sessões educativas mantinham-se às expensas das sessões recreativas. A Filmoteca Oficial não previa montar uma coleção de fitas recreativas e sim conter apenas fitas educativas e instrutivas (em menos de três meses de ação oficial, a Filmoteca Central contava com mais de vinte fitas educativas). (Almeida, 1931)

3.1. O Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE

A inserção da educação no cinema brasileiro – *produção* -, ao que parece, encontrou alguns entraves; em primeiro lugar, o cinema educativo ou instrutivo embora fosse recomendado, era muito oneroso; em segundo lugar, havia a questão da censura, que era muito mais um instrumento de interesses políticos - os departamentos de censura tinham funções policiais, seus funcionários não eram técnicos em cinema ou em educação.

⁷ A Escola Normal Secundária da praça da República, em 12 de fevereiro de 1931, através do decreto estadual nº 4.888, passa a denominar-se Instituto Pedagógico, e em 1933, é transformado no Instituto de Educação, que seria incorporado, no ano seguinte, à Universidade de São Paulo. (Fonte: Beisiegel, Celso de Rui – Origens as orientações da pesquisa educacional na Faculdade de Educação da USP, in Educação e Pesquisa – Revista da Faculdade de Educação da USP, julho-dezembro, vol.29, número 02 – 2003, pp. 357)

⁸ Na época, eram chamadas de fitas as cópias (rolos de celulóide).

Surge, então, a proposta de criação de um Instituto Nacional de Cinema Educativo, por orientação da Promotoria Pública; tal Instituto teria dois departamentos: um de seleção de fitas pedagógicas ou não pedagógicas, e outro de exibição em escolas, cinemas, praças públicas e em missões ambulantes. Sua função seria de centralizador e coordenador dos núcleos de atividades, promoveria a reforma dos serviços de censura⁹, e acolheria pequenas empresas produtoras, incrementando a implantação de uma grande indústria nacional de cinema.

Em 1935, o antropólogo Edgar Roquette Pinto, diretor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro desde 1923, e que já vinha desenvolvendo atividades no sentido de alargar os caminhos da comunicação no Brasil através da implantação do rádio, das incursões do Marechal Rondon pelo interior e pela criação da Revista Nacional de Educação; envia ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema, o projeto de criação de um Instituto de Cinematografia Educativa. No ano seguinte, o presidente Getúlio Vargas cria a Comissão Instaladora do INCE – Instituto Nacional do Cinema Educativo, oficializado pela aprovação da Lei 378 de 13 de janeiro de 1937, artigo 40, com o objetivo de promover e orientar a utilização do cinema como auxiliar no processo de ensino e como meio de educação popular em geral.

Ao assumir a direção do INCE, Roquette Pinto traz consigo a concepção de que o cinema educativo quase sempre não passava de cinema instrutivo, pois considerava como educativo o grande cinema de espetáculo, o cinema da vida¹⁰, posto que a instrução se dirige à inteligência e pode ser uma ação individual, enquanto a educação se refere à aquisição de hábitos e costumes de moralidade, higiene, sociabilidade, trabalho e lazer, portanto, resulta do cotidiano familiar e social (Franco, 2004). Como seu primeiro diretor, dotou o INCE de uma filmoteca que privilegiava os filmes brasileiros, de tal forma que em 1943, o acervo já contava com 587 filmes em 16 e 35 mm, disponibilizados para 232 escolas registradas, em parceria com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, das Secretarias de Educação dos Estados e do Ministério da Educação, e para incentivar a participação das escolas, para as que adquirissem um projetor sonoro de 16 mm, eram dados quatro filmes como prêmio.

⁹ Em fevereiro 1931, a Associação Brasileira de Educação entrega um memorial ao chefe de Polícia do Distrito Federal pedindo maior rigor na aplicação dos dispositivos regulamentares no tocante ao decoro público das fitas e peças teatrais e sugere a sujeição do serviço de censura, com caráter federal, ao Ministério da Educação.

¹⁰ Esta é uma concepção contrária à de Canuto Mendes, que via no cinema de espetáculo ou cinema da vida um perigo (des)educador. Apesar de serem contemporâneos, a visão da relação do cinema com a educação de Roquette Pinto era mais moderna e arrojada.

Humberto Mauro¹¹, que já vinha há algum tempo se destacando no cinema, foi chamado por Roquette Pinto, para assumir o cargo de Chefe dos Serviços Técnicos do INCE, onde produziu, em seis meses, 28 filmes, que totalizavam 150 minutos de filmagem, sobre os mais variados temas. Em 50 anos, Humberto Mauro produziu 228 filmes educativos e muito contribuiu para a realização e reflexão sobre o filme educativo. Sua presença foi decisiva para o INCE, que graças a ele se tornou um fértil centro de produção de curtas e médias-metragens de grande importância histórica, e talvez sem ele se tornasse um mero gerador de filmes chatos e inócuos sobre ciência e o cotidiano oficial da política brasileira. Desde o início da produção do Instituto, Humberto Mauro buscou alternativas para tornar os temas mais palatáveis, isto porque não se restringia aos fatos históricos ou científicos, inseria sempre sua visão pessoal; sua produção não é apenas documental, mas permeada por uma liberdade poética que tornou sua obra importante para a história do cinema.

Em 18 de novembro de 1966, é criado pelo Decreto-lei nº 43, o INC - Instituto Nacional do Cinema, com o objetivo de promover e estimular o desenvolvimento das atividades cinematográficas no país e com a função de formular e executar a política governamental relativa à produção, importação, distribuição e exibição de filmes, ao desenvolvimento da indústria cinematográfica brasileira, ao seu fomento cultural e à sua promoção no exterior. O INCE é, então, absorvido pelo INC, e transforma-se no DFC – Departamento do Filme Cultural. Em 1969, os recursos do imposto sobre a remessa de lucros, bem como a carteira de financiamento de filmes brasileiros, foram transferidos para a recém-criada Embrafilme¹², fato que diminuiu muito as atribuições e o sentido da existência do INC; em 9 de Dezembro de 1975, a Lei 6.281 determinou a extinção do Instituto Nacional de Cinema, transferindo suas atribuições para a Embrafilme, ficando o cinema educativo a cargo do DFC – Departamento do Filme Cultural – subordinado à Diretoria de Operações não-Comerciais¹³ da Embrafilme. Em 1978, o DFC possuía 721 títulos, e emprestou 2257 cópias, num total de 980 atendimentos.

¹¹ Humberto Mauro nasceu em 1897, na Zona da Mata de Minas Gerais, e aos 26 anos começou a se interessar pelo cinema, momento em que o Brasil vivia a expansão do mercado cinematográfico e a repercussão da Semana de Arte Moderna de 22. Inicialmente, foi seu talento pela mecânica que o atraiu na máquina de filmar, em 1925 realizou seu primeiro filme em Cataguases, em Minas Gerais, quando foi para o Rio de Janeiro em 1930 já havia feito cinco filmes de longa-metragem.

¹² A Embrafilme foi uma empresa estatal brasileira produtora e distribuidora de filmes cinematográficos. Foi criada através do decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969, como Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima.

¹³ Está presente nesta medida ainda, a idéia de Canuto Mendes sobre cinema educativo e comercial, com a qual não concordamos, pois assim como Marília Franco, consideramos todo filme como educativo.

Fundado com o objetivo de criar uma imagem para o Brasil, num momento em que a Europa dava sinais da importância do cinema como ferramenta de transmissão das idéias oficiais, o INCE, nos seus 30 anos de existência, foi a experiência mais importante do cinema educativo no Brasil. O pensamento positivista, base da sua ideologia, “chamava” os detentores do conhecimento a cumprir a tarefa de passar esse conhecimento aos “ignorantes”, posto que a ciência era a força do crescimento da nação e todos deveriam ter acesso a ela. Assim, se o saber iria salvar o Brasil, o INCE seria o motor da tarefa de educar o povo brasileiro (Franco, 2004). Apesar dos recursos técnicos do INCE terem garantido uma importante realização cinematográfica, não conquistou, no entanto, a desejada articulação com os programas de ensino, como fica claro na pesquisa relatada abaixo:

Levantando os títulos dos filmes realizados procurei encontrar uma linha pedagógica que orientasse o trabalho, no sentido de dar ênfase a tal ou qual nível de ensino, tipo de abordagem ou área do conhecimento. Encontrei de tudo: geografia, música, medicina, educação rural, documentação científica e industrial, história, literatura, registros documentais. A análise do material preservado levou-me à constatação de que não havia uniformidade didática. Sequer era clara a articulação com os programas de ensino, então vigentes. Neste caso fez falta o educador, para orientar a “linha editorial”. Essa produção dispersa fica mais comprometida quando avaliamos o consumo desses filmes através dos dados fornecidos pelo próprio INCE e os comparamos com os níveis de escolarização do Brasil, na época. (Franco, 2004:31)

Os ideólogos da reforma educacional dos anos 1920 e 1930 visavam integrar a educação a um projeto de modernização e desenvolvimento econômico, já que o país, como outros países periféricos, começava a se industrializar; desde a primeira grande guerra, o Brasil iniciou um processo de (1) substituição das importações pela manufatura nacional, (2) desenvolvimento de um mercado interno oriundo da imigração e do crescimento da população urbana devido ao êxodo rural, indícios de um caminho para o desenvolvimento industrial.

As transformações econômicas se refletem na educação e nas reformas educacionais propostas nos anos 1920 e 1930, que defendiam o ensino laico, gratuito, universal sob o controle do Estado. A prática, porém, não repete a teoria, pois sendo o Brasil uma economia dependente, a acumulação de capitais se deu a partir da queda das importações, e não a partir do desenvolvimento tecnológico que incrementava a produção das economias autônomas, e manteve sua mão-de-obra pouco qualificada, abundante e barata, paralela à importação de equipamentos e

know-how; assim a industrialização se deu sem uma pesquisa científica satisfatória (Franco, 2004).

A economia brasileira dependente se reflete no cinema, que embora tenha chegado muito cedo no país e, em 1908 o Rio já vivesse uma *belle époque* cinematográfica, na verdade só produzia tímidas imitações dos filmes europeus e americanos, tecnicamente inferiores e que rapidamente se tornaram marginais; assim, o mercado cinematográfico consolida-se através do consumo da produção estrangeira, e a importação de cultura - característica da elite - “democratiza-se” com esse consumo. O modelo americano determinava as iniciativas brasileiras, e sua impregnação foi tão grande que adquiriu qualidade de “coisa nossa” na linha de que nada nos é estrangeiro, pois tudo o é (Gomes, 1980). Na década de 1930, o cinema falado e a crise de *Wall Street* possibilitaram que a cultura caipira tomasse forma cinematográfica, dando novo impulso à indústria do cinema brasileiro.

O INCE, dentro desse quadro, pode ser visto, segundo Franco (2004), como uma “ilha da fantasia” da produção cinematográfica, pois seu alcance se restringia ao Rio de Janeiro, no momento em que o Ministério, à qual estava ligado, pretendia instalar e difundir uma reforma educacional de caráter unificador em todo o país; o Instituto empreendeu um projeto que beneficiou apenas a elite urbana, da capital do país. Como afirma Franco: “O cinema era, com certeza, um recurso sofisticado demais para fazer parte de uma reforma educacional que precisava, antes de tudo, construir escolas e colocar alunos dentro delas.” (Franco, 2004: 32)

Mesmo que a produção do INCE não tenha efetivamente conseguido consolidar as relações entre o cinema brasileiro e a educação, nem fortalecido a formação do docente no uso do cinema, seus filmes têm grande valor de registro da história e da cultura brasileira e até hoje podem, devem e têm sido aproveitados amplamente.

4. O cinema educativo no Brasil - a proposta formadora da FDE

A FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação, foi criada em 1987 para ser o órgão executor da política da Secretaria Estadual da Educação, e entre suas propostas estava colocar em prática as ações do governo do Estado para o setor educacional. Com o intento de apoiar o trabalho do professor, a FDE criou uma biblioteca e uma videoteca, cujos acervos são disponibilizados, sem nenhum custo, aos professores da rede pública estadual.

Em outubro de 1991, a FDE realizou o seminário *Cinema e vídeo: os usos e suas implicações na vivência escolar*, que propunha uma reflexão teórica que complementasse a série *Apontamentos*¹⁴, publicação que acompanha os filmes da Videoteca FDE. A partir dos debates com professores, com o intuito de lhes dar subsídios e estimular uma reflexão teórica, em 1992, a FDE lançou a coleção *Lições com Cinema*, sob a coordenação de Antônio Rebouças Falcão e Cristina Bruzzo, com a colaboração de especialistas em cinema e educação, na produção de textos.

Segundo a ementa disponível no sítio da FDE¹⁵, o primeiro volume da coletânea reúne textos que expõem a contribuição da arte cinematográfica nas discussões sobre temas polêmicos, estabelecendo relações de interdisciplinariedade do Cinema com a Literatura, a História e a Geografia; o volume 2 reúne textos que complementam os *Apontamentos*¹⁶, abordando assuntos referentes ao universo escolar, na perspectiva tanto dos programas curriculares quanto da formação dos quadros do magistério e das relações presentes na escola, bem como ao exame de como eles aparecem refletidos na produção fílmica; o volume 3 reúne textos que registram informações e reflexões sobre a trajetória do cinema e seus artistas, aproximando a dimensão das emoções transmitidas a todos aqueles que, interessados na arte cinematográfica, o fazem com os olhos voltados para a educação; e o volume 4 reúne textos sobre o cinema de animação abordando sua história, a técnica e expressão, os tipos de produção e as personagens marcantes. A partir do volume 2, a publicação de textos em cadernos separados, característica do volume 1, é substituída pela concepção e organização como um conjunto de textos cujos nexos e afinidades se estabeleciam a cada nova publicação. Os volumes 2, 3 e 4 da coletânea foram editados entre 1993 e 1996.

O volume 1 agrupa cinco cadernos com um ou mais textos principais, e um anexo com depoimentos, glossário, textos menores e acervo da biblioteca da FDE. A seguir faremos um resumo analítico dos cinco cadernos do volume um de *Lições com Cinema*.

No Caderno nº 1, Marília da Silva Franco, no texto *A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais*, mostra a importância dos meios audiovisuais e sua relação com a educação, que

¹⁴ Foram publicados por volta de 400 títulos, disponibilizados para o professor ao emprestar um filme do acervo da FDE.

¹⁵ <http://www.fde.sp.gov.br/subpages/publicacoes/cinema.htm>

¹⁶ A série *Apontamentos* se constitui de livretos de em média 20 páginas, cada um deles tratando de um filme de forma detalhada quanto a forma e conteúdo, com os seguintes tópicos: ficha técnica, resumo, aspectos cinematográficos do filme, aproximações (com correntes de pensamento e com a realidade), afinidades (com outros filmes e livros), disciplinas indicadas.

além de não poder ignorá-los, pode em contrapartida amenizar seus efeitos negativos; faz uma rápida incursão pela história do INCE, concluindo com uma densa reflexão sobre a formação e o papel do professor no processo de apropriação dos meios audiovisuais pela escola. Na análise da natureza pedagógica intrínseca às linguagens audiovisuais, a autora levanta três questões: (1) a do preconceito em torno da influência do cinema, que levou à equivocada criação de uma cinematografia voltada para a educação, (2) a do divórcio entre sociedade e escola que condenou o cinema a viver fora dos muros da escola ao invés de estudar em profundidade seu potencial formador, e (3) a da busca do recurso do vídeo, muitas vezes encarada como forma de matar aula. Para vencer os equívocos e desvios das relações entre audiovisuais e escola recomenda que o professor descubra seu perfil de espectador entrando no jogo do faz-de-conta das histórias. Conclui com dois alertas, com os quais inclusive concordamos: “todo filme é educativo” e “o professor deve fazer-se um espectador especializado”. Nesse caderno há, ainda, um texto de José Geraldo Couto, *Breve histórico dos movimentos cinematográficos*, em que ele faz uma retrospectiva dos movimentos cinematográficos, desde o expressionismo alemão, passando pelo cinema revolucionário russo, o neo-realismo italiano, até *a nouvelle vague* e o cinema novo; embora seja uma abordagem panorâmica, possibilita ao professor/leitor a percepção das características e especificidades de cada movimento. Por fim, em *A constante abstração na produção cinematográfica*, Ricardo Picchiarini desenvolve algumas noções da técnica e da teoria do cinema. Se por um lado, esse é o mais denso dos Cadernos, com várias informações sobre a história e a técnica do cinema, e reflexões sobre o cinema na escola, por outro, é rico em subsídios para o professor que se propõe a conhecer o recurso que utiliza.

O Caderno nº 2 com o texto *O filme um recurso didático-pedagógico no ensino de história?*, de Antônio Penalves Rocha, contém subsídios para as reflexões dos professores de História acerca das conexões entre a arte cinematográfica e a História, dada a influência cultural do cinema, o fascínio dos professores por este recurso didático e a facilidade de utilização com a democratização do acesso aos equipamentos na rede estadual de ensino. Faz um esboço de classificação dos gêneros do cinema, e chama atenção para as possibilidades de uso didático do filme de ficção; analisa as relações entre o cinema e a história sob dois aspectos: o cinema na História - posto que ele sempre interfere na realidade como um instrumento a serviço do poder ou o reflexo da mentalidade do público - e a História no cinema - sendo que o gênero histórico é tão antigo como o próprio cinema -; finalmente propõe uma reflexão sobre que tipo de representação

o cinema faz da História. Na conclusão faz um alerta aos professores, bastante interessante, quanto à falta de critério no uso do filme nas aulas de história, que pode resultar na perda do rigor científico da História, na perda da condição de arte do cinema, e na privação de conhecimentos aos alunos. Embora direcionado aos professores de história, é um texto rico de reflexões fundamentais para o professor que faz uso do cinema, independentemente da disciplina que leciona.

Elias Thomé Saliba, no Caderno nº3, em *A produção do conhecimento histórico e suas relações com a natureza fílmica*, analisa as relações entre a produção do conhecimento histórico e a narrativa fílmica, com o objetivo de subsidiar a utilização do cinema na sala de aula. Para tanto, perpassa pelos traços característicos da produção do conhecimento histórico do positivismo e sua busca da verdade absoluta, da história “historicizante” que cultivava um fetichismo dos fatos, da história-problema que colocava o cientista construindo seu objeto de estudo, chegando aos desafios da contemporaneidade de verificar o que os acontecimentos podem significar. Portanto, ao professor cabe mostrar que o filme, como o conhecimento histórico, também é produzido e irradia uma pluralidade de verdades e sentidos - é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente. Reflete, também, sobre as mídias contemporâneas e sua influência na construção dos acontecimentos e na homogeneização do imaginário social. Conhecer o processo de construção fílmica, segundo o autor, implica analisar a produção industrial do filme e compreender como a história é construída no interior da narrativa, o que só é possível através da interdisciplinaridade. Os professores que vêem o cinema como objeto de conhecimento, encontram, aqui, subsídios para um debate que pode nortear a sua ação, e principalmente para evitar alguns equívocos sobre a diferença entre a utilização do cinema como instrumento e como objeto de conhecimento.

Em *O filme como elemento de socialização na escola*, texto do Caderno nº4, Celso João Ferretti faz uma discussão sobre as relações entre o filme e a socialização, definida por ele como o processo pelo qual as pessoas aprendem novos conhecimentos, formas de ser, agir e pensar, convenções, gestos, habilidades, etc, que lhes permitem partilhar mais efetivamente da sociedade em que vivem; conclui que os processos de socialização que ocorrem na escola, dependem da estrutura escolar que por sua vez é determinada pela estrutura social. Isto posto, analisa o que é visto como educativo e deseducativo pelo imaginário da escola, lembrando que a escola não tem como impedir o contato com a linguagem do cinema e seus efeitos sobre os alunos; finalmente

faz uma reflexão sobre como o processo de socialização dentro da escola determina a forma de utilização do cinema e como o cinema é um elemento dessa socialização.

Finalmente, no Caderno nº5, Milton José de Almeida, em *Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral*, faz uma análise do cinema e da televisão como indústria, que possui hierarquização de trabalho, poder e interesses de mercado e de política social. Nesses dois Cadernos (nº 4 e nº 5) encontramos elementos para uma discussão contemporânea fundamental, que é a questão da influência dos audiovisuais, não só no espaço educativo, mas que permeia o cotidiano das crianças e dos jovens, de forma indiscutivelmente marcante.

O volume dois, publicado em 1994, trazia cinco textos: *O cinema de estúdio: as experiências norte-americana e a brasileira*, de Jose Geraldo Couto; *A imagem e o tempo: flagrantes de filmes e trens*, de Cristina Bruzzo; *História e cinema: a narrativa utópica no mundo contemporâneo*, de Elias Thomé Saliba; *Crises da república brasileira no cinema (1930-1964)*, de Antonio Penalves Rocha; *A linguagem da nova oralidade - imagens e sons*, de Milton José de Almeida. O volume três, publicado em 1996, reúne os depoimentos de Jorge Bodanzky e de Walter Lima Jr.

A coleção *Lições com Cinema* não é, como pudemos constatar, um tratado de didática, com propostas de procedimentos metodológicos, e sim uma proposta teórica que suscita reflexões e fornece subsídios para a compreensão do cinema e sua abrangência. Com o formato de brochura, letras grandes, textos acessíveis, de fácil compreensão, mas com grande riqueza de conteúdo, a coletânea tem um caráter formador para os professores que buscam informações sobre o tema. Os questionamentos que podem ser feitos são: primeiro, se o acesso a tal material atingiu um número significativo de professores; segundo, sobre sua capacidade formadora, tendo em vista que uma bibliografia de qualidade é fundamental na formação dos professores, mas não suficiente se não houver fóruns de debate e uma vivência reflexiva. Pela dificuldade de encontrar esse material, até mesmo na FDE, que atualmente funciona apenas como setor de engenharia, ou no CRE Mário Covas, para onde todo o acervo foi direcionado, mostra que, apesar de sua importância, é um material que caiu no esquecimento e deve desaparecer com o tempo.

Em 1994, é publicado pela FDE o primeiro e único número da revista *Quadro a quadro*, que reunia experiências, reflexões e debates sobre Arte e Educação, particularmente sobre o uso

do cinema no espaço escolar¹⁷. Após 1996 a FDE não fez mais nenhuma publicação, mas manteve seu acervo de livros e de filmes que foi transferido para o Centro de Referência em Educação Mário Covas, disponível exclusivamente para professores da rede estadual de ensino. Segundo funcionários do C.R.E. Mário Covas, os livros, em sua maioria técnicos, são procurados principalmente para a preparação dos professores em períodos que precedem os concursos; já os filmes – num total de 1500 títulos – são utilizados freqüentemente pelos professores, embora raramente sejam solicitados os cadernos *Apontamentos*, que acompanham pelo menos 400 filmes do acervo, talvez por estarem disponibilizados no sítio do CRE Mário Covas, ou por terem um conteúdo voltado para a teoria do cinema e interpretação do filme e sem nenhuma prescrição didática.

5. Panorama atual – projetos e perspectivas

Apesar do consenso sobre a pertinência da integração do cinema no processo escolar, na prática tal intento não teve efeitos consistentes, por um lado, as determinações de utilização do cinema através de leis e decretos não garantiram que ela se concretizasse, e por outro lado, a intenção formadora da FDE também não foi suficiente, e não perdurou por mais de uma década.

Atualmente, não há uma lei no ensino que determine a obrigatoriedade de as escolas criarem condições para a utilização do cinema, seja como instrumento didático, seja como objeto de conhecimento, como uma manifestação artística ou simplesmente como entretenimento; a Lei de Diretrizes e Bases – documento que rege o ensino Médio e Fundamental desde 1996 – não faz nenhuma referência ao uso do cinema como recurso ou como objeto de conhecimento.

Iniciativas formadoras como a da FDE na década de 1970, também não voltaram a se realizar; a Secretaria Estadual de Educação eventualmente faz parcerias com instituições como a Cinemateca, Sesc, Lasar Segall, Espaço Unibanco, entre outros, que e quando propõem projetos de cinema voltados para a educação. Essas parcerias, no entanto, sem qualquer controle oficial, atingem um público muito restrito.

Em 2004, a Cinemateca Brasileira inaugurou um espaço para a exibição e discussão de filmes, nomeado projeto *Escola na Cinemateca*, com o objetivo de promover um diálogo entre cinema e educação, e aproximar alunos e professores de filmes não produzidos para uso didático

¹⁷ Dessa revista restou apenas um exemplar, que não foi encontrado quando visitamos o CRE.

em salas de aula. Foram disponibilizadas 150 vagas para a sessão de abertura em 31/08, com um *Encontro com educadores - o audiovisual na escola*, dirigida a educadores interessados em trabalhar com a linguagem audiovisual na sala de aula, com exibição dos filmes: **Lotado**, de Luanda Lopes e **Notícias de uma guerra particular**, de João Moreira Salles. O 1º programa com a temática *Outras faces da violência*, com 150 vagas por sessão, teve o seguinte cronograma de atividades: 14/09, exibição de **O prisioneiro da grade de ferro** (Auto-retratos), de Paulo Sacramento, dia 21/09, exibição de **Morte Densa**, de Kiko Goifman, dia 28/09, exibição de **Ato de violência**, de Eduardo Escorel, dia 05/10, exibição de **Cabra marcado para morrer**, de Eduardo Coutinho, dia 19/10, exibição de **Mato eles?**, de Sérgio Bianchi; para os próximos programas propunham os seguintes temas: Adaptações literárias, Identidade nacional, Apresentando o Cinema Novo, Documentários sociológicos, Cinema político, Indústria cultural e mídia, Ética e cidadania, Diversidade racial, etc. Todos os filmes podem ser vistos na Sala Cinemateca, às terças-feiras, 15h00, com entrada gratuita e, após a exibição dos filmes, abre-se espaço para que professores e alunos conversem livremente.¹⁸

Em 2006, o Programa Cine-Educação, elaborado a partir de parceria entre a Fundação MAPFRE, Cinemateca Brasileira/Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, teve como foco a formação do cidadão a partir da utilização do cinema no processo pedagógico interdisciplinar. A proposta do Programa Cine-Educação nasceu da percepção de que o cinema é bem mais do que entretenimento e diversão, sendo capaz de propor qualquer tipo de questão, seja ela social, histórica ou de comportamento; a partir de uma diversidade e originalidade absolutas, o cinema propicia a ampliação da visão de mundo e o conhecimento de outras realidades. Em 2006 e 2007, o Programa Cine-Educação, possibilitou, em sessões de cinema gratuitas, que alunos discutissem de forma lúdica, os temas transversais propostos pelo Ministério da Educação, capacitou professores de 317 escolas de São Paulo, na aplicação da linguagem audiovisual a projetos pedagógicos. O Programa Cine-Educação adota avaliações pedagógicas e cinematográficas como critérios para escolha dos filmes a serem exibidos e utiliza os seguintes filmes em suas sessões de cinema: **Narradores de Javé**, **A marvada carne**, **O ano em que meus pais saíram de férias**. Além dos filmes exibidos nas

¹⁸ Fonte: <http://www.usp.br/educomradio/centro-oeste/noticias>

sessões de cinema, o Programa Cine-Educação utiliza diversos curta-metragens durante as capacitações de professores¹⁹.

Iniciado em 1985, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, em 1993, Escola no Cinema é um projeto do Circuito Espaço de Cinema, que propõe além da exibição de filmes para professores e educandos, a realização – quando há possibilidade de patrocínio - de oficinas, debates e atividades complementares que ampliam o seu conteúdo e aprofundam o universo por ele retratado, com o objetivo de contribuir para a formação de um espectador crítico e atuante na sociedade. Em 2007 não foi possível a realização desses eventos por falta de patrocinadores. O projeto pratica preços promocionais, mas não gratuidade. O Clube do professor é outra iniciativa do Unibanco Arteplex e Espaço Unibanco de Cinema, e agora também do Cine Bombril, para professores do ensino formal e informal, com gratuidade aos sábados de manhã, com objetivo de ampliar o universo cinematográfico do professor, visando o prazer de ver um bom filme em sala especializada, sem o compromisso de um trabalho pedagógico imediato à experiência cinematográfica²⁰.

Em 2005, o SESC São Paulo, em parceria com o Departamento Nacional do SESC, lançou em São Paulo o projeto *A escola vai ao cinema*, que desde 2001 já vinha se realizando em outros Estados. A primeira edição do projeto se estendeu de meados de 2005 a meados de 2006, a segunda edição de meados de 2006 a meados de 2007, e atualmente está sendo negociada a edição 2007/ 2008. O processo de cada edição se constitui de: (a) seleção de um catálogo de 14 a 16 filmes cujos direitos de exibição são comprados para um período de dois anos, (b) contratação de especialistas para elaboração do material didático composto por sinopse, ficha técnica, resumo e proposta de utilização pedagógica. O projeto obteve grandes resultados no interior, no entanto em São Paulo as duas unidades do SESC – Itaquera e Interlagos – escolhidas por se localizarem em pontos distantes do centro cultural e das salas de cinema, obtiveram um atendimento muito aquém do esperado, a ponto de o projeto estar sendo repensado no município de São Paulo. A divulgação do projeto é feita por técnicos do SESC diretamente nas escolas, após solicitação das

¹⁹ Fonte: <http://www.cineedu.com.br>, <http://www.mapfre.com.br>

²⁰ Fonte: <http://www.escolanocinema.com.br>

delegacias de ensino, onde fazem a distribuição do material didático aos professores e o convite para levarem seus alunos para assistirem aos filmes nas unidades do SESC.²¹

Atualmente, a internet também oferece subsídios ao professor que trabalha com cinema, como o projeto Curta na Escola, uma extensão do projeto Porta Curta Petrobrás, que desde 2002 vem incentivando o uso de filmes de curtas metragem brasileiros como material de apoio pedagógico em salas de aula. A partir de 2006, foi ativado o Curta na Escola para oferecer indicações de uso pedagógico para boa parte do acervo de centenas de filmes cuja exibição na íntegra é disponibilizada através do sítio. Pedagogos especializados passaram a contribuir com sugestões e pareceres pedagógicos, sobre como utilizar cada filme indicado, na abordagem de várias disciplinas e temas transversais, em todos os níveis de ensino. Os professores cadastrados podem compartilhar suas vivências em torno da utilização dos curtas em sala de aula através de comentários aos filmes, discussões no fórum e, principalmente, do envio de relatos de suas experiências com a exibição de filmes aos alunos²².

Se fizermos uma retrospectiva sobre a relação cinema-educação, podemos constatar que desde sua invenção o cinema tem sido apontado como fonte de pesquisa, e desde então, muito se tem teorizado e discutido a seu respeito. Se no início do século XX a teoria cinematográfica debatia se a imagem expressava ou reproduzia a realidade, hoje sabemos que a imagem não ilustra, nem reproduz a realidade, mas a (re)constrói a partir de uma linguagem própria, produzida num determinado contexto histórico. Nos anos 1920, alguns teóricos já o viam como uma construção, criado a partir de uma montagem, e não representação fiel da realidade; mas ainda permaneceu por algum tempo, a separação entre documentário e ficção, sendo o primeiro mais objetivo e fiel à realidade, e o segundo uma invenção. No entanto, os elementos estéticos da linguagem cinematográfica – montagem, enquadramento, movimento de câmera, iluminação, utilização ou não de cor – conferem um significado específico que transforma e interpreta o real - é uma construção a partir da articulação entre imagem, palavra, som e movimento, assim, nenhum filme – ficção ou documentário – é neutro, a suposta objetividade dos documentários não existe, pois são sempre o resultados das escolhas do cineasta. O depoimento do prof^o Paulo Menezes ilustra esta subjetividade dos documentários de forma incontestável:

²¹ Informações obtidas através de entrevista com o técnico do SESC responsável pelo projeto.

²² Fonte: <http://www.curtanaescola.org.br>

Os cineastas do começo do século XX, na ausência de alguma cena que deveria fazer parte da história sobre as quais eles se debruçavam, não viam problemas em encenar as cenas que faltavam, introduzindo com isso o *fake* no nascimento do cinema documental. [...] o mesmo princípio foi adotado pelos primeiros cineastas etnógrafos, que filmavam o mundo como se dele brotasse as suas próprias verdades, reduzindo a complexidade dos povos que olhavam à simplicidade que o registro da cultura material propiciava. São esses os filmes que constituem os acervos a respeito desses povos, olhados como contraponto da sociedade de referência, branca, européia e norte-americana. (Menezes; 2007: 13)

A partir de 1960, a questão da natureza da imagem cinematográfica passou a ser relevante na discussão metodológica sobre a utilização do cinema na educação, considerados os seguintes aspectos: os elementos que compõe o seu conteúdo, o contexto de produção e a recepção do filme e da audiência. O cinema pode ser fonte para compreensão de comportamentos, visões de mundo, valores, identidade e ideologias, portanto pode tornar-se documento de pesquisa histórica, pois articula contexto histórico e social aos elementos intrínsecos da expressão cinematográfica (Kronis, 1992).

A leitura do filme se refere, assim, a cada elemento constitutivo da arte cinematográfica, das técnicas de sua produção, dos grupos sociais que participam de sua elaboração, da sociedade que o produz e o consome, consideradas as variáveis sociais, culturais e ideológicas (Bittencourt, 1993). Cabe ao educador passar por um processo de educação do olhar, para poder 'ler' as imagens, o que indica a importância de projetos formadores com o da FDE, desde que não se extingam com a mudança dos gestores e tenham a amplitude necessária para envolver a grande maioria dos professores no processo de reflexão e capacitação. Isto posto, conclui-se que há 110 anos o cinema exerce grande influência sobre a formação das crianças e adolescentes, e com o passar dos anos cada vez mais invadiu o cotidiano familiar, social e escolar, de forma tal que hoje não há como informar e formar cidadãos sem a sua presença, seja ela positiva ou não.

Sem dúvida, o cinema não pode ser ignorado pela escola, mesmo porque ele é uma construção histórica. O que não é viável é transformar a tela numa sala de aula, pois reiteramos que, a mediação do professor é imprescindível, ou então transformar o que a tela mostra em realidade, pois como já vimos é apenas uma (re)construção dela. Várias tentativas de prender o filme aos padrões educativos para inseri-lo na sala de aula apontam para uma contradição aos padrões cinematográficos. A indústria de filmes educativos mostrou que mesmo filmes de boa qualidade podem ser considerados chatos ou cansativos pelos alunos; sem tirar o mérito dos

filmes chamados de educativos, quando se reafirma a importância de se levar o cinema para a sala de aula, esta possibilidade não se restringe a eles.

Todo filme é educativo, posto que é uma (re)construção da realidade a partir de um determinado ponto de vista e contexto; todo filme pode ser analisado como documento histórico e uma forma de interpretação da realidade, mas não basta entender apenas a história do filme, cabe também entender a emoção que provoca; o seu valor pedagógico pode estar em se deixar penetrar pelo filme. Se a escola utilizá-lo de forma adequada, teremos no cinema um recurso fantástico de construção do conhecimento.

Afirmar que todo filme educa não significa que toda aprendizagem produzida por ele seja adequada; as tentativas de escolarizar o cinema, tudo indica, resultaram quase sempre em produções desinteressantes. A fruição do filme envolve prazer e relação afetiva, o conhecimento não é apenas fruto do racional, sem o emocional, cada espectador faz sua leitura a partir do seu mapa; o professor ao reger uma discussão partilhada por todos, submetendo o filme a uma análise crítica e interpretativa, transforma o cinema num recurso pedagógico, uma vez que ele é registro histórico revelador de valores e significados culturais, portanto educativo.

Talvez tenhamos duas dificuldades a superar, para que o potencial pedagógico do cinema seja plenamente realizado: a primeira, a de inseri-lo nos cursos de formação de professores, a segunda, a de encará-lo como uma realidade, que não pode ser ignorada, mas com a qual a escola não precisa competir e sim abrir suas portas.

Capítulo III – Encontros e desencontros do cinema com a literatura

1. Introdução

Na segunda década do século XX, o cineasta e teórico do cinema Jean Epstein já vislumbrava os encontros entre o cinema e a literatura: “A literatura moderna está saturada de cinema. Reciprocamente, esta arte misteriosa muito assimilou da literatura”. (Epstein, 2003: 269)

Entretanto, quando os irmãos Lumière fizeram a primeira apresentação pública do cinematógrafo em 1895, não se supunha ainda a possibilidade de intersecção daquela descoberta com a literatura. A primeira vocação do cinema foi documental, não havia uma intenção artística; o fascínio predominante era pela reprodução da realidade, pelo registro dos fatos, graças à “fidelidade” de suas imagens.

É Georges Méliès, um prestidigitador, ilusionista e homem do teatro, que dá o primeiro passo em direção à vocação ficcional do cinema, quando acidentalmente percebe a possibilidade de manipular as imagens, descobre a montagem e cria a *mise-en-scène*²³, tornando-se o pioneiro da criação do cinema como espetáculo artístico, e não mais apenas como um espetáculo técnico.

Com a descoberta de Méliès, abre-se a possibilidade de o cinema criar cenas, inventar situações e contar histórias, e enquanto os primeiros cineastas buscavam inspiração nas histórias ingênuas e nos fatos reais que eram narrados em cenas estancadas, Méliès elege a literatura como base para seus enredos e dá veracidade (cinematográfica) às aventuras de Júlio Verne. (Franco, 1984)

Há que se lembrar que nessa época, o cinema ainda era “silencioso”; só no final da década de 1920 que o som foi incorporado à imagem; portanto, inicialmente a aproximação entre cinema e literatura não foi pela palavra, a ação era mostrada pelo cinema, mas precisava de um narrador para dar as explicações necessárias. As estruturas narrativas já codificadas por outras mídias eram úteis ao cinema, assim os filmes seriam uma ilustração das obras literárias supostamente já conhecidas pelo espectador.

O arcabouço narrativo gestual se mostrou insuficiente, e a legenda foi uma solução que representou mais um passo no entrelaçamento do cinema com a literatura. Na década de 1930, a

²³ Procedimento de origem teatral, que significa literalmente encenação.

sonorização coloca o texto, na forma de diálogo falado, junto à imagem, e conforme Xavier: “o advento do cinema sonoro, tão lamentado por diferentes estetas, constituiu um passo decisivo no refinamento do sistema voltado para o ilusionismo e a identificação” (2005: 35); e embora combatido por cineastas e críticos, o princípio do som sincronizado com a imagem, produzindo uma correspondência natural entre imagem e som,

era necessário para o aperfeiçoamento do método clássico; tornar audível o que já está sendo visto é uma forma de torná-lo mais convincente. A manipulação do chamado ruído ambiente, assim como a presença efetiva da palavra, vem conferir mais espessura e corporeidade à imagem, aumentando seu poder de ilusão [...] o cinema sonoro significa imagem e som como elementos integrantes do mesmo nível, e não, como muitos preferem, imagem acrescida de um acessório (Xavier; 2005: 36)

Imagem e palavra não se combinam para mostrar algo, e sim para significar algo; não apresentam o fato como testemunho, mas em nome de uma compreensão de seu significado histórico; segundo Epstein, são símbolos que representam a realidade, a imagem de forma direta e a palavra de forma indireta, mediada pela razão,

para emocionar o leitor, a palavra deve passar novamente pelo circuito dessa razão que a produziu, a qual deve decifrar e arrumar logicamente este signo, antes que ele desencadeie a representação da realidade afastada à qual corresponde, ou seja, antes que essa evocação esteja por sua vez apta a mexer com os sentimentos. A imagem animada, ao contrário, forma ela própria uma representação já semipronta que se dirige à emotividade do espectador quase sem precisar da mediação do raciocínio. (Epstein; 2003: 293)

No início do cinema falado, a palavra era usada sob a forma de diálogos através dos quais se definiam as personagens e suas ações, técnica esta, parecida com a do romance, que inicialmente tinha no diálogo um substituto para o narrador. Posteriormente o diálogo é utilizado após longas passagens narrativas; assim como nos filmes que utilizavam a palavra exclusivamente em diálogos de cena. Só mais tarde, a palavra foi usada, no cinema, como instrumento narrativo (Gomes, 2005). Segundo Gomes:

quando a palavra no filme escapou às limitações do seu emprego objetivo em diálogos de cena, rasgaram-se para ela horizontes estéticos mais amplos do que a simples narrativa, ou a utilização dramática do monólogo interior. O filme tornou-se campo aberto para o franco exercício de uma literatura falada. (Gomes, 2005; 109)

O americano D. W. Griffith, considerado o criador da linguagem cinematográfica, utilizou a alquimia entre literatura, teatro e mecânica para estruturar os princípios básicos da linguagem cinematográfica. “Se a literatura podia ‘narrar’ tudo, o cinema deveria poder ‘mostrar’ tudo”. (Franco, 1984: 118)

Foi na literatura que Griffith buscou o suporte para a produção do primeiro filme longo e o mais importante da história do cinema: *Nascimento de uma Nação*²⁴, de 1915, e segundo Franco:

Este filme organizou, expôs e exemplificou não só os procedimentos básicos que distinguem o cinema como linguagem específica, mas reuniu também, no seu corpo narrativo, os principais gêneros que foram desenvolvidos depois, com o crescimento fantástico da nova indústria. Aventura, guerra, história, amor, comédia, suspense são termos que definem agrupamentos ou gêneros de filmes com características próprias, que formaram o corpo de cinema como meio de comunicação de massa ao longo dos anos 20, 30 e 40. A epopéia do nascimento de uma nação é contada através do arsenal narrativo de todos esses gêneros. (Franco, 1984: 119)

Segundo Marília Franco, a maior colaboração da literatura para o advento da linguagem cinematográfica foi na determinação do ponto de vista dentro da narrativa:

A relação entre o ponto de vista e a posição da câmera é básica para que a estrutura da história e o filme se completem. Mas só com a liberação da câmera de sua posição de espectador na platéia e o conseqüente desenvolvimento da montagem permitiram o entrosamento perfeito entre essa técnica literária e o narrar cinematográfico. (Franco, 1984: 118)

Conforme Gomes (2005), o cinema é tributário de todas as linguagens, artísticas ou não, mas é ao teatro e à literatura que o cinema mais se vincula; a sua originalidade é sociológica, e não estética, pois constituiu um fato social que marcou o século XX. O cinema é uma simbiose entre teatro e romance, pois pode ser definido como teatro romanceado - porque as personagens são encarnadas em atores que graças aos recursos narrativos do cinema têm uma mobilidade e desenvoltura equivalente ao romance -, ou romance teatralizado - porque a reflexão pode ser repetida a partir do romance.

²⁴ *The Clansman*, de Thomas Dixon serviu de argumento para o filme.

Segundo Xavier, embora em geral se associe à diferença entre cinema e literatura, o contraste entre o “realismo” da imagem e a convencionalidade da palavra escrita, o que introduz todas as diferenças é “o fato de um ser realizado através da mobilização de material lingüístico e de outro ser concretizado em um tipo específico de linguagem” (Xavier, 2005: 33), pois seleção e disposição dos fatos, procedimentos para ligar uma situação a outra, manipulação das fontes de informação são tarefas comuns ao escritor e ao cineasta. (Xavier, 2005)

É através da linguagem que se produz e reproduz os significados sociais, e conforme Roland Barthes: “a linguagem inclui todos aqueles sistemas dos quais se podem selecionar e combinar elementos para comunicar algo” (Barthes *apud* Turner, 1997: 51).

Segundo Metz, “o cinema é uma linguagem *antes de qualquer efeito especial de montagem*. Não é por ser uma linguagem que o cinema pode nos contar tão belas estórias, é porque ele nos contou tão belas estórias que se tornou uma linguagem”. (2006: 64, grifo do autor)

Assim, a linguagem cinematográfica e a linguagem escrita comunicam algo e geram significados, destarte as características e especificidades próprias de cada uma. O veículo do cinema é a imagem, o som e a fala, e Metz acrescenta que: “a especificidade do cinema é a presença de uma linguagem que quer se tornar arte no seio de uma arte que, por sua vez, quer se tornar linguagem.” (Metz, 2006: 76)

Uma mensagem, escrita ou falada, tem sempre dois sentidos: um que é objetivo, literal, e outro sentido que lhe é imposto por associação a outras realidades; à mensagem imagética também é possível impor-se um sentido segundo; não é o *mundo representado* – denotado - em qualquer obra de arte, o essencial que o autor tem a dizer, este é apenas etapa preparatória para o *mundo expresso* - estilo, relações - enfim o universo da conotação (Metz, 2006); assim, o cinema e a literatura não mantêm uma relação unívoca com a realidade.

Esse mundo denotado e inocente, de acordo com Barthes, é utópico até mesmo na fotografia, uma vez que há escolha do tema, enquadramento e angulação, mas mantém seu caráter objetivo por não intervir no interior do objeto. Através da codificação do análogo – gestos, atitudes, expressões, cores – impõe-se um sentido conotativo à mensagem, o código da conotação é histórico e cultural, portanto sua “leitura” depende do saber, da cultura e dos valores do leitor. (Barthes, 1990)

A complexidade da produção cinematográfica torna essencial a interpretação, a leitura ativa do filme, de como a narrativa evolui e de seus possíveis significados. Há uma

intertextualidade na interpretação, os filmes são produzidos e vistos dentro do contexto sócio-cultural que inclui mais do que os textos fílmicos, o cinema desempenha uma função cultural, por meio de suas narrativas, que vão além do prazer da história.

2. O gênero narrativo no cinema e na literatura

Comum a todas as culturas, a narrativa é uma forma de dar sentido ao mundo social, e de partilhar esse sentido; os mitos, as crenças e as práticas de uma cultura penetram nas narrativas dessa cultura e nela são reforçados, criticados ou reproduzidos. Segundo Eco, “contar e ouvir histórias é uma função biológica” (2003: 227), e, sobre a função da narrativa, ele diz: “Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana”. (1994: 93)

A repetição da estrutura da narrativa sugere algo de universal na sua estrutura e função, o que implica duas possibilidades: (1) a narrativa pode ser uma propriedade da mente humana, como a linguagem, e talvez (2) desempenhe uma função social essencial que a torna indispensável (Turner, 1997). Sobre a natureza da verdadeira narrativa, Benjamin afirma que:

Ela sempre tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (Benjamin, 1996: 200)

Geralmente a narrativa se inicia com um conflito entre forças opostas mutuamente excludentes, e a solução não sobrevive fora da narrativa, pois sua função, segundo a abordagem estruturalista, é resolver simbolicamente o que não podemos resolver na realidade. Todorov (1979) vê a narrativa como um movimento que parte de um ponto de equilíbrio estável – plenitude – que é rompido, passando por um estado de desequilíbrio que se resolve pela ação de uma força dirigida contra a força de ruptura, resultando na restauração do equilíbrio ou plenitude, num processo que não é circular, pois o segundo ponto de estabilização é diferente do primeiro, e esta diferença é que constitui o movimento da narrativa. Segundo Benjamin, a arte da narrativa está em não dar explicações:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (Benjamin, 1996: 203)

Os filmes contam histórias, são narrativas que podem ser diferentes de outras como a ficção literária, por exemplo, quanto ao meio de comunicação empregado e às convenções representacionais, mas compartilham a estrutura básica e as funções da narrativa (Turner, 1997). A dimensão social da narrativa cinematográfica ocorre no nível do discurso, ou seja, o modo como a história é contada, modulada, representada, e não na sua estrutura; esse discurso é o local da especificidade cultural. Não significa que seja necessária a busca da especificidade cultural nos filmes, e sim estar atento para a influência social do cinema ao estabelecer códigos e convenções que tornam possível a comunicação.

A relação da literatura com o cinema é antiga, e segundo Hohlfedt (1984), esta relação inicialmente era quase unilateral, já que a nova arte é que busca se apropriar das formas narrativas literárias pré-existentes, e neste sentido corre-se o risco de frustrar o espectador que não reconhece, na imagem concretamente visualizada no filme, a imagem esperada e antevista pela leitura. Segundo Johnson (2003), a insistência pela fidelidade à obra literária adaptada pelo cinema, que reflete uma discussão sobre a hierarquia entre literatura e cinema, entre obra original e versão derivada, entre autenticidade e simulacro e, por conseguinte, entre cultura de elite e cultura de massa, baseia-se numa concepção derivada da estética kantiniana, da inviolabilidade da obra literária e da especificidade estética. Afirma ainda que,

A insistência na “fidelidade” – que deriva das expectativas que o espectador traz ao filme, baseadas na sua própria leitura do original – é um falso problema porque ignora diferenças essenciais entre os dois meios, e porque geralmente ignora a dinâmica dos campos de produção cultural nas quais os dois meios estão inseridos. Enquanto um romancista tem à sua disposição a linguagem verbal, com toda a sua riqueza metafórica e figurativa, um cineasta lida com pelo menos cinco materiais de expressão diferentes: imagens visuais, a linguagem verbal oral (diálogo, narração e letras de música), sons não verbais (ruídos e efeitos sonoros), música e a própria língua escrita (créditos, títulos e outras escritas). (Johnson, 2003: 42)

Essa cobrança de fidelidade, conforme Xavier (2003a), nas últimas décadas, perdeu terreno, com a percepção dos deslocamentos inevitáveis que ocorrem na cultura, mesmo quando

se quer repetir, e deu lugar à idéia de “diálogo” para pensar a criação de obras, sejam adaptações ou não de outras obras. Entre livro e filme é possível alterações de sentido e ao cineasta é permitido fazer uma interpretação livre do romance ou do teatro: inverter efeitos, propor outro entendimento das passagens, alterar hierarquias de valores e redefinir o sentido da experiência das personagens.

A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores nele expressos. (Xavier, 2003a: 62)

Mas esta é uma via de duas mãos, pois lembrando a afirmação acima de Epstein, o cinema também mudou a literatura, renovou a escrita e gerou novas formas de narrar baseadas em novas noções de tempo, espaço, personagem e narrador:

As profundas transformações efetivadas nos modos de produção e reprodução cultural, desde a invenção da fotografia e do cinema – que alteraram, antes de tudo, as maneiras pelas quais se olha e se percebe o mundo -, estão impressas no texto literário. (Pellegrini, 2003: 16)

Benjamin (1996), sobre o dilema se a fotografia era ou não uma arte, colocou a questão crucial deste invento, que depois se repete com o cinema: “*a questão prévia de saber se a invenção da fotografia não havia alterado a própria natureza da arte*”, em outro momento utiliza Paul Valéry para reiterar tal afirmação:

Nossas Belas-Artes foram instituídas, assim como os seus tipos e práticas foram fixados, num tempo bem diferente do nosso, por homens cujo poder de ação sobre as coisas era insignificante face aquele que possuímos. Mas o admirável incremento de nossos meios, a flexibilidade e precisão que alcançam, as idéias e os hábitos que introduzem, asseguram-nos modificações próximas e muito profundas na velha indústria do belo. Existe, em todas as artes, uma parte física que não pode mais ser encarada como antes, que não pode mais ser elidida das iniciativas do conhecimento e das potencialidades modernas. Nem a matéria, nem o espaço, nem o tempo, ainda são, decorridos vinte anos, o que eles sempre foram. É preciso estar ciente que, se essas tão imensas inovações transformam toda a técnica das artes e, nesse sentido, atuam sobre a própria invenção, devem, possivelmente, ir até o ponto de modificar a própria noção de arte, de modo admirável. (Valéry *apud* Benjamin, 1969: 57)

Assim, as transformações geradas pelas novas técnicas se fizeram sentir na literatura; a imagem em movimento torna a descrição escrita, característica da literatura até o início do século XX, desnecessária ou até mesmo cansativa; as longas descrições de paisagens dos antigos romances tornaram-se anacrônicas, pois a câmera faz isto muito melhor; um minuto de fita pode suprir páginas e páginas de descrição. O cinema dispensa as mediações literárias tradicionais e, através das imagens que suscitam efeitos imediatos, várias pessoas podem participar da emoção que dava prestígio ao livro anteriormente.

A simultaneidade, característica do cinema, tem um papel fundamental na obra de Oswald de Andrade; conforme Rezende (2003), em *Miramar*, *Sefarim* e especialmente em *Alma*, a montagem tem um papel fundamental e são visíveis os processos de composição do movimento, o modo cênico de narrar e a fusão atmosfera/estado de espírito da personagem:

O primeiro processo, o movimento, teve sem dúvida empréstimo da experiência cinematográfica, mas os outros dois – se bem o cinema não pudesse existir ou pelo menos se desenvolver sem eles – eram, com outras denominações, técnicas há muito conhecidas na literatura, e tão fundamentais para esta quanto é o movimento para o cinema. (Rezende, 2003: 31)

Antonio de Alcântara Machado, em *Pathé Baby*, também incorpora a linguagem cinematográfica, “e monta um conjunto de crônicas como se fossem *takes* cinematográficos” (Moraes, s/d)

Ao mostrar o dia a dia em movimento, o cinema ensinou um novo modo de pensar em movimento com a imagem. Segundo Eisenstein, mesmo antes da invenção do cinema já existia um modo de pensar através das imagens, presente em várias formas de expressão artística, o qual ele chamou de *cinematisme*: “As leis de construção do discurso interior acabam sendo as mesmas leis que servem de base para toda a variedade de leis que regem a construção da forma e a composição das obras de arte” (Eisenstein, 2003: 224).

Não é possível falar de dependência de uma forma de arte à outra, variam suas técnicas de expressão segundo fins e meios a serem atingidos. Todo texto pode ser transposto para o cinema, inúmeros filmes contêm referências literárias, mesmo que não explícitas; como já vimos, o cinema também tem um impacto sobre a literatura, desta forma, a relação entre ambos se caracteriza por uma forte intertextualidade. (Johnson, 2003)

O cinema pode ser visto como uma forma direta de apreensão e exploração de dados reais, a fim de convertê-los em entidades representativas, simbólicas, ou até mesmo alegóricas, caracterizando-se pelo imediatismo da apreensão e assimilação, pois como afirma Merleau-Ponty:

O trecho cinematográfico tem, por assim dizer, um cerne mais compacto do que o da vida real, decorre num mundo mais exato do que o mundo real. De qualquer forma, é mediante a percepção que podemos compreender a significação do cinema: um filme não é pensado e, sim percebido. (Merleau-Ponty, 2003: 115)

Assim, no cinema os signos são escolhidos e ordenados intencionalmente de forma a agir no subconsciente do público, pois se dirige antes à sua sensibilidade perceptiva do que à inteligência crítica; é através das imagens que o mundo das objectualidades intencionais se apresenta como espetáculo percebido, o movimento da câmera exerce uma função narrativa: focaliza, comenta, recorta, aproxima, expõe, descreve. O *close up*, o *travelling*, o “panoramizar” são recursos tipicamente narrativos. (Rosenfeld, 2005)

Reiteramos, portanto, que não é o contraste entre o suposto realismo da imagem e a convencionalidade da palavra escrita que diferenciam o cinema da literatura, pois tal comparação esconde a natureza particular das convenções que presidem um determinado tipo de montagem; os objetivos da montagem estão ancorados à narração de uma história, e essa incorporação de convenções narrativas e dramáticas não são características apenas do cinema. O tempo e o espaço construídos pelas imagens e sons obedecem a leis que regulam modalidades narrativas que podem ser encontradas tanto no cinema como na literatura, é a presença da seleção do narrador no cinema e na literatura que estabelece escolhas de acordo com determinados critérios. O fato de o romance se realizar através da mobilização de material lingüístico e o filme em um tipo específico de imagem é que introduz todas as diferenças que separam a literatura do cinema. Na verdade a hipótese “realista” implica um modo normal ou natural de combinação das imagens para garantir a “impressão de realidade”. (Xavier, 2005)

No cinema e na literatura são as imagens e as palavras que sustentam as objectualidades puramente intencionais, não as personagens. É por isso que no cinema e na literatura ficcionais as personagens, embora constituam a ficção e a evidenciem, podem ser dispensadas por um determinado tempo, diferente do teatro onde o palco não pode ficar vazio. Esses momentos

realçam o cunho narrativo do cinema, a imagem e a palavra têm a possibilidade de descrever e animar ambientes, paisagens e objetos. No cinema e na literatura a personagem pode permanecer calada durante bastante tempo, porque as palavras ou imagens do narrador ou da câmara narradora se encarregam de comunicar seus pensamentos, afazeres ou solidão.

Na discussão sobre as relações entre a literatura e o cinema resta refletir sobre questões que envolvem o roteiro cinematográfico. Há escritores que co-escrevem roteiros, há roteiristas cujos roteiros adquirem *status* literário, há cineastas que escrevem romances e romancistas que fazem filmes. Um argumento cinematográfico já traz em si uma primeira definição do mundo poético do artista que o realizará; é bom ou ruim de acordo com sua maior ou menor adaptação ao temperamento e às possibilidades dos seus futuros realizadores. “*Uma idéia na cabeça e uma câmara na mão*”²⁵ expressa uma tendência de o próprio roteirista ou o argumentista dirigir os filmes. Um roteiro é um filme virtual, e lida com imagens antevistas, posteriormente arrumadas e combinadas pela montagem que concretizará o filme; é a mais complexa e completa fase escrita de elaboração da matéria do argumento. Percebemos, dessa forma, uma grande intertextualidade entre a literatura e o cinema, pois apesar das especificidades de cada um, suas linguagens mantêm uma relação dialógica, especialmente no momento de elaboração do roteiro, que também pode ser visto como uma criação literária.

3. A literatura no cinema - alguns exemplos

O diálogo entre o cinema e a literatura não se limitou à mútua influência exercida por eles e às semelhanças ou proximidades entre as duas linguagens; encontramos também na história do cinema um grande número de adaptações de obras literárias, constituindo a maior expressão dessa relação. Na escola, essas adaptações, não raras vezes, substituem a leitura da obra, por conta da facilidade e rapidez que o filme oferece em contraposição ao livro, que requer maior tempo de dedicação e um hábito que tem se tornado cada vez mais difícil de desenvolver nos alunos.

Se por um lado, as adaptações literárias, para o cinema, podem torná-las mais acessíveis ao grande público, por outro, quase sempre são vistas pelos leitores mais exigentes como insatisfatórias, principalmente porque estes ignoram que cinema e literatura constituem campos

²⁵ Máxima atribuída a Glauber Rocha

de produção cultural distintos, e “uma obra artística, seja ela romance, conto, poema, filme, escultura ou pintura, tem que ser julgada em relação aos valores do campo no qual se insere, e não em relação aos valores de outro campo” (Johnson, 2003: 44).

No livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, está presente a qualidade cinematográfica, que Eisenstein chamava de *cinemastisme*, e a qual nos referimos no item anterior, isto é, seu texto expressa um movimento como uma imagem de cinema; segundo Avellar:

Graciliano escreve como se o universo a que se refere só pudesse se dar a ver daquele exato modo, através de palavras, e daquelas precisas palavras e não de outras. O texto cria uma realidade própria, segue suas particulares exigências de organização. É forma feita só de idéia, imagem só letra. E exatamente porque tem vida própria, porque não se propõe como um comentário unicamente epidérmico da vida, é que consegue se referir à realidade imediatamente visível como se fosse cinema: imagem objetiva, seca, direta. (Avellar. 1994: 96)

O filme **Vidas Secas** de Nelson Pereira dos Santos²⁶, baseado no livro de Graciliano Ramos, segue o livro e transforma em imagens suas expressões, mostrando a relação entre o escrito e o filmado; não ilustra o escrito, nem traduz em imagens a escrita de Graciliano, expressa a emoção provocada pela leitura. Embora o filme seja considerado adaptação “fiel” do romance, constitui uma leitura crítica e criativa da obra original.

De acordo com Johnson (2003), uma das áreas de fidelidade do filme ao romance se refere ao ponto de vista; Graciliano conta a história de um ponto de vista subjetivo na terceira pessoa, com estilo indireto livre; no filme a subjetividade se realiza através de diálogos diretos e esparsos, da exploração do campo/contracampo e de movimentos de câmera: “Em resumo, o estilo de Graciliano Ramos, um estilo idealmente feito para exprimir estados psicológicos, sensação física e experiência concreta, é traduzido com sucesso para o filme.” (Johnson, 2003: 56)

O fato de o livro de Graciliano ser um clássico, indicado como leitura obrigatória para os vestibulares, não garante que os alunos o leiam no Ensino Fundamental ou Médio, embora a sua

²⁶ O filme de Nelson Pereira dos Santos é de 1963, vinte e cinco anos depois de Graciliano escrever o livro, mas a mesma realidade foi encontrada por ele quando de suas viagens à região árida do Nordeste: “Escrevi, então, uma história sobre o problema da seca, mas não tinha condições pessoais para fazer isso. Era sempre um relato jornalístico. Lembrei-me então de Graciliano: *Vidas secas* é um depoimento sobre a questão agrária da maior importância; e duradouro, porque coloca o problema da migração e o problema da terra sem dar ênfase à questão da seca. O problema do Nordeste não é o clima, mas a relação de trabalho e o regime de propriedade” (Nelson Pereira dos Santos *apud* Avillar, 1994: 98)

temática faça parte do conteúdo escolar tratado pela Geografia física e política da região nordeste do Brasil. **Vidas Secas** não é um filme da preferência dos alunos e, portanto, ao ser usado pelo professor, exige deste, cuidados para que atinja seus objetivos pedagógicos; não basta a exibição acompanhada da justificativa de sua ligação com o conteúdo escolar e seguida de relatórios para avaliar seu entendimento pelos alunos. A experiência publicada pela revista Nova Escola é um bom exemplo de utilização do filme de forma adequada:

Ajudar seus alunos de 8ª série a descobrir as belezas do filme Vidas Secas foi um desafio para a professora de Português Maria Iolanda Veiga, da Escola Municipal João Saldanha, do Rio de Janeiro. Ciente de que o filme do Cinema Novo não era do tipo que os alunos gostam de assistir, ela optou por um trabalho de preparação minucioso. [...] Vidas Secas foi utilizado pela professora Maria Iolanda como mote para uma aula de literatura brasileira. Antes da sessão de cinema, a professora passou para a classe algumas informações sobre Graciliano Ramos, autor do livro homônimo que deu origem ao importante filme do Cinema Novo. Maria Iolanda descreveu Graciliano como um escritor nordestino e regionalista, com uma visão muito pessoal das agruras da vida do Nordeste. "Expliquei que ele não deixava os personagens serem vistos como tipos representativos de um problema social, mas como pessoas reais". Em seguida, a professora trabalhou alguns elementos da narrativa, como personagens, espaço e enredo. "Meu objetivo foi fazer com que os alunos chegassem ao cinema em condições de entender a fita e sentir prazer em vê-la", afirma. Para que tivessem apenas uma idéia da trama, a professora se valeu de um rápido resumo e relacionou os personagens. O espaço geográfico, Maria Iolanda mostrou como um elemento estruturador da história. "É em função dele que os personagens são o que são e que toda a trama se desenrola", explica. O aspecto cíclico da narrativa, que começa e acaba com a família de Fabiano à procura de um lugar para viver em que haja água, foi destacado dentro do enredo. Outros elementos específicos de Vidas Secas também foram trabalhados. "Chamei a atenção dos alunos para aspectos como a dificuldade de comunicação entre os membros da família de Fabiano e a linguagem mais próxima do coloquial que eles utilizavam, uma característica do Modernismo." Depois de assistir ao filme, houve uma discussão entre toda a classe. Os alunos acharam que a história escrita por Graciliano Ramos se adequava perfeitamente a uma adaptação cinematográfica. No filme estão o céu sem nuvens, o sol escaldante, o mandacaru, as casas miseráveis, o gado morto, os rostos tristes, a secura do sertão... "Os alunos concluíram ainda que era muito mais fácil descrever a paisagem do sertão no cinema do que apenas com palavras, como fez Graciliano em seu livro", diz Iolanda. "Para encerrar, pedi que contassem a história por escrito e, principalmente, explorassem o aspecto plástico da narrativa, desenhando Vidas Secas", resume a professora. (Reportagem de capa da revista Nova Escola, edição de agosto de 1998)

São vários outros casos de textos literários, em que se registra um forte parentesco com elementos que, após o surgimento dos meios tecnológicos, assumiram feição declaradamente

cinematográfica, é o caso de Machado de Assis. Ao filmar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Júlio Bressane afirmou que adaptar é impossível:

O filme se chama Brás Cubas. Não é o livro. É um filme. Desmembrei o livro e descobri nele *O Brás Cubas-livro*, *O Brás Cubas-música*, *O Brás Cubas-pintura*. Dessa dissecação nasceu o filme, fundamentalmente porque senti na prosa do escritor conceitos de montagem cinematográfica. Isso é fantástico. O livro é de 1880, antes do cinema. Sei que qualquer obra de arte é irredutível. Não se pode traduzir um livro em filme. Ainda mais uma obra-prima como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ou é o livro ou não é coisa nenhuma. [...] Se fosse possível passar uma pauta por dentro dele do outro lado saia música. Foi o que fiz, passei um celulóide por dentro do livro. Se passar uma tela branca, sai um quadro. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* faz fronteira com as outras artes. (Bressane *apud* Avellar, 1994: 122)

Como adaptações ou livres inspirações, a obra machadiana chegou às telas com diferentes resultados: *Dom Casmurro* virou película duas vezes, *Quincas Borba*, *O Alienista* como **Azylo muito louco**; vários de seus contos foram inspiradores de cineastas como *Pai contra mãe* que inspirou Sérgio Bianchi para a produção de **Quanto vale ou é por quilo?**.

Sérgio Bianchi faz um paralelo entre a vida no período da escravidão e a sociedade brasileira atual, e mostra as semelhanças do comportamento mercadológico das duas épocas. O filme é uma livre adaptação do conto de Machado de Assis entremeado por crônicas de Nireu Cavalcanti²⁷ sobre a escravidão, do final do século XVIII, extraídas dos autos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Revela as mazelas e contradições de um país em permanente crise de valores, e traz à tona a permanência na atualidade, de nosso passado escravista, deixando clara a impossibilidade de olhar o presente sem levar esse passado em conta, assim como as persistentes desigualdades econômicas, sociais e de direitos no país. Na medida em que o conto machadiano é adaptado para a atualidade – nas figuras de Candinho, Clara, tia Mônica e Arminda – Bianchi mostra o elo imprescindível com a História para uma visão crítica da atualidade; apresenta a realidade de forma crua e chocante, parece nos dizer que é impossível ficar diante ou atento a essa realidade de disparidades sem o choque ou o constrangimento, e que talvez essas sensações sejam de alguma forma produtivas para tirar algumas pessoas de um mundo mágico, recheado de *slogans* em prol da solidariedade e da responsabilidade social.

²⁷ Nireu Cavalcanti é professor e Diretor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense – UFF

As tomadas são montadas de forma a contrapor dois momentos históricos: o século XVIII com a escravidão e o comércio de escravos, e a atualidade com a exclusão social, a miséria, gerando um novo mercado, onde empresas do Terceiro Setor suprem a ausência do Estado na assistência à miséria, transformando a questão social num negócio. Fica escancarada a falência das instituições e a semelhanças entre as duas épocas na manutenção de uma dinâmica sócio-econômica baseada na corrupção e na violência, tanto no comércio de escravos como na exploração da miséria pelo *marketing* social. No conto de Machado, a captura da escrava grávida fugitiva pelo Capitão-do-mato, que recebe seu pagamento, enquanto ela aborta; no filme de Bianche, uma jovem percebe que uma ONG superfatura a compra de computadores ao implantar o projeto “Informática na periferia”, numa comunidade pobre.

Na mistura das duas histórias, a miséria é economicamente rentável e geradora de emprego, a solidariedade uma empresa e até mesmo a denúncia um negócio. No atual jogo "democrático" e de "participação" da sociedade civil em prol de demandas não atendidas pelo Estado, as ONGs aparecem no filme funcionando como empresa, incorporando seu discurso típico e objetivando, enfim, o lucro. Responsabilidade social ou solidariedade são exaltadas e mobilizadas como marketing dessa nova indústria que gerencia a miséria e os miseráveis. O próprio filme, no limite, ao tematizar o uso econômico da miséria, faz da denúncia seu negócio, mas essa possível autofagia encontra no choque do espectador a proposta de retirá-lo daquele mundo mágico, da inércia confortante dos que criticam e apresentam uma nova proposta ou solução ao final. Sem solução, sem proposta, o roteiro de Bianchi termina o filme com dois desfechos possíveis, dando a entender que mesmo que não sejam apenas aquelas as opções, é o espectador que dará novos desfechos para a nossa História²⁸.

O conto de Machado de Assis, *Pai contra mãe*, pode ser utilizado em sala de aula, associado não só à disciplina Língua Portuguesa e Literatura, mas é possível discutir a partir dele questões relacionadas à história da escravidão no Brasil, e temas como preconceito, violência, ética, respeito e gênero. O filme **Quanto vale ou é por quilo?**, além de possibilitar a reflexão sobre todas essas questões acima, permite uma análise crítica dos desdobramentos da escravidão, que se fazem sentir até hoje. As duas opções de desfecho do roteiro proposto por Bianchi, podem

²⁸ Fontes: Marta Kanashiro, in: <http://www.comciencia.br/resenhas/2005/07/resenha1.htm>.
<http://www.quantovaleoueporquilo.com.br/>.

ser utilizados de forma enriquecedora em sala de aula, assim como o próprio papel do filme, a que interesses serve, e sua repercussão no público.

A utilização de filmes associados (e não em substituição) às obras que os inspiraram, pode despertar, como resultado, o incentivo a uma aproximação dos alunos tanto das obras literárias, que estão cada vez menos sendo lidas, como de outros filmes, além dos sucessos do circuito estritamente comercial.

4. A literatura e o cinema na escola

A literatura e o cinema não constituem disciplinas propriamente ditas da grade curricular, mas ambos estão presentes no cotidiano escolar: a literatura integrada à disciplina Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental de forma diluída e no Ensino Médio, às vezes, aparecendo como uma subdivisão da disciplina Língua Portuguesa ou associada numa disciplina nomeada de Língua Portuguesa e Literatura; mais distante de se constituir como uma disciplina, o cinema aparece na escola como recurso didático utilizado principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, História e Geografia. Essa presença, no caso da literatura, é mais antiga, mas o cinema desde sua invenção vem ganhando espaço na educação. De acordo com Epstein:

Rival da leitura, o espírito cinematográfico é seguramente capaz de suplantá-la em influência. Ele se dirige a uma platéia que pode ser mais numerosa e diversificada do que o público de leitores, pois não exclui nem os semiletrados nem os analfabetos: não se limita aos usuários de certos idiomas e dialetos; compreende até mesmo os surdos e mudos; dispensa tradutores e não precisa temer seus contrasensos; e, finalmente, porque esta platéia sente-se respeitada na fraqueza ou na preguiça intelectual de sua imensa maioria. (Epstein, 2003: 296)

Não encaramos o cinema como *rival da literatura*, principalmente dentro da escola, mas essa influência e facilidade são inegáveis; como afirma Aguiar, parafraseando Umberto Eco:

Na literatura, os estímulos emotivos vêm após os leitores atravessarem uma verdadeira cortina de operações semânticas e sintáticas guiadas por signos, materializados em palavras e organizados em conceitos. Já no cinema a presença da imagem visual desperta reações imediatas, incluindo-se as fisiológicas, com risos, lágrimas, descargas de adrenalina e outras. Além desses aspectos destacados por Eco, poderíamos sublinhar também que a literatura, em nosso mundo de hoje, supõe um consumo íntimo e privado, embora seu estudo

seja parte dos currículos escolares, enquanto o cinema supõe uma sala de ocupação coletiva e se abre para o contágio das reações coletivas: rir numa sala vazia é muito diferente de fazer o mesmo numa sala lotada. (Aguiar, 2003: 120)

Entendendo-se que há uma semelhança de uso e referências entre literatura e cinema, uma reflexão sobre o papel da literatura na educação pode ajudar a entender o processo de inserção do cinema na escola.

O ensino de literatura nas escolas médias representava um elemento importante da formação acadêmica nos séculos XVIII, XIX e início do século XX; a leitura de obras da literatura universal era obrigatória em todas as áreas do conhecimento; nos últimos cinquenta anos a sua forma de abordagem na escola foi se modificando: deixou de ser universal e limitou-se à literatura portuguesa e brasileira, tornando-se um apêndice da disciplina Língua Portuguesa, muitas vezes como apoio ao ensino da língua ou de disciplinas artísticas. Dos anos 1970 para cá, com a expansão do consumo dos livros didáticos com suas respostas prontas para o professor, o ensino da literatura tem se resumido a uma linha do tempo com demarcações de escolas literárias com um rol de características, obras e escritores “mais importantes”, totalmente dissociadas das obras que raramente são levadas para a sala de aula; ao invés da leitura obrigatória que outrora se fazia das obras, hoje os alunos conhecem apenas os resumos de enredos das obras, acessados via *internet* ou livros especializados em resumos, considerados apoio ao vestibulando²⁹.

O romance está para a literatura assim como o filme está para o cinema. É possível ler um romance ou assistir um filme sem nenhum conhecimento a respeito da teoria e da história da literatura ou do cinema. Tanto um como outro estão à disposição do público em geral ou do público especializado; na escola, porém, o contato com o livro e com o filme deve ir além da fruição descomprometida com o processo educativo; conhecimentos das teorias literárias e da história da literatura, estudos sobre as escolas literárias, as teorias cinematográficas, a história do cinema, as críticas e as crônicas constituem chaves para potencializar a leitura com compreensão e a interpretação do romance e do filme; literatura e cinema levados à escola passam por “processos” próprios à escola, assim, a interpretação e o entendimento de ambos é diverso da interpretação e do entendimento do público em geral.

²⁹ Estas reflexões tiveram como embasamento as discussões do grupo de estudo da qual participamos, especialmente dos relatórios de qualificação dos mestrados Carolina Yokota de Paula Lima, Gabriela Rodella e André Barbosa de Macedo.

O que percebemos na prática escolar atualmente é um processo inverso entre o uso da literatura e do cinema. A teoria e a história da literatura são abordadas como objeto temático nos cursos de literatura, mas a obra literária não é lida em sala de aula ou exigida sua leitura; os próprios professores muitas vezes têm conhecimento da obra somente através das críticas e comentários dos teóricos, e os alunos buscam na *internet* os resumos que lhes permitam minimamente fazer as avaliações escolares, reduzidas à verificação do aprendizado das chaves da literatura, dissociadas de um contato com as obras propriamente ditas. Com o cinema acontece o contrário, diferentemente do romance, o filme é levado para a sala de aula, mas é transformado em recurso didático e normalmente o professor conhece apenas a sua sinopse que vem nas capas dos filmes, sem nenhum conhecimento sobre as técnicas de sua produção, da história do cinema, dos gêneros cinematográficos e da teoria do cinema; assim, não são disponibilizadas as chaves necessárias para sua interpretação, dado que geralmente nem mesmo o professor se apropria dessas chaves.

O que aproxima cinema e literatura na escola é a forma de utilização em sala de aula: romances e filmes são usados como ilustração de conteúdos, como exemplificação no estudo das teorias literárias, como síntese de informação ou como referência para avaliação, tornando-se, ambos, objeto de avaliação³⁰. Outra questão importante a ser discutida é sobre a possibilidade de substituição de uma linguagem pela outra, ou seja, a concepção de que ao se assistir um filme baseado em um romance, está se fazendo a leitura desse romance. O cinema não substitui a literatura nem a torna obsoleta, pelo contrário, na escola, esses dois veículos podem ser usados de forma a se complementarem, e as comparações entre as duas formas de narrar histórias podem ser uma forma de conhecer a ambas, como objetos de conhecimento.

Professores e alunos ficam do mesmo lado e vivenciam a mesma situação enquanto leitores ou espectadores, mas terminada a leitura do romance ou a projeção do filme, cabe ao professor reassumir o seu papel de mediador; embora para ser professor de literatura, aparentemente, se pressuponha uma especialização, que não é necessária com relação ao professor que utiliza o cinema, impõe-se, para esta utilização, a obrigatoriedade de conhecer o recurso utilizado - qualquer recurso ou conhecimento abordado pelo professor deve ser minimamente conhecido por ele. Este é o diferencial entre o professor e o aluno; não há como o

³⁰ Objeto de avaliação não é objeto de conhecimento.

professor ser especialista em tudo e muito menos se apropriar de todas as informações e conhecimentos, mas ele é o professor e para tanto tem que ter uma formação diversa e adequada.

Por mais que sejamos sensíveis ao fato de que ao professor falta tempo, recursos materiais e condições adequadas de trabalho, estas são questões a serem discutidas em outro fórum; a formação necessária para exercer a profissão de professor não pode ser desprezada por conta das dificuldades materiais: uma coisa potencializa a outra, quanto piores as condições de trabalho do professor, mais difícil a realização da sua formação continuada; quanto mais deficitária sua formação, menor seu prestígio e força para reivindicar por condições de trabalho mais dignas. A formação inicial e contínua do professor é um problema que deve estar na pauta das políticas educacionais, e precisa ser incorporada ao cotidiano do professor, mas o professor deve ter uma formação inicial suficiente para exercer sua profissão.

Na emergência de dar conta de todos os afazeres escolares e das exigências de diversificação de métodos dentro de sala de aula, os manuais facilitam, mas empobrecem o trabalho do professor; um exemplo disso é o resultado negativo da utilização não crítica que vem sendo feita dos livros didáticos como única fonte de referência dos professores. Uma capacidade e interesse de fazer uma pesquisa bibliográfica mínima, uma capacidade de navegação pela *internet* pode fazer a diferença entre uma abordagem superficial e uma abordagem rica do conteúdo escolar.

Capítulo IV - O cinema e a escola: relato da pesquisa

1. Introdução

A discussão sobre as relações entre o cinema e a educação não poderia, neste trabalho, limitar-se a um diálogo com os diversos teóricos apontados pela pesquisa bibliográfica, pois não pretendemos apenas levantar as possibilidades de intersecção entre cinema e educação presentes nessa bibliografia estudada, mas também buscar na realidade do cotidiano escolar o que efetivamente tem sido feito para a inserção do cinema na escola.

O alto custo dos ingressos de cinema e dos equipamentos de reprodução doméstica de filmes poderia ser tomado *a priori* como um indício de que apenas escolas de iniciativa privada ou escolas da rede pública de localização privilegiada teriam condições de efetivamente utilizar o cinema, mandando os alunos assistirem aos filmes ou projetando-os na própria escola. No entanto, a difusão desses equipamentos na rede pública, constatada com a pesquisa de campo, mostrou ser uma realidade, e não apenas propaganda governamental, a possibilidade de uso desse recurso. Tal constatação suscitou novos questionamentos: primeiro, se os recursos existem, e é reconhecida sua importância no processo educativo, por que a escola não utiliza o cinema de forma efetiva; segundo, se há alguma utilização do cinema, mesmo que assistemática, de que forma ela se realiza; e terceiro, qual a relação da utilização do cinema pela escola com a formação dos professores.

Esses questionamentos nortearam o trabalho de campo, estabelecendo uma ponte entre a realidade pesquisada e o quadro teórico na qual esse trabalho se baseia, cujos resultados esperamos que venham a contribuir para os debates e reflexões em torno da relação cinema e educação.

2. Procedimentos da pesquisa de campo

Um dos procedimentos adotados em nossa pesquisa de campo foi a visita a Escolas Estaduais de Ensino Médio, para aplicação de questionário e realização de entrevistas com professores. Através dos questionários, obtivemos informações sobre a existência ou não: (a) de equipamentos audiovisuais e de ambientes adequados para sua utilização, e (b) de projetos de

cinema nas escolas. As entrevistas com os professores deram subsídios para inferir como o cinema adentra na escola e permeia o processo educativo.

O espaço da pesquisa ficou limitado ao município de São Paulo pela sua importância socioeconômica e política, e pela sua heterogeneidade e diversidade socioeconômica e cultural. A escolha da rede pública se justifica porque é essa esfera responsável pela educação da maioria das crianças e jovens, e por representar a opção mais democrática de acesso à educação. A democratização do acesso, que ocorreu a partir da segunda metade do século XX, não foi acompanhada de uma correspondente democratização dos meios de informação, comunicação e reflexão, que estaria subentendida em uma educação em que a qualidade fosse mantida com a intensificação do acesso. Isto posto, acreditamos que, na rede pública esse trabalho teve uma riqueza de informações para os objetivos propostos.

Embora o cinema possa ser utilizado desde a Pré Escola até o Ensino Superior, optamos pelo Ensino Médio, como recorte empírico, pela sua especificidade de ser preparação para o Ensino Superior, e por atender a uma faixa etária que possibilita um trabalho mais sistemático e rico de discussão, pois temos também como um subtema de nossa pesquisa uma reflexão sobre o cinema como objeto de conhecimento, e não somente deste tomado como recurso. Isso demanda do aluno uma maior capacidade de abstração e, portanto, uma idade mais avançada.

A partir do mapa do município de São Paulo, de acordo com as Diretorias de Ensino, foram selecionadas, aleatoriamente, inicialmente, vinte e cinco das seiscentas e uma escolas de Ensino Médio, posteriormente, substituímos dez escolas, onde fomos impossibilitados de realizar a pesquisa. Na escolha das escolas procuramos circunscrever todas as regiões do município de São Paulo, assim, visitamos escolas de diferentes pontos das regiões Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro do Município de São Paulo. A quantidade de escolas visitadas pode parecer muito reduzida, mas o objetivo não é fazer generalizações, e sim entender como o cinema se insere no cotidiano escolar e as possibilidades de sua apropriação pelos agentes da educação, o que nós conhecemos a partir da pesquisa qualitativa.

Selecionadas as escolas, iniciou-se o contato telefônico para agendar as visitas; no entanto, a resistência do corpo administrativo das escolas (tanto secretárias como coordenadoras e até mesmo diretores) a abrir espaços para a realização da pesquisa, mostrou que esta poderia se tornar muito morosa se vinculada à boa vontade das direções em receber pesquisadores, mesmo que com objetivos científicos. Uma mudança de estratégia para visitas sem agendamento, apenas

com a confirmação da presença da direção da escola para obter a permissão necessária e para prestar os esclarecimentos que cabem a esta instância, gerou algumas viagens perdidas, mas também agilizou o andamento da pesquisa que estava dificultado pelos pré-agendamentos. A dificuldade de realizar a pesquisa em algumas escolas é muito significativa e indício de certa resistência à academia e às práticas científicas em educação, como se esses constituíssem uma ameaça ou um revelador de crise educacional. Com desculpas de que o momento não era adequado, ou de que não havia ninguém na escola para autorizar, secretárias, auxiliares de direção e bedéis demonstravam um certo ceticismo sobre a seriedade e importância da pesquisa científica.

Num terceiro momento, uma carta de apresentação do orientador em papel timbrado da Universidade São Paulo, abriu algumas portas, embora em algumas escolas ainda fôssemos recebidos com contrariedade, e em outras fomos, talvez por isso, impedidos de realizar a pesquisa. Finalmente, estabelecemos contato com alguns professores de Ensino Médio da rede pública, indicados por amigos e colegas de trabalho, que nos abriram o caminho para a realização da pesquisa em suas escolas.

Entre 2006 e 2007 foram visitadas trinta e cinco escolas, sendo que a pesquisa só foi feita em vinte e cinco delas, o que significa que 28,6% das escolas visitadas não autorizaram a realização da pesquisa.

As entrevistas se constituíam de perguntas abertas, pois não nos interessavam apenas números de projeções de filmes, mas questões como: que filmes foram utilizados, em que situações programáticas, que metodologia foi utilizada na apresentação dos filmes, que abordagens foram feitas sobre as temáticas dos filmes, se são abordados, e de que forma, os elementos fílmicos como som, imagem, iluminação, trilha sonora, montagem, edição, etc. Dessa forma, propomos uma entrevista gravada, estruturada a partir de um roteiro que permitia o diálogo com os professores.

O procedimento seguido nas escolas foi: após as apresentações, solicitávamos ser recebidos pela Direção, à qual entregávamos um resumo escrito da proposta de pesquisa (Anexo 1); um formulário (Anexo 2) era preenchido a partir das respostas do diretor, com objetivo de saber de quais equipamentos audiovisuais a escola dispunha, e quando o diretor se mostrava receptivo, era possível visitar os ambientes utilizados para reprodução de filmes.

Para as entrevistas, feitas como já comentamos anteriormente apenas com professores do Ensino Médio, não havia restrição com relação à disciplina ministrada e à utilização de filmes em suas aulas. Após conversa de apresentação e esclarecimentos sobre a pesquisa, utilizávamos equipamento de gravação de voz para posterior transcrição. Embora houvesse um roteiro para nortear a entrevista (Anexo 3), era a fala do professor que determinava o percurso da conversa. Estes roteiros não são rígidos, assim, no transcorrer da entrevista surgiram informações não previstas, e o próprio roteiro sofreu alterações durante o processo de realização da pesquisa. A importância destas entrevistas está em conhecer o posicionamento dos professores, suas dificuldades e suas perspectivas ao trazer o cinema para dentro da escola.

3. Resultados quantitativos da pesquisa

A partir dos questionários respondidos pelas direções dessas 25 escolas, concluímos que as escolas da rede estadual de ensino médio de São Paulo possuem equipamentos audiovisuais suficientes para a inserção do cinema na escola. Todas as escolas pesquisadas possuem aparelhos de televisão e em sua grande maioria mais de um aparelho (ver gráfico nº 1); todas as escolas possuem também aparelhos de reprodução de filmes em VHS e/ou DVD, e novamente os números mostram que em quantidade que permite inclusive o uso concomitante por mais de uma turma (ver gráficos nº 2 e nº 3). Outro dado importante é que esses equipamentos são novos ou seminovos e em perfeito estado de funcionamento.

Em contrapartida, percebemos que o mesmo não acontece com os acervos de filmes em VHS e DVD, pois como podemos observar nos gráficos nº 4 e nº 5, muitas escolas não possuem acervo algum e na maioria das escolas que possuem, o acervo é inferior a 100 títulos. Verificamos que, em geral, são “filmes educativos” e pouco utilizados: em uma escola houve contradição de informações, pois a direção afirmou haver um acervo razoável e a professora entrevistada desconhecia este fato. Com exceção de uma escola onde há um acervo montado por doações de professores, e duas outras em que os professores escolheram os títulos adquiridos, no restante os filmes foram enviados pela Secretaria da Educação sem qualquer consulta aos professores.

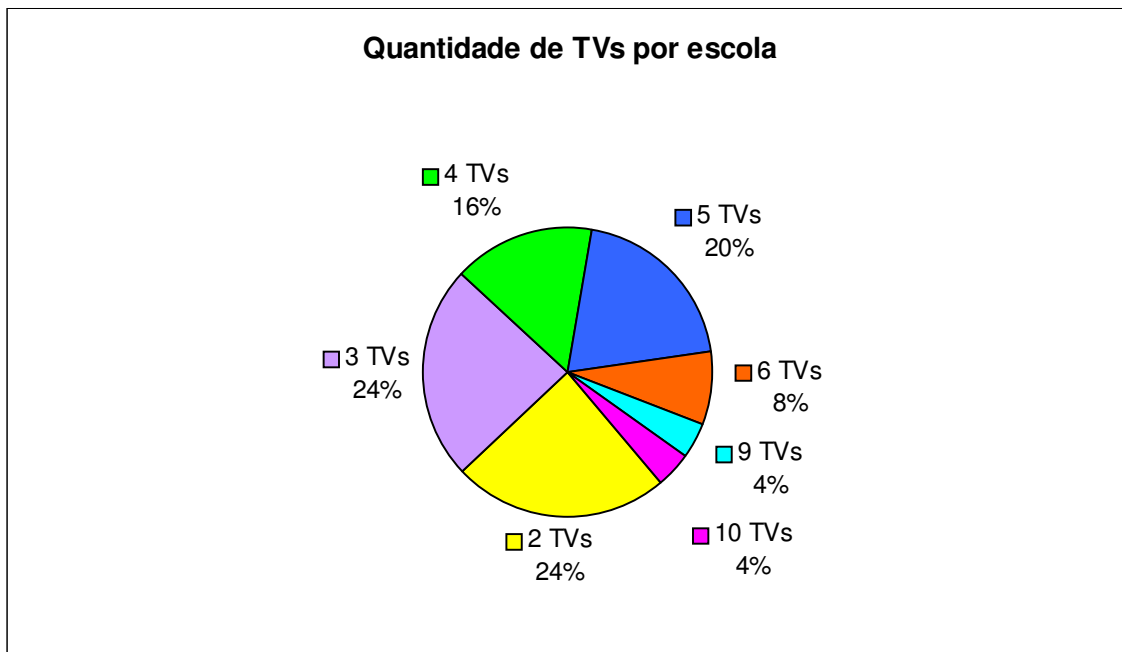


Gráfico 1 – Quantidade de TVs por escola

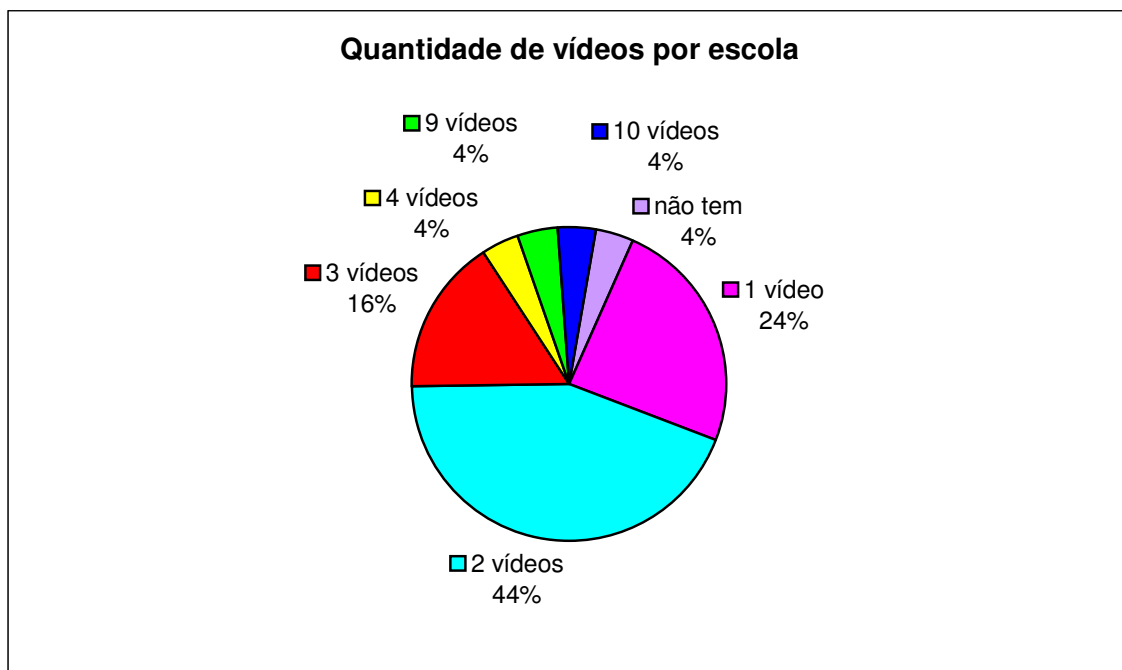


Gráfico 2 – Quantidade de vídeos por escola



Gráfico 3 – Quantidade de aparelhos de DVD por escola

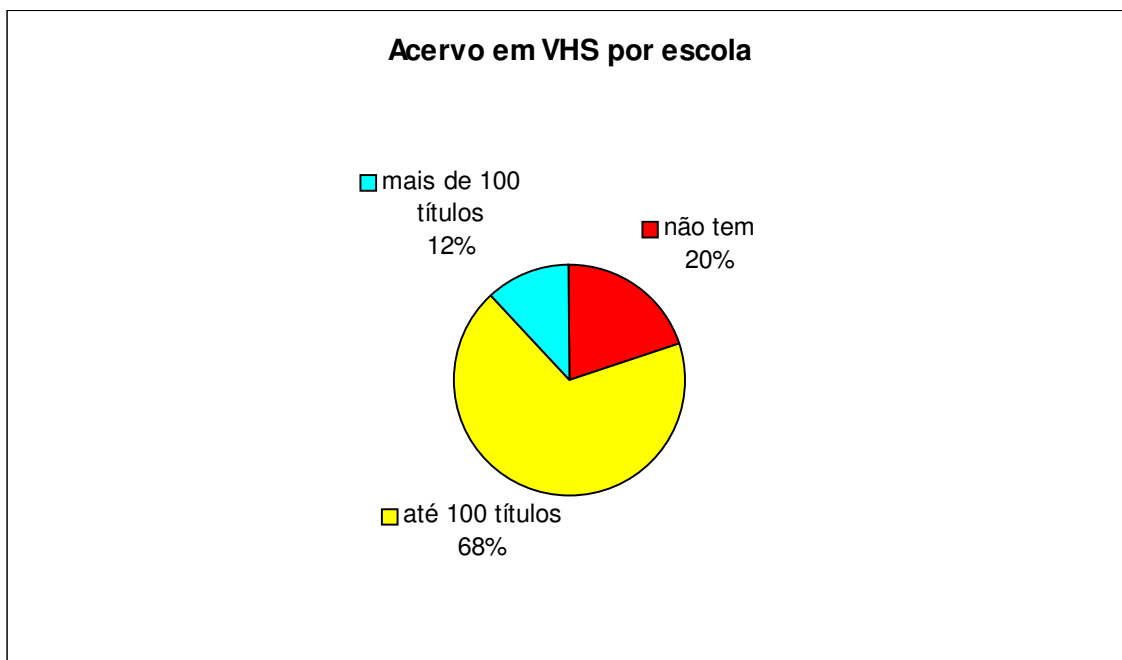


Gráfico 4 – Acervo em VHS por escola



Gráfico 5 – Acervo de DVD por escola

No que se refere ao espaço reservado pelas escolas para a utilização dos equipamentos audiovisuais, observamos que 16 (dezesseis) escolas possuem local apropriado para projeção e nove fazem adaptações de acordo com as necessidades (ver gráfico nº 6); no entanto, o que os diretores chamam de “sala de vídeo” também são salas de aula que foram adaptadas para esta utilização e nem sempre as condições são adequadas para a reprodução de um filme, pois não possuem cortinas *black out* para escurecer o ambiente e são desconfortáveis, por usar carteiras escolares ao invés de cadeiras almofadadas, e em algumas, os alunos sentam-se no chão. Assim, das 25 escolas pesquisadas, apenas cinco têm locais projetados para substituir a sala de cinema de forma satisfatória, em duas delas há inclusive um programa de agendamento para otimizar a sua utilização.

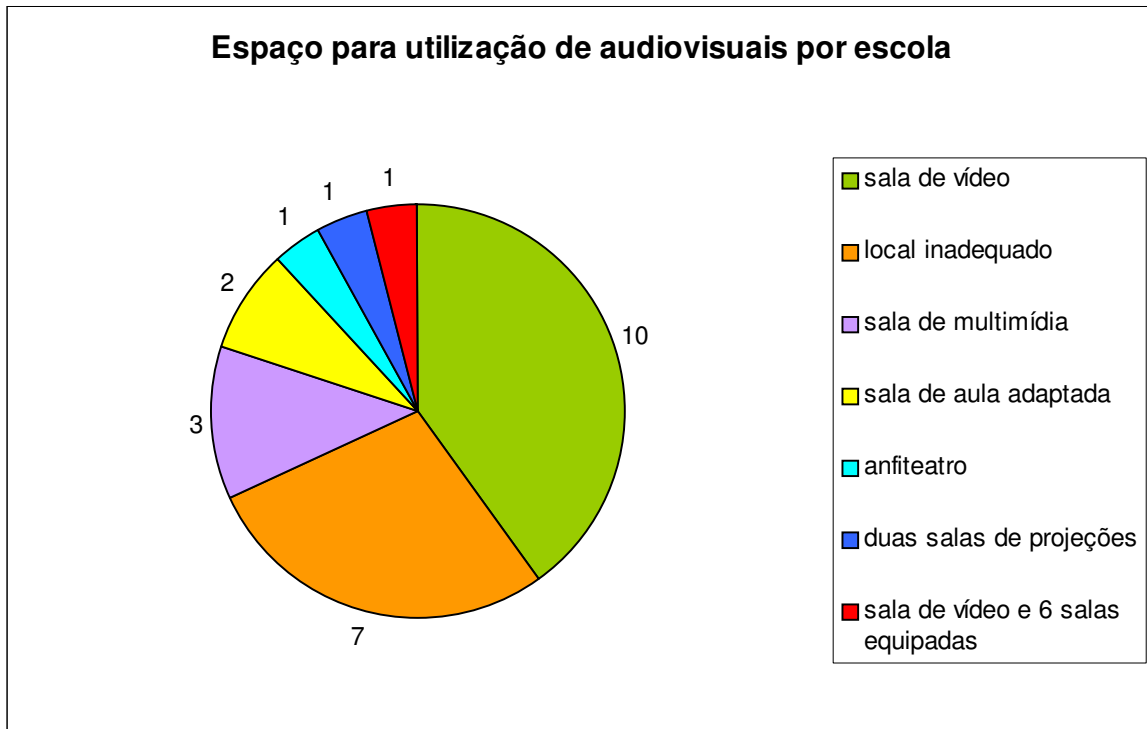


Gráfico 6 – Espaço para utilização de audiovisuais por escola

Apesar de as escolas estarem equipadas e utilizarem audiovisuais, a pesquisa demonstrou que não há um profissional especializado para orientar ou coordenar essa utilização, como às vezes ocorre nas salas de leitura ou de informática. Em apenas duas escolas esta orientação é oferecida informalmente, numa por um professor e na outra pelo coordenador pedagógico (professor de história).

A existência ou participação em projetos de cinema também não é uma prática comum nas escolas, como podemos ver no gráfico nº 7. Apenas nove escolas participaram ou participam de algum projeto, das quais apenas duas possuem projeto permanente da própria escola, envolvendo todos os professores e alunos; as outras sete participaram de projetos temporários que envolveram poucos professores ou apenas um professor.

Os dois projetos próprios da escola são: 1) *O cinema como sala de aula*, com o objetivo, segundo o professor entrevistado, de familiarizar os alunos com a cultura cinematográfica numa perspectiva de desenvolver a compreensão para a análise fílmica e a formação do espectador crítico; 2) *Linguagens da comunicação – Cinema*, que conforme o professor responsável,

funciona como uma disciplina da grade curricular da escola, associado a dois outros projetos, um do grêmio - *Cine Práxis* - e um independente - *Cine BG*³¹ - ambos com objetivo de formação de público.

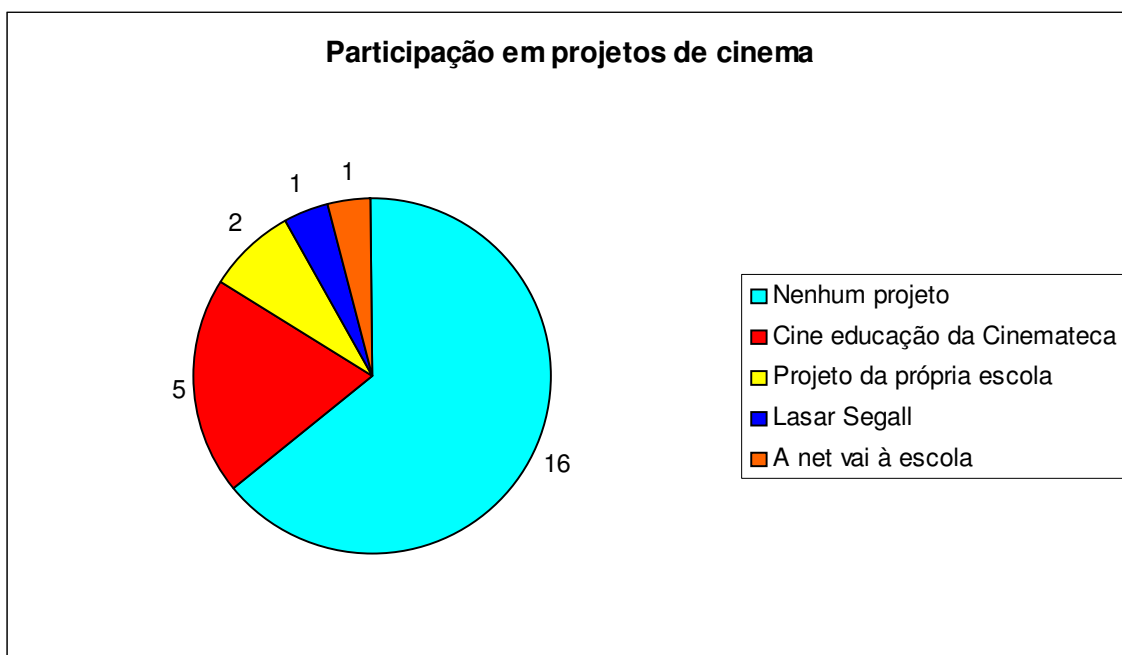


Gráfico 7 – Participação em projetos de cinema

4. Análise crítica dos resultados

No decorrer da pesquisa de campo, várias reflexões foram se delineando, menos sobre os resultados da pesquisa e mais sobre a própria pesquisa, o que determinou alguns ajustes no roteiro das entrevistas. A fase formal de análise dos dados coletados se efetivou após o encerramento do trabalho de campo. Lüdke (1986) recomenda que o trabalho de análise se inicie pela construção de um conjunto de categorias descritivas a partir do referencial teórico e das características específicas da pesquisa de campo. Assim, seguindo esta indicação, formulamos, a partir das próprias questões iniciais e das respostas dadas nas entrevistas, um conjunto de categorias para procedermos à análise e interpretação dos dados.

³¹ O nome do projeto *Cine BG* se refere às iniciais do nome da escola: E T. E Professor Basilides de Godoy.

De acordo com as categorias teóricas iniciais e das emergentes, os dados foram classificados em: formação do professor; frequência da utilização de filme em sala de aula; situações em que o filme é utilizado; forma como o cinema é utilizado; resultados da utilização do cinema; relação do cinema com a educação; relação do professor com o cinema; função do cinema na escola: instrumento ou objeto. Estas categorias apresentam os aspectos que traduzem como a utilização do cinema pelos professores efetivamente se realiza.

Formação do professor refere-se à necessidade ou não de preparo teórico para utilizar o cinema e à imagem que o professor faz de sua própria capacitação, tendo como pano de fundo as condições materiais e humanas de trabalho que permeiam o cotidiano escolar. *Frequência da utilização* de filme em sala de aula mostra os dados quantitativos da inserção do cinema na escola, e reflete sobre a existência ou não de uma frequência ideal. *Situações em que o filme é utilizado* apresenta os porquês da utilização pedagógica do cinema. *Forma como o cinema é utilizado* traz como transcorre uma aula com filme, que elementos são explorados. *Resultados da utilização do cinema* trata dos reflexos da utilização do cinema nas atividades de ensino e no processo de aprendizagem. *Relação do cinema com a educação* reflete o imaginário dos professores sobre os pontos de intersecção entre cinema e educação. *Relação do professor com o cinema* observa a vivência do professor como espectador. *Função do cinema na escola: instrumento ou objeto* aborda uma questão central dessa pesquisa: se o filme na escola se resume a um recurso didático ou se tem uma função de construção do conhecimento como objeto, se apresenta ele mesmo – cinema – como objeto do conhecimento, e como isso pode refletir sobre todos os outros pontos, inclusive na potencialização sua como recurso didático e conteúdo de ensino.

4.1 Formação do professor

A formação do professor se realiza em duas situações: a inicial e a continuada; a primeira constitui uma exigência para se exercer a profissão, e a segunda depende, por um lado, da opção e disponibilidade de cada professor, e por outro, da oferta e custo dos cursos e palestras, portanto não é obrigatória. Segundo Azanha:

A atuação docente na sua efetiva complexidade só precariamente poderá ser balizada pelas eventuais teorias assimiladas. Nessas condições, o ensino seria

invariavelmente um malogro se não fosse a existência no âmbito da escola de um “saber” não codificado nem expresso numa linguagem teórica mas que no fundo constitui a base da atuação docente. Na verdade, a formação do professor e o seu próprio aperfeiçoamento completam-se com o êxito que ele tenha na assimilação desse saber difuso e historicamente sedimentado no ambiente escolar e que tem apenas tênues relações com teorias pedagógicas. (Azanha, 1995: 76)

Assim, a formação continuada do professor, embora não obrigatória para o exercício da sua profissão, é fundamental; a combinação de participação em cursos com as experiências proporcionadas pelo próprio exercício da sua profissão, junto aos outros professores da escola, pode suprir – mesmo que parcialmente – as deficiências dos cursos formadores de professores.

Tomando o cinema como um recurso, não se observa nos cursos de licenciatura uma orientação específica e generalizada para sua utilização, talvez devido à visão de que nem todas as disciplinas poderiam utilizá-lo ou pela simples opção pelos recursos tradicionais ou convencionais. O cinema como objeto não constitui uma disciplina nem tão pouco é incorporado a alguma, como a Literatura, por exemplo, é incorporada à disciplina Língua Portuguesa; assim, sua abordagem nos cursos de formação de professores não é sistemática, e a oferta de cursos e palestras para a formação continuada é restrita. No entanto, não é apenas sobre esse aspecto – o cinema – que a preparação do professor é deficitária, geralmente os professores são habilitados para exercer a profissão sem o embasamento teórico e prático suficiente em diversas áreas do conhecimento, e no exercício do magistério, a falta de tempo e de recursos materiais limitam sua formação continuada.

Ao falar em formação para trabalhar com cinema em sala de aula, não nos referimos, como já citamos anteriormente, a uma especialização em teoria, história e crítica do cinema, mas a alguns conhecimentos mínimos que permitam ao professor realizar a mediação necessária entre o filme e suas possíveis interpretações. Segundo Marília Franco (1992), “o professor há de ser um espectador especializado, não em cinema, mas em educação”, e daí surgirá sua autoridade para usar e interpretar as linguagens do cinema. Obviamente, a busca da especialização como educador implica conhecer os demais assuntos, técnicas e linguagens utilizadas em sala de aula; do mesmo modo, se o professor utiliza o cinema, precisa dominar alguns elementos dessa

linguagem, conhecer o texto e o contexto do filme utilizado, ter clareza de seus objetivos e delinear procedimentos pertinentes que otimizem os resultados.³²

Como parte da pesquisa, duas perguntas eram feitas acerca da formação do professor: uma sobre a participação em cursos ou palestras sobre como utilizar cinema na escola, e outra sobre a importância de os cursos de formação inicial de professores incluírem no seu currículo uma disciplina que os prepare para esta utilização. Nos depoimentos, percebe-se uma distância entre propostas ou intenções e a prática efetiva, pois embora os vinte e cinco professores entrevistados usassem o cinema, apenas nove buscaram algum tipo de formação, em que pese vários tenham afirmado que essa formação seja necessária:

*“Os cursos de formação de professores não capacitam para utilização de cinema e outras mídias, e esta **capacitação é necessária**”* (depoimento 4).

*“Só discuto o conteúdo do filme, acho importante a discussão sobre a linguagem do cinema, mas **não me sinto preparado** para isto, é algo que **preciso e quero fazer: me preparar** para trabalhar as especificidades do cinema”* (depoimento 5).

*“Acho importante a escola usar o cinema, pois alguns alunos não vão ao cinema, mas os professores **não estão capacitados** para este trabalho, os **cursos de formação de professores** deveriam suprir esta carência”* (depoimento 10).

*“Os **cursos de formação de professores** deveriam **orientar melhor** não só sobre a utilização do cinema, mas **sobre vários outros aspectos**”* (depoimento 24).³³

Há depoimentos contundentes sobre a dificuldade de formação por conta da ineficiência dos cursos e outras complicações do dia a dia do professor:

*“Os cursos de formação de professores poderiam preparar os professores para utilizar o cinema e audiovisuais em sala de aula, a **faculdade de educação prepara muito mal** os professores. A **rotina** do professor é **difícil**: excesso de atividades, muitas aulas para ter um salário digno e pouco tempo para estudar, buscar materiais novos e pesquisar. Obviamente tem mecanismos: o Estado oferece cursos e palestras, mas não é suficiente. O que eu percebo é que tem boa vontade, mas falta tempo e condições. Às vezes o professor não usa um filme ou outro recurso por falta de tempo de pesquisar ou de se preparar”* (depoimento 19).

³² Ora, o mesmo seria exigido de toda e qualquer técnica ou linguagem, ou, em suma, recurso utilizado pelo professor, mas há uma certa naturalização das demais estratégias de ensino.

³³ O mesmo aparece ainda nos depoimentos 3, 6, 7, 9, 11, 19, 23.

*“Na minha opinião, os professores são **completamente despreparados** para a utilizar o cinema de forma adequada, o máximo que conseguem fazer é verificar qual filme é legal e que tem relação com o conteúdo ensinado; o filme é usado só para ilustrar o conteúdo, não sabem como trabalhar a linguagem e a técnica do cinema. Os cursos deveriam ensinar o professor como utilizar o cinema, mostrar a sua relação com a educação e dar noções de teoria e história do cinema”* (depoimento 23).

Com relação à rotina dificultosa citada pelo professor acima, sabemos que na realidade escolar, os professores vivenciam uma contradição entre o que a prática pedagógica exige que seja realizado e o que é possível realizar frente ao número de aulas que são obrigados a assumir, número de alunos por sala, falta de recursos materiais e de equipamentos.

Alguns professores fizeram cursos ou assistiram a palestras, mas mesmo esses não se sentem preparados para fazer a adequada mediação do filme, apenas seis professores demonstraram certa segurança para a utilização do cinema, por conta de autodidatismo e planejamento prévio, como podemos notar nos três depoimentos a seguir:

*“Nunca participei de treinamento para trabalhar com cinema em sala de aula, mas tive contatos com gente que trabalha com cinema na sala de aula, caso da SEE-SP. O curso dado na Cinemateca, é medíocre, **poderia eu mesmo dar cursos de leitura crítica da imagem**, auxiliando àqueles que querem utilizar, de modo adequado, o filme em sala de aula, num sentido específico, inserido na disciplina do professor”* (depoimento 12).

*“Eu me sinto preparada para utilizar o cinema, mesmo porque os filmes utilizados já são incluídos no planejamento, **eu sei quando e para que vou passar cada filme**, e mesmo quando assisto a um filme novo, e acho que dá para passar para os alunos, é feito um planejamento antes, mas nunca li nada sobre a utilização do filme em sala de aula”* (depoimento 15).

*“Sempre que vou utilizar qualquer recurso eu **tenho o cuidado de me preparar previamente, inclusive para usar cinema**”* (depoimento 25).

É obvio que a preocupação em planejar, preparar as aulas com antecedência é fundamental para o sucesso de qualquer proposta pedagógica, mas embora possam proporcionar mais segurança ao professor, não garantem que a utilização do cinema explore todas as possibilidades desse objeto ou recurso, pois para isso é necessária uma formação inicial e investimento em educação continuada.

Nas falas dos professores, podemos perceber que a utilização ainda incipiente do cinema na escola é decorrente, em grande parte, da estrutura deficiente da sua formação. Sabemos que

vários são os aspectos referentes à má formação do professor, e esse é um problema que já se arrasta há algumas décadas e vem sendo discutido pela academia, em busca de soluções. Também sabemos que muitas são as dificuldades para formação continuada: qualidade e custo dos cursos oferecidos, disponibilidade e motivação dos professores.

Em contrapartida, existe uma farta bibliografia e cursos de qualidade sobre o cinema na escola; há também o respaldo do Centro de Referência em Educação Mário Covas, que como já citamos anteriormente, além de ter um acervo de mais de 700 fitas de filmes de longa metragem, disponibiliza material didático para apoio do professor. Com este trabalho, também esperamos contribuir para as reflexões dos professores que utilizam o cinema em suas aulas; no Anexo 6 sugerimos uma bibliografia comentada para o professor que queira complementar sua formação com leituras sobre o assunto.

4.2. Freqüência da utilização de filme em sala de aula

A freqüência da utilização não é um dado importante apenas pela quantidade que revela, mas principalmente por favorecer uma reflexão sobre se esse número representa uma efetiva utilização do cinema pelos professores.

Durante a pesquisa, os diretores e coordenadores mostravam interesse em chamar um professor que costuma utilizar cinema para ser entrevistado, geralmente de História, Geografia ou Português (dezenove dos professores participantes da pesquisa ministram alguma dessas disciplinas), contrariando a solicitação de chamar qualquer professor independentemente de usar cinema e da disciplina ministrada. Os dois professores da área de Ciências da Natureza e Matemática que foram entrevistados - um de Matemática e um de Biologia - embora afirmassem que utilizavam cinema, exibem apenas fitas de telecurso:

*“Utilizo filmes freqüentemente em minhas aulas, pois em Matemática deve-se partir do concreto para depois abstrair. Trabalho, semanalmente, com o **Telecurso 2000** que é a parte prática da matemática, a sua utilização no dia-a-dia, através das imagens”* (depoimento 7).

*“Nesta escola, só **utilizo filmes do telecurso** em minhas aulas, pois dou aula à noite e é muito complicado passar filme de longa metragem, mesmo quando tem dobradinha, como as aulas são mais curtas fica difícil passar um filme inteiro. Os filmes do telecurso além de serem curtos tratam os assuntos a partir do cotidiano e os alunos gostam. Agora que*

estão colocando vídeos nas salas, vai ficar mais fácil, nem vou precisar sair da sala para passar os filmes” (depoimento 24).”

Assim, o fato de 100% dos professores afirmarem que utilizavam cinema em suas aulas, não nos permite inferir que no cotidiano escolar, o cinema tenha conquistado um espaço efetivo, mesmo que às vezes de forma inadequada ou incipiente, pois usar telecurso não é o mesmo que usar cinema. O telecurso é um recurso audiovisual, sem dúvida também importante, mas não é cinema, posto que não utiliza as técnicas, recursos e linguagem do cinema, não tem o papel de criar a impressão de realidade, e sim garantir a compreensão do assunto tratado; tem uma função claramente didática, um objetivo pedagógico explícito, não é produzido para ser exibido na sala escura; mesmo que recorra à dramatização e tenha um enredo mínimo, é uma aula filmada para ser exibida na televisão.

Um dado observado é que os professores de História, Geografia e Português utilizam o cinema, numa frequência que varia de uma vez por semana a uma vez por ano; estes usam o cinema propriamente dito – ficção ou documentário. Sobre a frequência, percebemos nas falas dos professores, que também interferem aspectos como: a rotina da escola, o período em que trabalham (diurno ou noturno), o corpo docente:

*“Embora este ano **não tenha utilizado** no ensino médio porque minhas aulas são à noite, e os alunos não gostam muito, **de manhã** costumava passar **até três filmes por ano**” (depoimento 8).*

*“Utilizo o cinema muito raramente, um a cada semestre, não por não considerar importante, mas **tem tanta coisa para fazer que não consigo usar mais vezes**” (depoimento 16).*

*“Utilizo filmes em sala de aula, **a frequência depende do trabalho e do corpo docente com o qual esteja trabalhando. Já o utilizei mais de uma vez no bimestre, assim como já fiquei um ano inteiro sem o utilizar**” (depoimento 17).³⁴*

Acreditamos que o cinema pode ser utilizado em todos os ciclos escolares, associado a todas as disciplinas da grade curricular, tanto com recurso como objeto. Não há uma frequência que deva ser adotada como referência, pois quantos filmes utilizar no ano depende, obviamente, do plano do professor. Utilizar o cinema toda semana, como alguns professores afirmaram usar às

³⁴ Comentários similares encontramos nos depoimentos 9 e 24.

vezes pode ser menos profícuo do que utilizar apenas um filme por todo o ano letivo; a respeito Saliba afirma que:

Planejar um curso inteiro com uma quantidade enorme de filmes pode ser muito sedutor, mas pouco crítico. Apenas *vai repetir o que a sociedade já vive*: uma intoxicação de imagens. As crianças vivem uma sobrecarga tão forte de imagens que acabam por perder aquela *atenção discriminatória*, fundamental para qualquer aprendizagem. Temos que nos esforçar para introduzir novos pontos de referência e outras grades de leitura neste oceano de imagens não-hierarquizadas. (Saliba, E. T., 2007: 90, grifos do autor)

Muito mais do que a frequência com que o cinema é utilizado, o importante é refletir sobre quando, por que, para que e a forma como é utilizado o cinema na escola.

4.3. Situações em que o cinema é utilizado

No início deste trabalho, uma das hipóteses apresentadas é que o cinema ainda é utilizado, pela escola, de forma incipiente e fragmentada, limitando-se em muitos casos à ilustração de fatos históricos ou à introdução de conteúdos, à guisa de estímulo.

O professor, ao exibir um filme para seus alunos, pode ter diferentes motivos, não necessariamente vinculados ao conteúdo de sua aula, visto que pode ter como objetivo a formação de público, o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o filme ou a familiaridade com a linguagem do cinema. Embora considerado por vários estudiosos³⁵ como um importante veículo de ilustração ou forma de introdução de assuntos, principalmente em disciplinas como História e Geografia, o cinema pode ser inserido na escola em outras situações além das relacionadas ao conteúdo explícito.

Os depoimentos dos professores confirmam a hipótese de que o cinema ainda é utilizado predominantemente como ilustração do conteúdo, pois apenas 28% deles apresentaram algum indício de uma utilização mais abrangente e enriquecedora:

³⁵ Cf. BITTENCOURT, Circe, **Cinema, vídeo e ensino de história**, SP: mimeo, 1993; DUARTE, Rosália, **Cinema & Educação**, BH:Autêntica, 2002; FERRO, Marc, **Cinema e história**, RJ: Paz e terra, 1992; FRANCO, Marília da Silva, *A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais*, in **Lições com cinema 1, Cinema: uma introdução à produção cinematográfica**, SP: FDE, 1992; MORAES, Amaury Cesar, *A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa*, in SETTON, Maria da Graça Jacinto (org), **A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**, SP: Annablume: USP, 2004; NAPOLITANO, Marcos, **Como usar o cinema na sala de aula**, SP: Ed. Contexto, 2003.

*“O filme ilustra os conteúdos discutidos em aula e não podemos esquecer a **importância das imagens para a construção do conhecimento**. Não necessariamente ligado ao conteúdo” (depoimento 5)*

*“Com o filme **“Desmundo”**, por exemplo, pode-se ensinar figuras de linguagem, os costumes daquela época, comparar as linguagens da época com a de agora. O filme é passado como lazer, mas não se resume a isso, sempre tem mais alguma coisa, nunca o filme pelo filme.” (depoimento 6)*

*“Existem várias formas de utilização; pode ser para explicar ou ilustrar um conteúdo, ou a partir do filme ter uma **perspectiva de análise** do filme em si; por exemplo, usei um curta do Jorge Furtado, no início do ano, para suscitar discussões sobre a questão do tempo e do homem na sociedade contemporânea, então a partir do filme busquei elementos; aí não foi ilustrativo como costuma ser com temas históricos” (depoimento 19).³⁶*

São várias as situações em que é pertinente levar o filme para a sala de aula, desde em momentos em que a sua fruição possa gerar as condições para uma reflexão sobre temas do cotidiano escolar, em situações em que a imagem cinematográfica pode dar concretude ao conteúdo da aula, até a discussão das especificidades da linguagem do cinema. Embora o cinema não constitua uma disciplina da grade curricular oficial, vimos através de um dos depoimentos que é possível adotá-lo como uma sub-disciplina, como em geral se faz com a Literatura:

*“Aqui na escola temos um projeto de cinema dentro da **Disciplina Linguagens de Comunicação** – cinema, teatro e jornal - com **três professores coordenando**; eu coordeno cinema. Trabalhamos **história do cinema**, assistimos a vários filmes produzidos desde o início do cinema, e fazemos **discussões sobre o cinema**, por exemplo: educação e cinema, esporte e cinema, cinema novo. Os **subsídios para este trabalho vêm de leituras e de assistir a muitos filmes**” (depoimento 18).*

Podemos concluir, pela fala dos professores, que em qualquer situação em que o cinema seja utilizado na escola, é preciso que o professor tenha clareza de seus objetivos. Quando utilizado como recurso, há duas questões a serem observadas: se o filme é adequado para o conteúdo em questão, e a escolha estratégica do momento de sua utilização para otimizar os resultados; quando utilizado como objeto, algum conhecimento sobre a teoria e história do cinema através de uma pesquisa bibliográfica, cursos, palestras e fóruns de debates instrumentalizam o professor, em contraposição à insegurança ou falta de preparo denunciada

³⁶ Afirmações semelhantes nos depoimentos 11, 12, 17, 20.

pelos depoimentos. Vale lembrar que os professores de diferentes disciplinas podem utilizar um mesmo filme, o que facilita os acordos para a exibição completa da fita e amplia a possibilidades de exploração tanto do seu conteúdo como da sua forma.

4.4. Forma como o cinema é utilizado

A categoria *Forma como o cinema é utilizado* se relaciona diretamente com a categoria discutida no item anterior - *situações em que o professor exhibe filmes em suas aulas*, ou seja, *por que e como* o filme é usado são questões que se complementam e revelam como de fato o cinema se insere no cotidiano escolar - em termos de objetivos e em termos de práticas. Não pretendemos fazer aqui prescrições de como utilizar o cinema na escola, mas a partir dos depoimentos dos professores, detectar se a análise dos filmes é deixada a cargo dos próprios alunos ou se o professor cumpre o papel de mediador, trazendo informações sobre os pontos obscuros, estimulando a criticidade, indicando e solicitando o levantamento de questões referentes ao tema. Segundo Rios (2001a), é no exercício de mediação, que o professor, na relação com os alunos, proporciona a eles o encontro com a realidade, considerando o saber que já possuem e procurando articulá-lo a novos saberes e práticas.

Como já citamos anteriormente, o professor não precisa ser especialista em cinema para utilizá-lo, mas faz-se necessário algum conhecimento acerca de qualquer recurso que utilize, e em se tratando de o cinema ser utilizado também como um *objeto temático*, a familiaridade do professor, com essa linguagem, é fundamental para explorar as dimensões estética, sociológica e histórica, para fazer uma leitura do filme e sobre o filme, conduzindo uma análise crítica mais rica.

A utilização pedagógica do cinema não elimina a possibilidade de fruição dos filmes, sejam eles associados ou não a um determinado conteúdo da grade curricular; a diferença entre a exibição do filme no cinema ou em casa e a exibição na escola é a *mediação* do professor que, ao explorar as diversas possibilidades de leitura do enredo e as suas mensagens subliminares (no caso de ser utilizado com o objetivo de formação de um público) é capaz de fazer uma leitura mais profunda, crítica e abrangente. Moraes ao refletir sobre a tv – e o mesmo se aplica ao cinema, diz que:

“ trazer a tv para a sala de aula é submetê-la aos *procedimentos escolares*, isto é, é tomá-la como algo não natural [...] é submetê-la a uma análise crítica e

distanciada, capaz de desvendar-lhe os *mistérios*, mecanismos, fundamentos, interesses, mas também as *potencialidades*.” (Moraes, 2004a: 305)

Ao ser associado a algum conteúdo, independentemente da disciplina, é pela mediação do professor, através de perguntas, respostas, questionamentos e alertas, que se consegue fazer com que os alunos-espectadores não absorvam o filme como uma mera *reprodução* da realidade, mas como uma construção a partir de um determinado ponto de vista, de uma determinada leitura da realidade, e produzida em um determinado contexto histórico. (Bittencourt, 1993)

Nos depoimentos dos professores notamos que é muito comum o professor fazer algum comentário sobre o filme, antes da exibição e depois, pedir aos alunos que façam um trabalho ou respondam questões sobre o filme, quase sempre valendo nota, que segundo os professores é a melhor forma de garantir envolvimento dos alunos³⁷:

*“Faço um **comentário** sobre o filme e sua relação com o conteúdo que está sendo trabalhado, antes da reprodução e depois uma **avaliação escrita** com questões subjetivas”* (depoimento 1).

*“Passo o filme, depois faço um **questionário interpretativo e descritivo**, para ver se os alunos prestaram atenção, se entenderam o filme; ou algum tipo de debate, normalmente **para nota**”* (depoimento 19).

*“Quando vou utilizar filme na escola, primeiro eu passo umas questões sobre o que eles devem observar no filme; durante o filme chamo a atenção para algumas cenas, depois fazemos comentários e debates, e peço um **trabalho sobre o filme** para nota”* (depoimento 23).³⁸

A escolha do filme também requer cuidados para não se tornar desastrosa, pois segundo Bittencourt:

É preciso preparar o aluno para a leitura crítica de filmes, iniciando por uma reflexão sobre os próprios filmes que assistem. Quais as leituras que os alunos fazem? Apenas as que atingem os sentidos e as emoções, sem nenhum trabalho intelectual? O que valorizam no filme: interpretação dos atores ou conteúdo? Este conhecimento inicial é importante de ser realizado para se introduzir perguntas que levem os alunos a duvidar do que efetivamente estão assistindo e

³⁷ O que indica que o uso dos filmes não teria a capacidade de atrair tão fácil e efetivamente os alunos, não seria assim tão motivador como aparentemente alguns esperam. Essa atração ou motivação muda conforme o gênero dos filmes; os *blockbuster* sempre fazem mais sucesso entre os alunos do que os filmes “de arte”.

³⁸ Também observamos este tipo de utilização nos depoimentos 6, 8, 10, 13, 15, 24.

como captam as informações das imagens cinematográficas. (Bittencourt, 1993:3)

Essa forma de utilização, incipiente em nossa opinião, pode ser o reflexo da falta de formação do professor para utilização efetiva dos audiovisuais. Usar o cinema como recurso didático, para ilustrar um conteúdo, é também uma das possibilidades de utilização do cinema, mas há que se tomar alguns cuidados: primeiro, avaliar o entendimento do conteúdo do filme sem que as suas inúmeras possibilidades de leitura tenham sido exploradas, pode ser uma forma de diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos, mas não pode ser o foco da utilização do filme; assim como dar nota para garantir que o aluno fique atento durante a exibição do filme, também não garante o entendimento do filme. Uma segunda questão a ser pensada é se o fato de o enredo do filme ter relação com o conteúdo é suficiente para que se tome o filme como uma boa estratégia para trabalhar esse conteúdo: se ele não for contextualizado, a *impressão de realidade*, de que nos fala Metz, pode levar o aluno a ver o filme como a única leitura possível de uma dada realidade, ou seja, como reprodução da realidade:

De todos os problemas de teoria do filme, um dos mais importantes é o da *impressão de realidade* vivida pelo espectador diante do filme (...) o filme nos dá o sentimento de estarmos assistindo diretamente a um espetáculo quase real (...) conquista de imediato uma espécie de credibilidade (...) encontra o meio de se dirigir à gente no tom da evidência, como que usando o convincente “É assim”. (...) Há um modo fílmico da presença, o qual é amplamente *crível*. (Metz; 2006: 16/17; grifos do autor)

Lembramos que na escola, para a exibição de filmes, é utilizado o recurso do vídeo cassete ou DVD, o que permite ao professor a escolha de trechos, a repetição de cenas, o congelamento de imagens. Esses recursos podem facilitar a “leitura” do filme, mas representam, segundo Oliveira Jr., uma *perversão da linguagem*, pois o filme é produzido sob determinadas perspectivas de assistência: sala escura, espectador isolado apesar de coletivo, duração, velocidade e assistência fora do controle do espectador (Oliveira Jr., 1999). Outro dado importante sobre a forma de utilização do filme é a relação tempo de duração de uma aula e tempo de duração do filme, que costuma variar entre 80 e 120 minutos; portanto mesmo usando “aulas dobradinhas” (de 90 a 100 minutos), mal dá para passar um filme de longa metragem,

ficando as atividades anteriores e posteriores ao filme para dias diferentes do dia da exibição³⁹. Dos professores entrevistados, vinte e dois utilizam longa metragem, sendo que onze passam o filme inteiro, oito dividem-no em duas ou mais aulas e três não responderam. Apenas em três escolas havia uma interferência da coordenação com agendamentos para otimizar a sala de projeção e garantir uma qualidade para as aulas com filmes. Se assistir ao filme fora da sala escura, com estímulos à desconcentração, diminui o envolvimento do espectador com o filme, no ambiente escolar, com a interferência de ruídos, movimentos e possíveis interrupções, a dificuldade de “entrar” no filme é potencializada, a ponto de muitas vezes os alunos ridicularizarem cenas tristes, que normalmente levariam o espectador a se emocionar:

“... durante o filme Olga, numa oitava série, filme denso e triste, muitos alunos riam; eu parei o filme e perguntei do que estavam rindo, pois aquela era uma das cenas mais horríveis da história da humanidade. Eu não sei como lidar com esta insensibilidade que os alunos já têm a priori. Eles estarem rindo já é muita coisa, porque estavam prestando atenção no filme, muitas vezes eles nem prestam atenção⁴⁰.” (depoimento 19).

Em algumas escolas, onde não há apoio da coordenação para viabilizar a exibição do filme inteiro, ou não há acordo com os colegas de outras disciplinas, o professor é obrigado a fazê-la em duas ou mais aulas, o que torna mais difícil uma percepção geral do enredo que, diluído, pode ficar sem sentido.

Mesmo com as dificuldades provenientes da falta de formação, da falta de estrutura das escolas mesmo que equipadas, da falta de tempo e da falta de estímulo dos professores, em alguns depoimentos percebemos que é possível uma utilização mais abrangente e adequada do cinema na escola; por exemplo, nos depoimentos abaixo, podemos perceber o cuidado dos professores em (a) buscar no filme aspectos do cotidiano do aluno, da realidade social ou do conteúdo escolar, (b) em contextualizar a produção do filme e chamar atenção para a linguagem que utiliza, e finalmente (c) em realizar uma discussão a partir do filme sobre o tema de um projeto transdisciplinar:

³⁹ Lembrando que os horários nem sempre garantem que a continuidade da atividade ocorra no dia seguinte, muitas vezes o professor só retorna àquela sala após uma semana.

⁴⁰ Essa é uma questão que faz contraponto com a impressão de realidade, pois se é possível que a ausência da mediação do professor leve o aluno a encarar o filme como uma reprodução fiel da realidade, a falta total das condições necessárias para o ritual de assistir ao filme pode fazer com que o aluno o encare como uma narrativa falsa, não verossimilhante com a realidade.

“Acho importante utilizar o filme com cautela e pontuá-lo com comentários anteriores ou posteriores, quando há pertinência para a **discussão de assuntos relacionados ao cotidiano, ao social ou à matéria vista em sala**. Podem ser filmes documentários, de arte, críticos ou adaptações de obras literárias. Nem sempre é possível passar todo o filme num mesmo dia, depende da sua duração. Nas atividades que são dadas antes e depois do filme, procuro apontar alguns aspectos relevantes. Às vezes peço **uma reflexão por escrito, ou debato algumas questões em sala**. Procuro trabalhar a **linguagem cinematográfica, o contexto em que foi produzido o filme, qual o intuito da produção etc.** O último filme foi em junho de 2006, **por causa de um projeto transdisciplinar sobre Qualidade de vida**. Passei o filme *The corporation*, um documentário onde são mostrados depoimentos sobre o surgimento, as ações e as conseqüências das grandes corporações. **Após o filme, realizamos uma discussão bastante proveitosa e reflexões por escrito**” (depoimento 3).

“Antes de passar o filme converso com os alunos sobre porque passar aquele filme, resalto sua **contextualização histórica e literária** e chamo a atenção para alguns detalhes; depois de assistir, ficamos pelo menos uma semana discutindo o filme em seus vários **aspectos, contextos e características**, inclusive sobre a **linguagem utilizada pelo cinema** e quais as dificuldades que eles encontraram para entender o filme. Para concluir peço uma dissertação livre sobre qualquer aspecto do filme, valendo nota. Só a sessão pipoca que não inclui avaliação. O último filme passado foi há três meses atrás **O quatrilho**, nos terceiros anos, foi uma atividade conjunta com a professora de história, nós queríamos que os alunos prestassem atenção nas nuances de época, como era a linguagem, e fazer um confronto com o contexto histórico e a linguagem atual.” (depoimento 16).

É interessante observar que os professores a seguir não vêem o cinema como um motivador da aula, ao contrário motivam os alunos através de conversas para que se interessem pelo filme que irão ver; também é positivo o trabalho em grupo e relacionado a outras artes, após a exibição do filme:

“Uso documentário, longa e curta metragem; antes de passar o filme faço **uma conversa para justificar o filme e motivar, depois do filme é feita uma discussão e trabalho escrito**. Recentemente passamos dois filmes em seguida, **O enigma de Kaspar Hauser e Chão de plumas** para discutir o sentidos das coisas; foi um sucesso, já com retorno de **trabalho em grupo e individual, relacionado com um poema e uma música do Arnaldo Antunes**. Para mim esta é uma experiência ainda nova, portanto muita coisa ainda está em fase de elaboração e reflexão. Numa outra turma o último filme passado em conjunto com a professora de história foi **Os miseráveis**, que também foi um sucesso” (depoimento 5).

“Inicialmente **conversamos sobre o assunto depois assistimos ao filme e por fim levantamos as questões abordadas no filme**: quais os pontos principais, as impressões de

*cada um. Além do conteúdo, também **abordo questões como a montagem**, ou seja, como se dá todo o processo, quantas pessoas envolvidas na produção de um filme, por menor que seja. Há 3 semanas assistimos as **Maravilhas da Grécia Antiga**, já que o assunto em pauta era a Grécia - Arte, História, Filosofia, Literatura e Matemática” (depoimento 11).*

Levar os alunos ao cinema, apesar das dificuldades, envolver vários professores de diversas disciplinas, propor pesquisa sobre o filme e realizar estudos comparativos entre filmes são estratégias que podem minimizar a falta de formação do professor e garantir a apropriação do filme pelos alunos:

*“Em algumas situações **levamos os alunos ao cinema**, e sempre que possível fazemos um **trabalho interdisciplinar envolvendo vários professores**. Antes do filme é feita uma **discussão**, uma **pesquisa** sobre o assunto e uma **ficha sobre o filme, com diretor, ano de produção**, etc, e depois do filme finalizamos com um relatório. O último filme que eu passei foi **O que é isso companheiro?**; antes do filme, **trabalhei com textos, fotos da época e músicas alusivas à ditadura**, e fizemos um **estudo comparativo com o filme O Chile abre os porões**. Sempre indico filmes para os alunos, inclusive às vezes como **lição de casa**” (depoimento 9).*

*“Mesmo quando costumávamos **levar nossos alunos ao cinema** (fosse o Cinearte, o Espaço Unibanco, a Cinemateca Brasileira), tínhamos um porquê de ver aquele filme, não era uma atividade lúdica por si só” (depoimento 17).*

Os professores abaixo usam cinema também desvinculado do conteúdo escolar, com o objetivo de educar sobre o cinema e, portanto, formar um público crítico capaz de fazer a leitura do filme; percebemos ainda um cuidado em buscar no filme aspectos da realidade cotidiana do aluno, em contextualizar a produção do filme e uma proposta de trabalho integrado com outras disciplinas; nos três casos abaixo há projetos de cinema permanente na escola:

*“**Não relaciono os filmes com conteúdos da grade**, a idéia é **estudar a história do cinema**. Exibimos **Ulisses**, com Kirk Douglas. O cinema é uma arte científica, ou uma ciência artística. O cinema determinado pelas convenções ditadas pelo mercado está atrasado em relação ao “cinemão”, por motivos comerciais, mercadológicos. Mas eu o utilizo para chegar a um cinema de interrogação, pois o cinema comercial ou de massa, tem enorme alcance pedagógico; são essas possibilidades educativas que eu investigo ao usar o cinema na escola. Minha compreensão do aspecto didático é épica, baseada em Bertolt Brecht e Glauber Rocha, não dá para impor isso aos alunos. Estou tentando **criar a noção de uma cultura cinematográfica**. A idéia é lúdica e através do lúdico chegasse à reflexão. Não é um trabalho baseado na metodologia causa e efeito, viu filme, produz trabalho. Isso se dará aos poucos” (depoimento 12).*

“A partir de um roteiro de estudos, determinamos quais aspectos serão abordados por todos os **professores envolvidos no projeto**, sem exceção. Aliás, é importante ressaltar que não há questão, assunto mais ligado a uma área que a outra, nem conhecimento que cabe a um determinado professor trabalhar; nosso trabalho está focado em **trabalhar em conjunto** e, para tanto, costumamos assistir ao filme juntos (antes de trabalhá-lo com os alunos), discuti-lo entre nós, estabelecer o que pretendemos com tal atividade, a dinâmica desta, a logística. O filme é passado sempre inteiro e, de preferência, se ele for falado em língua estrangeira, legendado. Isso causa um chororô por parte dos alunos, que estão habituados a assistir a tudo dublado, mas, como faz parte **identificar os elementos constitutivos da linguagem do cinema contrastando à da televisão**, para que os **alunos desenvolvam uma visão crítica dessas linguagens**, eles nem mais reclamam depois de um tempo. Sempre olhamos no horário escolar e escolhemos as aulas em que o filme pode ser visto, sem interrupção; os alunos permanecem na sala, mesmo durante o intervalo das aulas; quando o trabalho é sério e tem coerência, podemos trocar de sala que eles ficam assistindo a tudo, anotando a tudo, sem causar incômodo, nem distúrbio algum. A última vez que utilizei filme foi **O Dia depois de Amanhã**. Nunca aprendi tanto sobre aquecimento global; o mais legal é que isso acabou por motivar uma professora de Física a elaborar um roteiro de estudos sobre um outro filme, de modo a realizar o mesmo trabalho com as demais salas com que trabalha. Sempre “mando” que vejam algum filme, quando não os trabalhamos na escola. O ano passado, recomendei aos alunos da 1.^a série do Ensino Médio que escolhessem um de três filmes: **1492 – A conquista do Paraíso; Desmundo; Hans Staden**. A partir daí pudemos recompor a visão que o cinema fez do período pré e pós-descobrimento do Novo Mundo e relacioná-la à visão descrita pela Literatura de Formação, fosse com a Carta de Pero Vaz de Caminha, fosse com os demais cronistas. Por fim, construímos um aparelho de navegação – sextante – para podermos “viver” o que aqueles navegantes viveram. Sem contar a discussão sobre navegar, sobre problemas enfrentados pelos marinheiros, diferenças de costumes, de hábitos, de crenças, de valores. Foi um trabalho muito bom e de extremo proveito” (depoimento 17).

“Antes de passar o filme converso com os alunos sobre o tema, sobre o filme em si, para atraí-los pelo conteúdo; marcamos a data, vamos para o local adequado e assistimos o filme. Depois do filme temos dois momentos: um de debate sobre o conteúdo e associação ao conteúdo da aula e outro de interpretação do filme e associação formal ao conteúdo através de perguntas e trabalhos, valendo para nota. O último filme passado foi **Cidade de Deus**, nos segundos anos, vinculado ao conteúdo o negro no cinema brasileiro. Aqui na escola temos projetos de cinema: um dentro da disciplina Linguagens de Comunicação, que engloba cinema, teatro e jornal com três professores coordenando; em cinema, área que eu coordeno, trabalhamos história do cinema, assistimos vários filmes desde o início do cinema e discutimos sobre o cinema, por exemplo, educação e cinema, esporte e cinema, cinema novo. Temos também o Cine BG, um cine clube que já tem 4 anos; é uma iniciativa nossa com os alunos, pois percebemos que vários alunos são cinéfilos, então implantamos o Cine BG como uma atividade extra classe onde os alunos podem trazer convidados; passamos de 1 a 2 filmes por mês. Tem também o Cine Práxis, de iniciativa do Grêmio. O debate só é feito aos sábados, mas a frequência é menor, durante a semana eles freqüentam mais, mas não dá tempo de fazer debate. Atualmente temos trazido pessoas para comentar os filmes, inclusive ex-alunos que foram

para essa área. Grandes títulos lotam, mas nos filmes de arte vem em média 15 alunos. Estamos tentando estruturar um blog uma página na internet de forma ao projeto ter vida própria” (depoimento 18).

Nos depoimentos dos professores de Língua Portuguesa e Literatura, a utilização do cinema aparece associada às obras literárias ou à história literária; como colocamos no Capítulo III, esta é uma prática que pode enriquecer tanto a leitura do romance como do filme, desde que se realize uma análise comparativa das duas linguagens:

“Quando há oportunidade de mostrar algum filme relacionado às obras que comentamos e analisamos em sala de aula, acho benéfico, um instrumento bastante válido” (Depoimento 3).

*“Procuro filmes que retratem períodos literários, por exemplo, nos primeiros anos não dá para fugir de **O nome da rosa**; no acervo da biblioteca há documentários ótimos, fitas específicas sobre literatura. O próximo filme será **O primo Basílio**, o livro já havia sido lido, discutido e representado pelos alunos, e quando surgiu o filme todos se interessaram”. (depoimento 16).*

*“A última vez que levei um filme para a aula foi **A cartomante**, adaptação do conto de Machado de Assis, há mais ou menos quinze dias. Já havia lido e discutido o conto com os alunos, e eles tiveram bastante interesse em assistir ao filme, que é uma versão atualizada dos fatos narrados por Machado. Os alunos puderam comparar as duas obras, observando as semelhanças e as diferenças do enredo, dos costumes do século XIX para os atuais, a diferença de linguagem, entre outras. Sempre indico aos alunos filmes, livros, sítios interessantes, exposições, peças teatrais, eventos culturais em geral” (depoimento 20).*

As relações entre cinema e história têm sido temas de vários estudos, assim como também muitas são as publicações a respeito; muitos filmes retratam momentos históricos e seus personagens, sejam eles fiéis ou não à realidade são de grande valor metodológico. Os professores de História são os que mais utilizam o cinema, algumas vezes de forma crítica e muitas vezes, como afirma Bittencourt:

[...] simplesmente como forma de tornar as aulas de história mais atraentes com filmes glamorosos ou altamente sofisticados intelectualmente, mas que impedem qualquer possibilidade do aluno decodificar e analisá-lo, tendo, então de recorrer simplesmente às interpretações oferecidas pelo professor, repetindo sob outra modalidade, mas sem incorporar, a “palavra do saber imposto”. (Bittencourt, 1993: 4)

Nos depoimentos abaixo, temos o filme usado por professores de História, como mera ilustração de fatos históricos e também propostas mais reflexivas de sua utilização:

*“Como minha disciplina é História, quase sempre escolho **filmes históricos** ou que **retratam o momento histórico** que estou trabalhando em sala de aula”.* (depoimento 13)

*“A última vez que usei filme foi o mês passado nos primeiros anos, **A Missão**, para **ilustrar** o tema que estava trabalhando que era a conquista da América e as missões jesuíticas, e não queria me restringir ao livro”* (depoimento 23)

*“A **linguagem do filme** também é pertinente. Uso filmes de ficção, documentários e curtas, mas prefiro estes últimos por causa do tempo da aula, é muito ruim cortar o filme; às vezes passo trechos mais significativos e em último caso passo o filme inteiro em várias aulas. Passo o filme, depois faço um **questionário sobre o filme, interpretativo e descritivo**, para ver se os alunos prestaram atenção, se entenderam o filme, ou algum tipo de **debate**, normalmente para nota. A última vez, foi há duas semanas atrás, o filme **Olga**, em função do tempo cortei o começo, depois **discuti** a questão do anticomunismo no Brasil e do nazismo na Alemanha, passei algumas questões para os alunos responderem”* (depoimento 19).

*“Utilizo o filme como objeto de **análise de seu conteúdo histórico**. O filme é passado dividido em duas ou mais aulas. A última vez que utilizei filme foi no 1º semestre, **Lutero**; os alunos levantaram todos os conflitos vivenciados no filme para posterior **discussão** durante a aula. O objetivo era perceber as várias motivações que levaram à Reforma Religiosa e os vários interesses em questão. Também discutimos as implicações decorrentes do fato do filme ser realizado por uma instituição luterana. O filme também traz em si um relato do seu tempo uma vez que **sua realização ocorre dentro de um determinado contexto histórico**. Analisar os vínculos entre como a temática se desenrola e esse contexto histórico é tarefa muito interessante e enriquecedora, triste é que o mais envolvido é sempre o professor”* (depoimento 25).

Certamente, os filmes mais usados em sala de aula nem sempre, ou quase nunca, são os que fazem sucesso com o público da faixa etária dos alunos; também é certo que não resolvem a questão da motivação unicamente por fugir à fórmula “giz, lousa e aula expositiva”; os filmes de interesse dos alunos, principalmente os *blockbuster* comerciais, dificilmente servirão para ilustrar algum conteúdo. As avaliações que os alunos são obrigados a fazer após a exibição das fitas podem servir como mais uma forma de afastá-los de filmes, que muitas vezes são rotulados como chatos ou cansativos, por um público não habituado a cinema de arte.

Mostrar para os alunos como as imagens são produzidas, constituindo um *contra-discurso visual* (Saliba, E.T., 2007), principalmente nos filmes históricos, é uma forma de romper com a *palavra do saber imposto* (Bittencourt, 1993); como recomenda Saliba:

Todo o esforço didático do professor, mesmo no primeiro ciclo, deve ser no sentido de mostrar que o mais importante no visual, seja por que meio for, é o *fato de que as imagens na tela tenham sido colocadas lá por alguém*. As imagens não são feitas gratuitamente, mas *por alguém que ganha a vida fazendo imagens e que obedece a um certo número de regras e limitações*. Assim, em quaisquer situações, temos que mostrar *como os filmes (ou imagens) são produzidos*. [...] O ideal é que no planejamento, as imagens e os filmes sejam incluídos não apenas em função ao conteúdo mas também colocados numa certa seqüência que objetive ensinar, desde o seu nível mais elementar, algo da linguagem e das técnicas de produção de imagem. (Saliba, E.T. 2007,: 92; grifos são do autor)

Isto posto, ao fazer a opção de levar um filme para sua aula, o professor tem duas tarefas a cumprir, uma anterior ao filme, de planejamento, de definição de objetivos e estratégias e de embasamento teórico; e outra posterior ao filme, de análise dos resultados atingidos em função de sua proposta pedagógica.

4.5. Resultados da utilização do cinema

A nossa percepção da categoria analítica *resultados da utilização do cinema na escola* é que, através da proximidade com essa linguagem, os alunos percebem os múltiplos modos de reconstrução da realidade ao se produzir um filme e possam contrapor as formas de abordagem dos conteúdos escolares apresentados nos livros didáticos e pelo professor com a dos meios audiovisuais; adquiram conhecimentos mínimos da teoria e história do cinema - seus recursos e técnicas para contar histórias – e, em última instância, tornarem-se espectadores capazes de fazer uma leitura crítica do cinema. Resultados de tal abrangência podem ser alcançados desde que a utilização do cinema seja abrangente, embasada teoricamente, planejada pelo professor e com o respaldo da direção ou coordenação das escolas.

Quando ouvimos os professores sobre os resultados da utilização que fazem do cinema, obviamente esses resultados são coerentes com a utilização incipiente que é feita do filme em sala de aula. Como o cinema é geralmente visto apenas como ilustração de conteúdos, os resultados esperados são que o aluno tenha através da imagem “maior concretude e apreensão do conteúdo estudado”, o que para o professor já é um resultado positivo da utilização do cinema:

*“Percebe-se o resultado da sua utilização pela **compreensão melhor** que os alunos têm **dos conteúdos** que são abordados pelo filme” (depoimento 13).*

*“O resultado da utilização do cinema é que o aluno pode **observar de modo prático** as teorias vistas em sala de aula” (depoimento 14).*

*“Os resultados são totalmente positivos; os alunos são muito visuais, o cinema facilita **gravar o conteúdo**, os alunos dão opiniões falam sobre o filme. Eu não troco essa metodologia por outras” (depoimento 18).*

Alguns professores apenas responderam que os resultados são positivos, mas não explicaram em que aspectos esses resultados são positivos. Outros teceram comentários sobre a colaboração do cinema no processo educativo:

“Os resultados desta utilização são fantásticos, ainda mais que este trabalho não é apenas um momento pontual; todo conhecimento construído - além das atitudes, das competências, das habilidades trabalhadas - permanece ao longo dos anos, usado como referência, seja por nós professores, seja pelos alunos. Por exemplo, atualmente, eles estão relacionando a estrutura narrativa do filme à teoria elaborada por Charles Darwin, já que foram à exposição sobre o mesmo no MASP” (depoimento 17)

“O cinema é um recurso super importante; vivemos numa sociedade imagética e não dá para ignorar este tipo de linguagem e de recurso, mas no dia a dia, na hora do vamos ver, percebe-se que mesmo aula oral, expositiva, filme, nada atinge plenamente o resultado que gostaríamos de ter, que é a atenção e o interesse dos alunos. Vivemos um processo de crise na sociedade em relação ao conhecimento, à estrutura de ensino e aprendizagem. É utópico acharmos que o cinema, ou qualquer outro audiovisual seja o grande “contribuidor” da educação, pois não é. Os alunos perderam o interesse, há uma crise muito séria na educação, que não é só da escola pública, é uma desvalorização do conhecimento, que faz com que o aluno não tenha interesse por nada, não sabe o que quer da vida, não se emociona com nada, não vivencia o que o professor traz de diferente. Apesar de ser um recurso diferente, inovador, bacana, no fim ele não atinge plenamente o que eu gostaria: o interesse e a atenção dos alunos” (depoimento 19).

Poucos professores fizeram alusão à possibilidade de os alunos serem introduzidos na linguagem do cinema ou na importância do planejamento da aula com filme para atingir qualquer resultado positivo:

“Os resultados da utilização do cinema são positivos, pois o cinema enriquece a aula não só em relação ao conteúdo que ele passa, mas com relação também à linguagem e à técnica utilizada pelo cinema” (depoimento 23).

“O resultado da utilização de cinema é bom desde que haja um preparo e se for usado de forma adequada. Às vezes o aluno já assistiu ao filme, mas mesmo assim deve haver uma preparação dos alunos, pois é outro olhar quando o filme é utilizado com fins pedagógicos” (depoimento 24).

“Os resultados são positivos, desde que ao utilizar qualquer recurso se tenha o cuidado de se preparar previamente, inclusive para usar cinema, pena que alguns alunos não se interessem e até durmam durante o filme, logo, também não participam da discussão; poucos se envolvem verdadeiramente” (depoimento 25).

No processo de aprendizagem, os resultados se referem, diretamente, aos objetivos propostos no plano; assim, a avaliação do professor, sobre ter ou não atingido resultados positivos com a utilização do cinema, depende dos objetivos que nortearam esta utilização. Dessa forma, se o cinema é utilizado apenas como recurso de ilustração, a expectativa é que através do cinema o aluno apreenda, de forma mais efetiva, o conteúdo apresentado; diferente é a expectativa de quando é utilizado como um objeto construtor do conhecimento, em que o aluno se torna um espectador capaz de utilizar o cinema como um instrumento de compreensão da realidade.

4.6. Relação do cinema com a educação

A relação entre cinema e educação vem sendo discutida desde que esta *invenção dos diabos*⁴¹ mostrou sua influência sobre o público, e sua interferência na formação das crianças e dos jovens. Para que esta relação entre cinema e educação seja produtiva, não basta equipar as escolas e criar espaços para utilização desses equipamentos. No cotidiano escolar esta relação se concretiza à medida que os alunos atuam nesses espaços, estabelecem interações e constroem relações e significações a partir da utilização do cinema. Embora os professores entrevistados concordassem que há uma relação íntima entre cinema e educação, parece-nos que não têm clareza de que tipo de relação é essa e do alcance formador que o cinema pode ter, resultando numa avaliação genérica e algo senso comum dos benefícios educativos do cinema:

“Assim como a escola o cinema aborda o conhecimento” (depoimento 4).

⁴¹ Termo- título usado por Marília Franco (1984).

“Cinema é cultura e resgata os conhecimentos, daí sua importância em ser utilizado na escola” (depoimento 8).

“O cinema faz parte da educação, os dois estão interligados” (depoimento 15).

“A relação cinema e a educação é o mundo ao alcance da visão” (depoimento 16).

“O cinema é um apoio para a educação, pois complementa o conteúdo” (depoimento 22)

“O cinema é uma parte integrante da educação” (depoimento 23).

Foram poucos os depoimentos em que os professores falam da importância do cinema pela sua relação com a realidade, e daí seu caráter educador; esta é uma questão central no debate sobre a relação do cinema e a educação; Moraes para tratar dessa questão se reporta a Aristóteles e Cervantes:

Seguindo Aristóteles⁴² e Cervantes⁴³, temos que a poesia, enquanto *ficção*, permite-se uma *correção* da realidade; e a história não permite senão uma *descrição* da realidade. Ora, no caso do cinema, a impressão de realidade é *mais forte* do que nas demais artes e por isso a ficção *apresenta-se* como uma história verídica, o que possibilita um *reencontro* com a realidade diverso daquele realizado a partir de outros discursos (artes e ciências). (Moraes, 2004: 55/56)

Assim, o cinema mantém com a realidade um laço de continuidade, não no sentido de semelhança, mas de contraponto, de oposição crítica, que faz com que ele seja uma maneira de interpretá-la, uma vez que o cinema é capaz de abordar e reconstruir a realidade:

“O cinema também educa, é o nosso dia-a-dia, ajuda a refletir sobre a vida” (depoimento 6).

“O cinema é uma estratégia didática que facilita abordagem de temáticas que se aproximam da realidade dos alunos” (depoimento 21).

⁴² “...não é ofício do poeta narrar o que aconteceu: é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade.” (Aristóteles, apud Moraes, 2004: 55)

⁴³ “Assim é – redargüiu Sansão -, mas uma coisa é escrever como poeta, e outra como historiador; o poeta pode contar ou cantar as coisas não como foram, mas como deviam ser, e o historiador há de escrevê-las, não como deveriam ser, mas como foram, sem acrescentar nem tirar à verdade a mínima coisa.” (Cervantes apud Moraes, 2004: 55/56)

É interessante notar que apenas um professor fez menção ao poder que o cinema tem na formação de opinião do público, influenciando a maneira de falar, de vestir, os desejos, os sonhos, o consumo, os hábitos, as relações sociais, familiares e afetivas, ou seja, a sua força educadora, que desde o início do século XX foi difundida e amplamente utilizada inclusive pelo Estado, em vários países, de forma ideológica:

*“O cinema é um meio de reflexão da sociedade, o didatismo é chato. O cinema educa informalmente, é uma educação além da educação formal, daí a sua novidade. Os soviéticos e os nazistas descobriram isso, os norte-americanos também. Para educar não precisamos de um tom professoral, é até melhor esquecer isso. Educar no sentido que eu entendo é o **Vento do Leste**, do Goddard”* (depoimento 12).

A importância da contextualização do filme, fundamental para a percepção de que o filme, embora retrate uma época, reflete o pensamento da época em que foi produzido, novamente só aparece na fala de um professor:

“A relação entre cinema e educação é que o cinema pode ser usado tanto como um recurso didático quanto como objeto de estudo. O filme também traz em si um relato do seu tempo uma vez que sua realização ocorre dentro de um determinado contexto histórico. Analisar os vínculos entre como a temática se desenrola e esse contexto histórico é tarefa muito interessante e enriquecedora” (depoimento 25)

Se por um lado, com a pesquisa de campo constatamos que as escolas estão equipadas o suficiente para integrar o cinema ao processo educativo, por outro, percebemos que a relação cinema-educação não se concretiza efetivamente, pois ao levar o cinema para a sala de aula, o professor pode educar *com*, *para* e *sobre* o cinema. Assim, quando o professor vê o cinema apenas como um instrumento didático, educa *com* o cinema, e nesse caso apenas ilustra seu conteúdo com um filme que trate do mesmo assunto; ou educa *para* o cinema, se faz a mediação entre o filme e o conteúdo em questão, estabelecendo as possíveis conexões entre ambos, exercitando seus alunos na tarefa de olhar o filme com um olhar mais atento e aguçado. Mas, poderá preferencialmente, educar *sobre* o cinema, quando o utiliza como objeto de conhecimento, fazendo uma leitura crítica de seu texto e contexto, através da análise das técnicas e dos recursos cinematográficos, lembrando que são muitas as possibilidades de leitura e interpretação do filme.

4.7. Relação do professor com o cinema

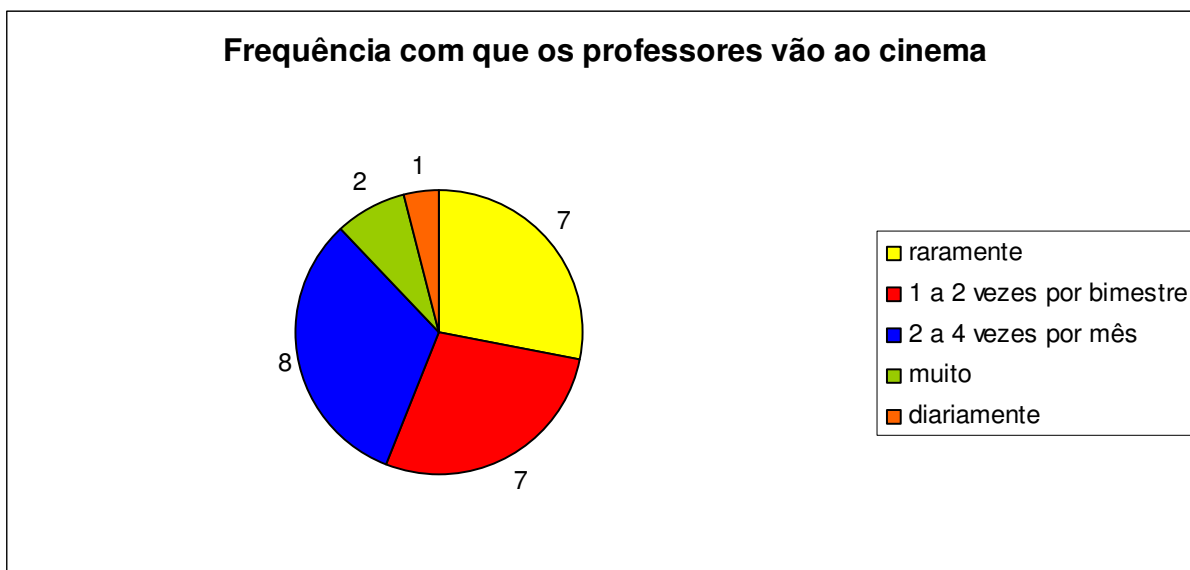
No roteiro da entrevista com os professores incluímos a frequência com que assistem a filmes e qual o filme que os marcou e que recomendariam para outros professores; com isso objetivávamos, em primeiro lugar, detectar se são espectadores assíduos, pois é assistindo a filmes que o espectador se familiariza com sua linguagem; em segundo, saber quais filmes sensibilizam esse tipo específico de espectador que é também professor. Segundo Moraes, mesmo o:

[...] cinema dominante serve-nos muito bem para realizarmos tanto uma empresa epistemológica quanto uma experiência estética. Entendo, pois, por *empresa epistemológica* este processo de pesquisa que instalamos quando retiramos o filme de seu ‘circuito’ normal de apresentação e o submetemos a uma assistência, análise e debate diferenciados, por exemplo, numa instituição educacional; sempre tentando relacionar o filme – texto e contexto – com um objetivo que não é definido explicitamente pelo filme. Entendo, por outro lado, por *experiência estética* a capacidade que os objetos de arte têm de modificar a nossa percepção acerca da própria realidade. Nesse caso, entendo o cinema, muito mais que uma tecnologia, como uma arte, embora nem sempre se produzam obras-de-arte no cinema. (Moraes, 2001; 2) ⁴⁴

Dessa forma, o *professor-espectador* estabelece com o cinema uma relação diferenciada do espectador comum, pois mesmo que assista ao filme com objetivo de entretenimento, lazer ou fruição estará enriquecendo sua bagagem de conhecimento sobre o cinema, e em nenhum momento deixará de ser um educador. Quanto mais filmes o professor assistir, maior será sua capacidade de acerto na escolha do filme a ser utilizado em suas aulas, e maior sua intimidade com a linguagem cinematográfica, e conseqüentemente, sua segurança para utilizá-lo, lembrando que a maioria dos professores se sente insegura para utilizar o cinema, principalmente como objeto de conhecimento.

As respostas dos professores nos surpreenderam, pois indicam que as dificuldades materiais e de tempo não os impedem de serem espectadores assíduos, tanto no próprio cinema como em casa, via TV paga ou locação de filmes, como podemos ver no gráfico abaixo:

⁴⁴ As expressões “cinema dominante”, “empresa epistemológica” e “experiência estéticas” Moraes toma-as emprestado de Xavier, 2003; no caso, “cinema dominante”, Xavier se refere ao cinema comercial norte-americano.



Os filmes citados pelos professores⁴⁵ como os que mais lhes marcaram e que recomendariam para outros professores, não são apenas filmes comerciais (que aliás, também podem muito bem servir ao trabalho educativo, pois reafirmamos que qualquer cinema é educativo), e revelam grande variedade temática.

4.8. Função do cinema na escola: instrumento ou objeto

Quando os professores utilizam filmes educativos em suas aulas, estão utilizando um recurso concebido para ser inserido no contexto educativo, no entanto, os filmes de ficção não são produzidos para este fim, e ao utilizá-los, o professor deve ter clareza de seus objetivos formativos e das possibilidades de abordagem: como instrumento ou como objeto de conhecimento. Segundo Moraes,

O uso de filmes na escola tem sido realizado segundo a necessidade de inovação dos recursos didáticos e o filme como objeto de análise e, portanto, como uma reflexão sobre a realidade – uma modalidade de pensamento – tem se reduzido a pesquisas acadêmicas e à crítica de jornais. (Moraes, 2004: 54)

⁴⁵ *O nome da Rosa, Uma mente brilhante, Meu pé esquerdo, Central do Brasil, O espelho tem duas faces, Diário de uma paixão, todos os filmes do Chaplin, Ao Mestre com carinho, Nós que aqui estamos por vós Esperamos, Corra Lola, Corra, A Excêntrica Família de Antonia, A lista de Schindler, Mais velozes, mais furiosos, 2001 – uma odisséia no espaço, Hans Staden, A guerra do fogo, Doutor Jivago, Cidade de Deus, os curtas do Jorge Furtado, Vista a minha pele, O declínio do império americano, A língua das mariposas, O Patriota, A missão, Em nome de Deus, Sociedade dos poetas mortos, Chocolate.*

O cinema como instrumento teve sua importância conclamada desde o seu surgimento, principalmente como ilustração histórica, ou como estímulo para o desenvolvimento de outras atividades. Essa utilização se justifica pela riqueza formativa do cinema e pela necessidade de inovação de que fala Moraes; a questão que nos colocamos é de o cinema se reduzir a um uso escolarizado que o restringe a recurso didático.

Os professores são unânimes quanto à possibilidade e importância de o cinema ter uma abordagem como objeto de conhecimento, além de seu potencial instrumental, no entanto, a abordagem do cinema como objeto da intervenção educativa ainda não está totalmente consolidada nas escolas: se nos depoimentos quase todos os professores consideram o cinema um objeto de conhecimento, na prática o utilizam apenas como recurso didático. Esse caráter instrumental do cinema também poderia ser redimensionado e inspirar outras práticas escolares. Segundo Oliveira Junior:

O professor vê o filme e descobre nele uma discussão ou uma imagem que possa “ilustrar” o que ele tem a ensinar aos alunos. Às vezes, lê em manuais para professores que o filme é “usável” para ensinar a época tal, o conteúdo qual. O filme entra normalmente como um auxiliar, não como um eixo e peça fundamental daquele item do programa. (Oliveira Jr., 1999: 169)

Na fala dos professores percebemos que o cinema como objeto de análise é visto como uma possibilidade, uma intenção que não sabem exatamente como concretizar; no depoimento 3 abaixo, o professor mesmo admitindo a possibilidade de usar o cinema como objeto, volta a tratá-lo como instrumento ao dizer que é preciso um preparo para a utilização desse instrumento. Aqui, novamente a formação do professor é apontada como a grande vilã: os professores acham sua formação insuficiente para a utilização do cinema como objeto e, portanto, não se sentem preparados para fazê-lo:

“Considero o cinema um instrumento didático; como um objeto de conhecimento, poderia ser tratado na escola, embora seja necessária uma pessoa preparada para trabalhar especificamente com este instrumento, ou um preparo dos professores da própria escola para fazê-lo. Procuro trabalhar a linguagem cinematográfica, o contexto em que foi produzido o filme, e o intuito da produção” (depoimento 3).

“Cinema, enquanto um objeto de conhecimento, e de reconstrução da realidade, pode e deve ser abordado na escola, pena que as pessoas o utilizam ou de forma inadequada ou de forma pouco instrutiva” (depoimento 17).

As técnicas, próprias das produções cinematográficas, são elementos utilizados para dar sentido ao que é contado ou mostrado na tela; os tipos de planos, os ângulos de filmagem, a iluminação, a pós-produção, a montagem são elementos significantes em cada cena ou seqüência filmada; conforme Oliveira Jr.:

Os filmes trabalham *o tempo e o espaço de uma maneira muito peculiar*, nos dando uma outra forma de pensar estas *categorias básicas* de nossas vidas. Neles, se torna possível o acompanhamento de ações simultâneas ocorridas em locais distintos, a apresentação de épocas diferentes com a mesma materialidade e presença, a visão de uma mesma cena por vários ângulos e posições diferentes, um personagem que vimos morrer numa cena anterior pode aparecer novamente na tela [...] Estes são exemplos de vivências cinematográficas impossíveis de serem realizadas na vida cotidiana do espaço tridimensional e do tempo cronológico linear. (Oliveira Junior; 1999: 170)

Abordar o cinema na escola como objeto de conhecimento significa não se restringir à leitura do enredo ou à discussão dos aspectos históricos, geográficos ou literários presentes no filme, mas a realização de uma análise de como esses elementos fílmicos são utilizados, e isto implica extrapolar o conteúdo tratado pela escola: aprender a linguagem do cinema e saber utilizá-la para compreender melhor o mundo e entender-se no mundo, pois:

A imagem fílmica tem uma existência essencialmente mental, embora autônoma, sendo um ponto de referência cultural e não um ponto de referência na realidade, quando analisamos um fenômeno como o do cinema, realizamos uma análise da função do imaginário, ainda muito mal conhecida, pois estamos em presença não de um mecanismo, mas de uma forma de atividade mental construtiva. (Francastel *apud* Saliba, E.T., 1993: 19)

Portanto, conhecer o processo de construção de um filme, implica a análise desde a produção industrial do filme - que são dados cinematográficos essenciais para a compreensão dos conteúdos ocultos do filme - até a compreensão de como a história é construída dentro da narrativa fílmica – dados históricos com suas significações. (Saliba, E.T., 1993)

Alguns professores fizeram referência à utilização do cinema como objeto, de uma forma mais elaborada:

“Através do cinema também se aprende, se conhece diferentes épocas, formas de viver, etc, o filme é uma forma de interpretar a realidade” (depoimento 2).

“Através do cinema podemos pensar e desenvolver uma outra linguagem que não seja apenas aquela tradicional e, muitas vezes obsoleta, já que hoje tudo é muito rápido, as imagens cada vez mais presentes no nosso cotidiano” (depoimento 11).

*“O cinema como objeto de conhecimento também pode ser abordado pela escola; por exemplo a trilogia **Matrix**, eu fiz com os alunos uma análise sobre como o filme aborda a questão do ambiente virtual e sobre a tecnologia, que é o ambiente que vivemos hoje, e sua relação com a mitologia, e foi maravilhoso. O cinema é a porta para o trabalho do real e do imaginário, quando um aluno escreve é o imaginário e se ele quiser vira real, o cinema é o transformar o seu imaginário num real, não dá para não acreditar, não chorar, não se emocionar; esse filme faz refletir muito sobre a vida hoje e o que pode ser amanhã, será que o que vivemos é uma realidade?”* (depoimento 16).⁴⁶

As tensões entre instrumento e objeto, que se repetem na fala dos professores, podem ser traduzidas como um duplo caráter do cinema no processo educativo: instrumental - educar *com* e *para* o cinema, e de objeto - educar *sobre* o cinema, como já comentamos em outros momentos. Não são práticas excludentes ou conflitantes, é possível utilizar o cinema como instrumento e como objeto; a questão que propomos ser refletida pelos professores é como utilizar o cinema de forma adequada, de acordo com a realidade de cada escola, que conhecimentos os professores devem buscar, que condições podem ser criadas.

4.9. Outras categorias e considerações finais

Os dados fornecidos pela pesquisa empírica apontam para outras categorias menos abrangentes, mas que não podem ser desprezadas, pois também refletem a dinâmica da utilização do cinema no dia-a-dia escolar.

O cinema pode ser associado a outras formas de expressão artística, que revelam um outro olhar sobre o mesmo tema e também possibilita a análise das especificidades de cada linguagem; no entanto apenas um professor fez referência a este tipo de utilização:

*“Recentemente passamos dois filmes em seguida - o “**Kaspar Hauser**” e “**Chão de plumas**” - para discutir o sentido das coisas. Foi um sucesso, já com retorno de trabalho*

⁴⁶ Afirmações semelhantes aparecem nos depoimentos 19,20 e 25.

em grupo e individual, relacionado com um poema e uma música do Arnaldo Antunes” (depoimento 5).

Na reportagem da revista Nova Escola, que foi citada no item **A literatura no cinema** sobre a utilização do filme **Vidas Secas**, em outro momento há uma sugestão de associação com pinturas:

O professor de Educação Artística também pode explorar alguns aspectos de Vidas Secas, de acordo com Marialva Monteiro, do Cineduc. Ela afirma que é possível relacionar o livro, o filme e o quadro Retirantes, do pintor paulista Cândido Portinari (1903-1962). "Graciliano e Portinari foram amigos e denunciaram o destino daqueles que têm suas vidas destruídas pela seca", explica Marialva. Peça aos alunos que pesquisem a que movimento artístico pertenceu Portinari e que artistas internacionais o influenciaram, como o espanhol Pablo Picasso (1881-1973). (Reportagem de capa da revista Nova Escola, edição de agosto de 1998)

Um questionamento feito aos professores na pesquisa de campo foi sobre a possibilidade de utilizar *sites* da *internet* que permitem “baixar” filmes de curta metragem, como por exemplo, Porta Curta Petrobrás, já citado no capítulo sobre o cinema educativo, e que podem ser utilizados na escola. Apenas um professor utiliza esse recurso, os outros⁴⁷ desconheciam esta possibilidade e alguns até mesmo julgavam que isso fosse “pirataria”. Embora o filme de curta metragem não seja o foco dessa pesquisa, também é cinema e tem a vantagem de caber dentro do horário de uma hora aula, permitindo que as atividades anteriores e posteriores à exibição do filme se realizem na mesma aula; portanto é um recurso e objeto que não pode ficar fora da escola.

Outra categoria a ser pensada é sobre a possibilidade de utilização do cinema de maneira interdisciplinar; em alguns depoimentos essa questão apareceu como uma intenção, como uma dificuldade ou como uma realidade:

“Normalmente utilizo um longa metragem por ano, para discutir a montagem teatral e o texto; como é um trabalho interdisciplinar, os horários são ajustados com os outros professores de forma a passar o filme inteiro, sem interrupções”. (depoimento 2)

“Numa outra turma o último filme passado em conjunto com a professora de História foi “Os miseráveis”, que também foi um sucesso”. (depoimento 5)

⁴⁷Como essa pergunta foi inserida ao roteiro da entrevista aos professores durante a pesquisa de campo, ela não foi respondida por todos os professores entrevistados.

*“... e sempre que possível fazemos **um trabalho interdisciplinar** envolvendo vários professores”. (depoimento 9)*

*“O último filme passado foi há três meses atrás, **O quatrilho**, nos terceiros anos; foi uma **atividade conjunta com a professora de História**; nós queríamos que os alunos prestassem atenção nas nuances de época, como era a linguagem, e que fizessem um confronto com o contexto histórico e a linguagem atual”. (depoimento 16)*

*“Nosso trabalho está focado em **trabalhar em conjunto** e, para tanto, costumamos assistir ao filme juntos (antes de trabalhá-lo com os alunos), discuti-lo entre nós, estabelecer o que pretendemos com tal atividade, a dinâmica desta, a logística... tudo bem antes de ir mesmo à sala de vídeo, se for o caso”. (depoimento 17)*

O filme sempre oferece vários aspectos que podem ser aproveitados pelos professores de diferentes disciplinas; mesmo que a sua escolha esteja vinculada a um determinado conteúdo, é possível explorar outras facetas que ele apresenta de conteúdo e de forma, ou seja, as temáticas do filme, e os recursos e técnicas utilizados para a abordagem dessas temáticas. No último depoimento acima, vemos uma questão fundamental, que é os professores assistirem ao filme antes, em conjunto, e discuti-lo para planejar a sua utilização, explorando, dessa forma, aspectos do filme que se relacionam com as diferentes disciplinas. O projeto “Luzes da cidade”, desenvolvido por este professor em conjunto com outros (relatado no Anexo 5), é um exemplo muito rico de um trabalho interdisciplinar com cinema.

Esse trabalho conjunto dos professores em torno de um filme nos reporta a um outro dado importante que apareceu na pesquisa, sobre a existência ou não de um acervo de filmes na escola e os critérios para a seleção de títulos a compor esse acervo. Como já mostramos nos gráficos na apresentação dos resultados quantitativos da pesquisa, apesar de as escolas possuírem equipamentos para exibição de filmes, a grande maioria não possui acervo, ou possuem acervos muito pobres – em quantidade – e possivelmente em qualidade, pois quase não são utilizados pelos professores que quase sempre usam filmes locados ou de seus acervos particulares⁴⁸. Raramente há pesquisa e reflexão conjunta dos professores para elaboração de uma lista de filmes que poderiam ser adquiridos pela escola ou requisitados à Secretaria da Educação; mesmo quando o professor sugere os títulos, como nos depoimentos abaixo, raramente essa escolha é o resultado da pesquisa conjunta e do debate coletivo, mas de iniciativas individuais:

⁴⁸ Esta questão também foi inserida na entrevista durante a pesquisa, portanto não aparece em todos os depoimentos.

“Houve uma época em que o Estado mandou uma verba para compra de filmes e a escolha dos títulos foi discutida juntos com os professores”. (depoimento 13)

*“O acervo da escola tem vários títulos que foram **doações de professores**, principalmente da professora de História, ela é a que mais utiliza filmes na escola”.* (depoimento 16)

*“**Em uma gestão democrática, quem escolhe os títulos são os professores.** Assim foi na escola em que eu estava, EE Padre Manoel de Paiva. A verba veio diretamente da SEE-SP para tal fim: **aparelhar a escola (cds, dvds, vídeos, softwares)**”.* (depoimento 17)

*“A direção da escola também compra **filmes sugeridos pelos professores**, com verba do Estado”.* (depoimento 20)

*“A escola possui um pequeno acervo que foi adquirido com verba estadual e foram **escolhidos pelos professores**”.* (depoimento 22)

Uma outra categoria a ser refletida é a ida ao cinema com os alunos, de forma informal ou como atividade extra-classe programada pela escola. Mesmo que haja a prática de utilizar filmes dentro da escola, e sabendo-se que provavelmente os alunos vão ao cinema por conta própria, é interessante e produtivo planejar a ida ao cinema, tanto para garantir que o aluno conheça o cinema enquanto espaço físico, pois não é impossível que haja alunos na rede pública que nunca foram ao cinema, como para enfatizar a importância do ritual do “assistir o filme no cinema”. Muito interessante a proposta do professor que, informalmente, comenta com os alunos sobre filmes que estão em cartaz e “combinam” de assistir juntos, sem nenhuma cobrança:

*“Em algumas situações **levamos os alunos ao cinema**”.* (depoimento 9)

*“Além de indicar filmes para que alunos assistam em casa ou no cinema, costumo **combinar** com os alunos e **vamos juntos ao cinema**, sem cobrança; às vezes eles indicam. Pelo menos a cada 45 dias **vamos ao cinema**”.* (depoimento 16)

*“...costumávamos **levar nossos alunos ao cinema** (fosse o Cinearte, o Espaço Unibanco, a Cinemateca Brasileira)”.* (depoimento 17)

*“Na outra escola em que eu trabalhava antes de vir para cá, costumávamos **levar os alunos na Sala Uol de cinema da Rua Fradique Coutinho**”.* (depoimento 24)

Apesar da grande utilização pedagógica do cinema, reafirmada pela pesquisa empírica, não é comum as escolas participarem ou elaborarem projetos de cinema, envolvendo professores

e alunos, como já vimos no item sobre os resultados quantitativos (gráfico 7). Reiteramos que, a participação das escolas em projetos externos garante apenas a participação de um número muito reduzido de professores e de alunos. Nas entrevistas, apenas duas escolas vivenciam projetos de cinema gerido pelos próprios professores (depoimentos 12 e 18), com o objetivo de dar elementos para que os alunos façam uma “leitura” mais profunda dos filmes e de formação de um público mais crítico. Em uma dessas escolas, associado a esse projeto há um outro, que a nosso ver é bastante significativo e sobre o qual vale tecermos alguns comentários:

“Aqui na escola temos um projeto de cinema dentro da disciplina Linguagens de Comunicação que engloba cinema, teatro e jornal com três professores coordenando; em cinema, área que eu coordeno, trabalhamos sua história, assistimos a vários filmes desde o início do cinema e discutimos sobre vários temas, como por exemplo, educação e cinema, esporte e cinema, cinema novo. Os subsídios para este trabalho vêm de leituras e de assistir muitos filmes”. (depoimento 18)

Esta proposta ilustra a nossa concepção de cinema utilizado na escola como objeto de conhecimento; é possível tornar o Cinema, assim como a Literatura uma disciplina da grade curricular. Segundo o professor do depoimento acima, a disciplina Linguagens da Comunicação tem o mesmo grau de importância que outra qualquer, tanto em termos de conteúdo como de avaliação e nota, ou seja, tanto em termos de formação como em termos meramente burocráticos.

Capítulo V – Conclusões

No início deste trabalho nos propusemos a fazer um estudo comparativo entre a teoria na qual nos apoiávamos e a realidade empírica mostrada pela pesquisa de campo, para podermos responder aos questionamentos que nos inquietavam; apresentamos também duas hipóteses: a de que o cinema e os audiovisuais em geral, ainda são utilizados pela escola de forma incipiente, fragmentada e às vezes inadequada e de que são encarados frequentemente como instrumento e não como objeto de conhecimento. A estas questões acrescentamos o fato de o professor não receber nos cursos de formação os subsídios necessários para enfrentar tal desafio.

Se alguma dúvida ainda persistia no início deste trabalho, sobre a não efetiva inserção do cinema na escola por falta de recursos, concluímos que o primeiro indício propiciado pelos dados foi o de que a rede pública de ensino está em grande parte provida de equipamentos audiovisuais, o que não implica, necessariamente, que as mídias estejam inseridas no processo educativo, pois isto só ocorre quando o cinema, ou qualquer outro audiovisual, é submetido a *procedimentos escolares* de estranhamento e crítica (Moraes, 2003; 2006).

Certamente, o fato de as escolas estarem equipadas é um facilitador para que as mídias sejam inseridas no processo educativo, pois sem a aparelhagem necessária, tendo que buscar soluções alternativas para utilizar o cinema, ou qualquer outro recurso audiovisual, o professor teria grandes dificuldades para concretizar tal proposta, mas os equipamentos não garantem a prática educativa apenas pela possibilidade de acesso nem mesmo somente pela sua utilização; sabemos que em várias escolas foram montadas salas de informática, com número significativo de máquinas, que não são utilizadas, ou são subutilizadas, trancadas a “sete chaves” para evitar possíveis roubos ou o mero desgaste. O mesmo ocorre, muitas vezes, com as salas de leitura ou bibliotecas, o que mostra uma visão muito mais administrativa e menos pedagógica dos diretores, preocupados em “preservar a escola” de possíveis atos de vandalismos que podem manchar sua administração. A mentalidade de que livros, computadores, televisores entre outros equipamentos devam ser preservados, mesmo que à custa da sua não utilização, vem mudando gradativamente nas escolas públicas, mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

A frequência, situações e formas que o cinema é utilizado na escola, reveladas pela pesquisa de campo, mostram que no cotidiano escolar o cinema permanece ainda atrelado à sua

função de instrumento didático para ilustrar ou introduzir conteúdos. O cinema não pode mais ser apontado como um instrumento inovador dentro da escola, essa inovação só se constituiu uma realidade no início do século XX, e também não é o uso das novas tecnologias que irá resolver os problemas do ensino. De acordo com Moraes:

Essa busca pelo novo – *make it new* – traz a impressão de que o novo é o mais adequado porque agradável, prazeroso, o que facilitaria o ensino e a aprendizagem, ou o novo é mais adequado porque é o “mais” perfeito, mais verdadeiro, “de acordo com as últimas descobertas das ciências da educação”. Essa busca da inovação pode ser interpretada como um cacete do discurso pedagógico de perseguição do novo, do moderno. (Moraes, 1997: 3)

Hoje, depois de tanto anos que esta utilização vem se realizando, o fato inovador pode ser a sua utilização se traduzir em práticas pedagógicas diversificadas, ser tomado como uma *empresa epistemológica* (Xavier, 2003). Dessa forma, o mérito do cinema, ao adentrar na sala de aula, não está na sua natureza inovadora, assim como também não está no seu potencial como motivador ou dinamizador do processo educativo, pois sabemos que o cinema pode não ser uma forma de motivar os alunos ou de tornar a aula mais dinâmica e interessante, pois exige do professor um esforço para desenvolver nos alunos o gosto pelo cinema, ou seja, ensiná-los a apreciar os filmes a partir do contexto da sua produção, a identificar os recursos cinematográficos e instrumentá-los para uma leitura e reflexão crítica do filme. Portanto, seu mérito está na possibilidade de ser submetido a uma assistência, análise e debate diversos, tendo seu texto e contexto relacionados aos objetivos colocados pela escola, como diz Moraes (2001).

Submeter o cinema a *procedimentos escolares* implica romper com a visão “naturalista” de que os audiovisuais são produtores de entretenimento - o estranhamento e a crítica se dão ao se retomar os aspectos da realidade como temas disciplinares. Assim, o cinema ao entrar na sala de aula, choca as formas tradicionais de ensino, e ao sair, choca as formas convencionais da assistência, ver filmes na escola é rever a forma de vê-los em outros lugares (Moraes 2003; 2006).

Reiteramos que, como afirma Franco (1992), todo filme é educativo, assim qualquer filme pode ser levado para a escola, no entanto isto não significa que a sua escolha não possa ser questionada. A pesquisa nos mostrou que os professores escolhem os filmes tendo como critério sua pertinência ao conteúdo que está sendo desenvolvido em suas aulas, e o que o filme pode

ilustrar através de suas imagens. Nesse sentido o filme não é considerado como um objeto de conhecimento, conforme Duarte:

Geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver *a partir ou por meio* deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica. (Duarte, 2002: 88; grifo do autor)

Certamente, o professor não vai usar um filme simplesmente porque ele é considerado unanimemente como bom, imperdível ou clássico, há que subordinar sua escolha ao que pretende ensinar. Como diz Saliba:

[...] nada substitui a escolha, que deve ser do professor. Pois considero que, aquilo que é válido para todo o processo educacional, também funciona na utilização das imagens. Apesar de vivermos uma civilização da imagem, é sempre bom dizer que a equação-chave da educação, continua sendo o professor e o aluno; tudo será inútil, ilusório, diversionista, alienante e equívoca se desprezarmos essa equação. (Saliba, E.T., 2007: 95/96)

O cinema como vimos, além de ser um rico recurso didático possível de ser utilizado em todas as disciplinas e em todas as áreas do conhecimento, como forma de ilustração ou para introduzir novos conteúdos, é ele mesmo também um objeto de conhecimento, na medida em que proporciona uma *experiência estética* (Xavier, 2003), ou seja, modifica nossa percepção acerca da realidade; posto que o cinema constitui uma prática social, merece ser tratado pelos conteúdos e pelas formas de que é composto como material fundamental para entender o mundo contemporâneo e a sociedade de hoje” (Turner *apud* Moraes, 2003).

Visto por essa ótica, a escola não se apropria do cinema como objeto de forma efetiva e adequada, pois mesmo o professor que propaga esta possibilidade, na prática o reduz a um instrumento, com a justificativa de que na sua formação não há um preparo adequado para esta tarefa - os depoimentos dos professores apenas confirmam esta realidade já do conhecimento de todos sobre as carências da sua formação. Mas há de se lembrar, como afirma Franco (1992), ao assistir qualquer filme com o objetivo de fruição associado ao olhar peculiar de docente, o professor pode se tornar um espectador especialista. Um exemplo dessa atitude de especialista é o trabalho desenvolvido por um dos professores entrevistados (depoimento 17) em parceria com

outros três professores de outras disciplinas – Projeto Luzes da cidade⁴⁹ - previsto para ser realizado durante todo o ano letivo, com idas bimestrais ao cinema e um trabalho sistemático anterior e posterior à assistência de cada filme, como discussão em grupo, envolvendo análise do filme e da linguagem do cinema, pesquisas sobre o tema, produção de textos, montagem de exposições fotográficas. Interessante frisar que os professores envolvidos nesse projeto se propõem a uma assistência e discussão prévia dos filmes entre eles, o que nos remete ao texto de Azanha citado anteriormente sobre um “saber” não codificado nem expresso numa linguagem teórica, mas que constitui a base da atuação docente (Azanha, 1995), saber este que só pode ser enriquecido com iniciativas como essas.

Retomemos então outra questão suscitada pelos dados coletados, que se refere à relação que existe entre a forma incipiente e inadequada da utilização do cinema pela escola e a formação dos professores. O percurso histórico das tentativas de inserir o cinema na escola através de imposições legislativas ou de produção de periódicos, manuais e indicações bibliográficas mostrou-se insuficiente para garantir a efetiva inserção do cinema na escola, mesmo porque, parafraseando Moraes (2003), a melhoria do ensino não se restringe a reformas legais, renovações metodológicas e revisões programáticas. No depoimento dos professores, percebe-se a consciência do despreparo para a utilização do cinema, tanto do ponto de vista didático (uso como instrumento), como do ponto de vista epistemológico (uso como objeto); isto posto, a mediação entre o filme e o educando, apontada por Ferro (1992) e Napolitano (2003), raramente se realiza, pois o professor não se faz um “espectador especializado” como recomenda Franco (1992). A utilização do cinema na escola não constitui o único aspecto da deficiência da formação do professor; assim, como vários professores apontaram nos depoimentos, não se trata apenas de preparar o professor para a utilização do cinema, mas sim de prepará-lo de forma mais efetiva, profunda e abrangente para o trabalho docente. Não basta inserir uma disciplina para ensinar o professor como utilizar as novas tecnologias, os novos saberes e as novas linguagens na escola; os cursos de formação de professor precisam ser repensados e re-estruturados de maneira a garantir uma qualidade, hoje não existente, na formação do futuro docente.

Retomando a fala de Arendt que aparece na epígrafe deste trabalho:

⁴⁹ O projeto completo está no Anexo 5, após o depoimento 17.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (Arendt, 2002: 247)

Quando a escola “fecha seus olhos e ouvidos” para a realidade do mundo fora de seus muros, abandona seus alunos aos seus próprios recursos, tira-lhes a oportunidade de novos empreendimentos, não os prepara para a tarefa de renovar um mundo comum. Lembrando que os alunos têm acesso fora da escola não só ao cinema, mas a um enorme leque de informações através de outros recursos audiovisuais como TV, internet, vídeo *games*, jornais, enfim, dos meios de comunicação de massa em geral; recursos esses que se não forem incorporados pela escola, esta não terá como cumprir a tarefa de instrumentar seus alunos para se relacionarem com os audiovisuais de forma crítica. Isso nos remete ao desafio de que fala Napolitano (2003), ou seja, de o professor cumprir seu papel de mediador e tornar o aluno um espectador mais exigente e crítico, capaz de relacionar o conteúdo e a linguagem do filme com o conteúdo escolar.

Um contraponto às questões até aqui analisadas sobre o *cinema na escola* pode ser feito através de uma reflexão sobre a *escola no cinema*, ou seja, como a escola tem sido vista pelo cinema. O cinema reflete o imaginário social, pois é um veículo de *representações sociais*, assim a forma como o cinema aborda o cotidiano escolar, as *representações sociais* que faz sobre a escola refletem como o imaginário social e cultural representa a escola. Os inúmeros filmes que foram produzidos sobre a escola podem também se tornar um objeto de pesquisa e estudo⁵⁰, reafirmando a vocação do cinema como objeto de conhecimento; nesses filmes, que têm como tema a escola, podemos obter vários elementos que podem ajudar a pensar a relação cinema-educação que é em última instância o tema desse trabalho. Filmes sobre a escola como: **Quando tudo começa** (França, 1999, de Bertrand Tavernier), **Ser e ter** (França, 2002, de Nicolas Philibert), **A Língua das Mariposas** (Espanha, 1999, de José Luis Cuerda), **Mr. Holland - Adorável Professor** (EUA, 1995, de Stephen Herek), **Nenhum a Menos** (China, 1988, de Zang Yimou), **Sociedade dos poetas mortos** (EUA, 1989, de Peter Weir), **Primavera de uma solteirona** (Inglaterra, 1969, de Ronald Neame), **Ao mestre com carinho** (Inglaterra, 1966, de

⁵⁰ O Prof. Dr. Amaury Cesar Moraes coordena um projeto de pesquisa na Faculdade de Educação da USP que toma o cinema como fonte de pesquisa da educação através de filmes sobre a escola, que têm o professor como protagonista.

James Clavell)⁵¹, são alguns exemplos de como a sociedade encara a escola, e podem ser usados como objeto de conhecimento e pesquisa sobre a escola.

Para finalizar gostaríamos de frisar que o subtítulo desse trabalho, *tensões entre instrumento e objeto*, não se refere a uma relação conflituosa entre essas duas possibilidades de utilização do cinema na escola, mas *tensão* no sentido de resistência, de algo que se estica entre dois pontos que não são excludentes, mas que se misturam ou se confundem. O cinema pode ser entendido em dois níveis:

Por um lado, tem-se a ilustração, a “ressurreição” de que falava Serrano, o exemplo para a ação, o entretenimento e até o poder catártico que pode provocar a visão de um fato reconstruído pela sua representação – atualização. Por outro, o “estudo” dessa ilustração, da ressurreição, do entretenimento e catarse, da representação do fato, isto é, a análise e a interpretação da mensagem e do meio, para falar das ambigüidades dessa dicotomia do século XX. (Moraes, 2003)

Assim, não defendemos a utilização do cinema de uma dessas formas em detrimento da outra, nem tão pouco consideramos uma delas mais importante ou nobre, importa-nos sim que sejam afastadas as confusões que permeiam os conceitos de instrumento e objeto no imaginário dos professores, para que o cinema possa ser apropriado de forma adequada e definitiva pela educação.

⁵¹ Uma breve sinopse desses e outros filmes sobre a escola constitui o Anexo 7.

Anexos

Anexo 1 – Resumo do projeto

Texto entregue à direção das escolas pesquisadas para explicitação do projeto:

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Mestranda Arlete Cipolini

Orientador Amaury Cesar Moraes

Título - O cinema e a escola: Tensões entre objeto e instrumento

O objeto desta pesquisa é a utilização do cinema pela educação, seja como instrumento didático, como uma linguagem, como documento histórico e/ou como objeto de conhecimento e de reflexão sobre a realidade.

Uma vez que o cinema já está consagrado como instrumento educativo, pretendo verificar com que frequência, em que situações, e como é utilizado, e finalmente que reflexões são forjadas a partir de sua utilização.

Pesquisa de campo:

Para a pesquisa de campo escolhemos a rede pública estadual de Ensino Médio. Foi feito um mapeamento do município de São Paulo a partir das Diretorias de Ensino e das 601 escolas de Ensino Médio foram selecionadas 25 escolas de forma aleatória, mas de forma a circunscrever todas as regiões de São Paulo.

Nestas escolas serão aplicados questionários e realizadas entrevistas com professores e alunos, as entrevistas serão feitas através de perguntas abertas, pois não interessam apenas números de projeções de filmes, mas itens como: que filmes foram utilizados, em que situações programáticas, que metodologia foi utilizada após as apresentações dos filmes, que abordagens foram feitas sobre as temáticas dos filmes. Averiguar também se e como são explorados elementos fílmicos como sons, imagens, iluminação, músicas, montagens, edição, etc. Na verdade, a proposta é de uma entrevista sob a forma de diálogo, além disso, será enriquecedor da pesquisa uma contraposição entre pontos de vista de educadores e educandos.

Anexo 2 - Questionário

Formulário de perguntas para diretor, vice-diretor ou coordenador:

- Quais e quantos dos equipamentos abaixo a escola possui
- Televisão
- Videocassete
- VD Player
- Aparelho de projeção de filme de rolo
- Videoteca. N° de títulos.....
- DVDteca. N° de títulos.....
- Filmoteca. N° de títulos.....
- Comente sobre seu estado de preservação:
- espaço para a utilização dos equipamentos acima é:
- Adaptado. Comente:
- Adequado. Comente:
- Existe alguém na escola qualificado na área de audiovisuais (indicação, projeção, debate):
- A escola tem algum tipo de projeto de utilização de cinema

Este formulário é preenchido pelo próprio pesquisador a partir das respostas do diretor ou alguém que o represente.

Anexo 3 – Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista com professor, feita sob a forma de diálogo gravada com autorização do mesmo:

- Que matéria leciona?
- Participou de algum curso ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula?
- Utiliza filmes em sala de aula?
- Com que frequência?
- Em que situação?
- Que tipo de filme?
- Como consegue os filmes?
- No caso de locação, quem escolhe os títulos, e quem paga a locação?
- Pela internet é possível “baixar” vários títulos de curta metragem que podem ser utilizados em sala de aula. Você já utilizou este recurso?
- Quando a escola compra filmes quem escolhe os títulos? De onde sai a verba?
- Como o filme é utilizado em sua aula?
- O filme é passado inteiro ou dividido em duas ou mais aulas?
- Quando foi a última vez que utilizou filme? Comente.
- Quais os resultados desta utilização?
- Considera o cinema um instrumento didático?
- Cinema, enquanto um objeto de conhecimento, e de reconstrução da realidade, pode ser abordado na escola?
- Qual a relação entre cinema e educação?
- Os cursos de formação de professores deveriam ter uma disciplina específica sobre os audiovisuais na escola?
- Você se sente preparado para usar cinema em sala de aula?
- Costuma recomendar que os seus alunos assistam a filmes, no cinema ou em casa?
- Com que frequência você vai ao cinema?
- Com que frequência aluga filmes?
- Cite um filme que você recomendaria para professores e alunos.

Anexo 4 – Relação das escolas pesquisadas

Diretoria Regional Norte 1:

- Escola Estadual Professora.Zenaide Vilalva de Araújo - Jardim Mutinga
- Escola Estadual Professor Antonio Francisco Redondo - Vila Mangalot
- Escola Estadual Pio Telles Peixoto - Vila Jaguará
- Escola Estadual Doutor Joaquim Silvado - Vila Zat
- Escola Estadual Almirante Marquês de Tamandaré - Vila Marina

Diretoria Regional Norte 2:

- Escola Estadual Castro Alves - Vila Mariza Mazzei

Diretoria Regional Sul 1:

- Escola Estadual Comendador Miguel Maluny - Jardim M. Duarte
- Escola Estadual Martins Pena – Americanópolis
- Escola Estadual Professor João Evangelista Costa - Jardim Prudência
- Escola Estadual Professor Luiz Simioni Sobrinho

Diretoria Regional Sul 2:

- Escola Estadual Professor Caran Aparecido Gonçalves - Jardim Casablanca

Diretoria Regional Leste 4:

- Escola Estadual Professora Ferraz de Oliveira

Diretoria Regional Leste 5:

- Escola Estadual Doutor Secundino Dominguez Filho - Vila Independência
- Escola Estadual Coronel Pedro Arbues - Vila Nova Manchester

Diretoria Regional Centro Oeste:

- Escola Estadual Virgínia Rodrigues Alves de Carvalho Pinto - Jardim Previdência
- Escola Estadual Professor Pedro Fonseca - Jardim Monte Kemel

- Escola Estadual Romeu de Moraes - Vila Ipojuca
- Escola Estadual Professor Emygídio de Barros - Vila Butantã
- Escola Estadual Professor Alberto Levy - Planalto Paulista
- Escola Estadual Oswaldo Aranha - Brooklin Paulista
- Escola Estadual Senador Adolfo Gordo - Vila Progredior
- Escola Estadual Professor Basilides de Godoy – ETE - – Vila Leopoldina

Diretoria Regional Centro:

- Escola Estadual Professora Zuleika de Barros Martins Ferreira - Vila Pompéia
- Escola Estadual Professor Fidelino Figueiredo - Vila Buarque
- Escola Estadual Padre Manuel da Nóbrega - Jardim Laranjeiras



Anexo 5 – Depoimentos dos professores

Foram entrevistados vinte e cinco professores, cujas falas foram transcritas sob a forma de depoimentos. Por motivos éticos, nos depoimentos ocultamos os nomes das escolas e dos professores, apenas nos referimos à Diretoria Regional e à disciplina que lecionam.

Depoimento 1 - Diretoria Regional Centro, professor de Geografia:

*“Já participei de pequenos cursos e palestras sobre como utilizar cinema em sala de aula. Utilizo filmes em minhas aulas, pois constituem um grande recurso para o professor. A cada dois meses, no fechamento das unidades temáticas, passo um filme, documentário ou longa metragem. Faço um comentário sobre o filme e sua relação com o conteúdo que está sendo trabalhado antes da reprodução e depois uma avaliação escrita com questões subjetivas. O último filme que passei, há um mês, foi **Um dia depois de amanhã**, para fechar uma discussão sobre meio ambiente. Considero o filme um instrumento didático, mas trabalho apenas seu conteúdo e não a linguagem do cinema. Desde o Ensino Fundamental I as crianças deveriam ter contato com cinema na escola em todas as disciplinas, para criar o hábito, o cinema pode mostrar o que é ensinado por palavras. Sempre recomendo aos alunos que assistam a filmes, no cinema ou em casa, e sobre alguns faço inclusive debate em aula. Vou ao cinema assistir a filmes adultos uma vez ao ano, e várias vezes com meu filho, filmes infantis. Alugo filmes para assistir em casa pelo menos duas vezes por semana.”*

Depoimento 2 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de Educação Artística:

*“Nunca participei de treinamento para trabalhar com cinema na escola, mas costumo utilizar filmes em minhas aulas, como trabalho com teatro passo o filme antes para depois montar a peça baseada no texto do filme. Normalmente utilizo um longa metragem por ano, para discutir a montagem teatral e o texto; como é um trabalho interdisciplinar, os horários são ajustados com os outros professores de forma a passar o filme inteiro, sem interrupções. Antes de passar o filme faço uma retrospectiva da produção, contextualização, e depois um trabalho de montagem teatral. A última vez que utilizei filme foi ontem, **Auto da compadecida**. Considero o cinema um instrumento didático, que pode ser usado como fixação de conteúdos, como ilustração e forma de aprendizagem mais significativa. O cinema como objeto pode ser abordado pela escola para enriquecer a aprendizagem. Através do cinema também se aprende, se conhece*

diferentes épocas, formas de viver, etc, o filme é uma forma de interpretar a realidade. Costumo recomendar aos alunos que assistam a filmes, no cinema ou em casa, inclusive para debate em aula., mas sem cobrança. Costumo ir ao cinema uma ou duas vezes por mês, mas não alugo filmes.”

Depoimento 3 - Diretoria Regional Norte, professor de Português:

*“Nunca participei de treinamentos para trabalhar com cinema em sala de aula. Às vezes utilizo filmes em aula porque há um cansaço natural, quando as aulas são sempre expositivas (giz e lousa). Quando há oportunidade de mostrar algum filme relacionado às obras que comentamos e analisamos em sala de aula acho benéfico, um instrumento bastante válido. No entanto, acredito que o efeito dos filmes sobre os alunos já não é mais o mesmo (de novidade). Acho importante utilizá-lo com cautela e pontuar o filme com comentários anteriores ou posteriores, quando há pertinência para a discussão de assuntos relacionados ao cotidiano, ao social ou à matéria vista em sala. Podem ser filmes documentários, de arte, críticos ou adaptações de obras literárias. Nem sempre é possível passar todo o filme num mesmo dia, depende da sua duração. Nas atividades que são dadas antes e depois do filme, como já comentei, procuro apontar alguns aspectos que considero relevantes, antes, durante e depois dos filmes. Às vezes peço uma reflexão por escrito, ou debato algumas questões em sala. Procuro trabalhar a linguagem cinematográfica, o contexto em que foi produzido o filme, qual o intuito da produção etc. O último filme foi em junho de 2006, por causa de um projeto transdisciplinar denominado “Qualidade de vida”. Passei o filme **The corporation**, um documentário onde são mostrados depoimentos sobre o surgimento, as ações e as conseqüências das grandes corporações. Após o filme, realizamos uma discussão bastante proveitosa e reflexões por escrito. Considero o cinema um instrumento didático também, como um objeto de conhecimento poderia ser tratado na escola, embora seja necessária uma pessoa preparada para trabalhar especificamente com este instrumento, ou um preparo dos professores da própria escola para fazê-lo. Penso que a relação entre cinema e educação seja muito próxima da educação com os demais tipos de arte (artes cênicas, plásticas, música, dança, literatura etc.). A arte precisa permear e envolver o educando no processo de aprendizagem, não importando o nível em que o mesmo se encontre. Costumo recomendar aos alunos que assistam a filmes, no cinema ou em casa. Vou ao cinema quinzenalmente e alugo filmes semanalmente.”*

Depoimento 4 - Diretoria Regional Leste, professor de Educação Física:

*“Nunca participei de treinamento para trabalhar com cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em sala de aula, pois o cinema possibilita trazer outras realidades para a sala de aula. Passo um filme por bimestre para ilustrar conteúdos, são vídeos gravados da TV sobre esportes, utilizados para a finalização de conteúdos, após o filme é feito um debate. Como são sempre filmes curtos então dá para passar inteiro e discutir na mesma aula. Além do conteúdo do filme procuro discutir os enfoques dados pela mídia, patrocínios, questões políticas e econômicas. Em maio, foi a última vez que usei filme - **Pequenos grandes Astros** (editado). Considero o cinema um instrumento didático, e embora considere também um objeto de conhecimento, na minha disciplina é mais difícil. Assim como a escola o cinema aborda o conhecimento. Mas os cursos de formação de professores não capacitam para utilização de cinema e outras mídias, e esta capacitação é necessária. Costumo recomendar que os seus alunos assistam a filmes, no cinema ou em casa frequentemente, mas só como sugestão depois apenas faço alguns comentários. Vou ao cinema uma vez por semana, não alugo filmes, uso TV paga. Dois filmes que me marcaram, e que acho importante ser visto pelos professores e/ou trabalhado em sala de aula são **O nome da Rosa** e **Uma mente brilhante**.”*

Depoimento 5 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de Português:

*“Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas tenho utilizado bastante esse recurso, porque o filme ilustra os conteúdos discutidos em aula e não podemos esquecer a importância das imagens para a construção do conhecimento e dentro da escola isto pode ser benéfico. Não há uma frequência pré-determinada, a utilização do filme depende da necessidade que surge nas aulas, recentemente passamos dois filmes em seguida o **Kaspar Hauser** e **Chão de plumas** para discutir o sentidos das coisas, foi um sucesso, já com retorno de trabalho em grupo e individual, relacionado com um poema e uma música do Arnaldo Antunes, no 3º ano é mais difícil por conta do foco ser o vestibular. Pelo menos dois filmes por bimestre são passados, não necessariamente ligados ao conteúdo, inclusive atualmente estamos conversando com os alunos para a escolha do próximo filme. Por enquanto só discuto o conteúdo do filme, acho importante a discussão sobre a linguagem do cinema mas não me sinto preparado para isto, é algo que preciso e quero fazer, me preparar para trabalhar as*

*especificidades do cinema. Uso tanto documentário como longa e curta metragem, antes de passar o filme faço uma conversa para justificar o filme e motivar, depois do filme é feita uma discussão e trabalho escrito. Para mim esta é uma experiência ainda nova, portanto muita coisa ainda está em fase de elaboração e reflexão. Numa outra turma o último filme passado em conjunto com a professora de história foi **Os miseráveis**, que também foi um sucesso. O cinema é um instrumento didático fundamental, há uma estreita relação entre cinema e educação. Sempre recomendo aos alunos que assistam a filmes no cinema e em casa, mas tudo isto ainda é novo para mim, estou em fase de pesquisa e construção do curso, e os alunos estão construindo junto comigo, esta questão da imagem no imaginário e na formação de opiniões é uma discussão fundamental, e pretendo chegar à discussão da alienação e a análise crítica da imagem a partir de Walter Benjamin e sua discussão de arte, do Padre Vieira que dizia que a arte não entra só pelos ouvidos mas também pelos olhos, Fernando Pessoa e aquela coisa de que não basta abrir a janela para ver os campos e os rios, tudo isto faz parte das minhas reflexões para montar meu curso. Não tenho ido muito ao cinema pois tenho preferido ler atualmente, mas tenho assistido a muitos filmes em casa, inclusive por conta de minhas aulas. O cinema não substitui a leitura de obras literárias, mas é um complemento riquíssimo, lembrando que já vem pronto e a experiência da leitura não pode ser deixada de lado.”*

Depoimento 6 - Diretoria Regional Sul, professor de Português:

*“Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em minhas aulas, pois além dos alunos se interessarem por ser uma coisa diferente, uma atividade diferente, você pode ensinar os conteúdos através do próprio filme, como por exemplo, com o filme **Desmundo** pode-se ensinar figuras de linguagem, os costumes daquela época, comparar as linguagens da época com a de agora. No ensino médio uso menos, mas no fundamental pelo menos 4 filmes por ano. O filme é passado como lazer, mas não se resume a lazer, sempre tem mais alguma coisa, nunca o filme pelo filme. Primeiro faço uma pesquisa sobre a preferência dos alunos, seleciono os filme mais interessantes e eles escolhem, faço uma conversa sobre o filme, na aula seguinte faço um comentário sobre o filme e depois um trabalho escrito. O filme é um instrumento didático, o último filme, **Desmundo**, foi para exemplificar o romantismo na literatura. No Ensino Médio, como o interesse é maior dá para trabalhar questões referentes à produção do filme. O cinema também educa, é o nosso dia-a-dia, ajuda a*

refletir sobre a vida. O filme é passado inteiro, mesmo que avance na aula de outro professor, que geralmente também aproveita o filme para a sua aula. Sempre recomendo aos alunos que vão ao cinema, mas sem cobrança pois nem todos podem pagar. Eu vou muito ao cinema, inclusive para levar minhas filhas. Os cursos de formação de professor deveriam capacitar para utilizar cinema na escola, pois só a leitura de textos a respeito é pouco.”

Depoimento 7 - Diretoria Regional Sul, professor de Matemática:

*“Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas utilizo filmes freqüentemente em minhas aulas, pois em matemática deve-se partir do concreto para depois abstrair. Trabalho, semanalmente, com o Telecurso 2000 que é a parte prática da matemática, a sua utilização no dia-a-dia, através das imagens. Os filmes são passados tanto antes do conteúdo como depois, são filmes educativos que não passo inteiro sem parar, mas intercalando trechos do filme com explicações. As aulas com filme são dadas na sala de vídeo. O cinema como objeto não tem porque ser abordado nas aulas de matemática e nem eu teria preparo para fazê-lo. O cinema, assim como qualquer imagem, se relaciona com a educação, mas sempre há mais de uma forma de interpretação, depende do enfoque que é dado. Alguns alunos assistem ao Telecurso na TV aberta, mas não por cobrança da escola. Raramente vou ao cinema, e quando vou é para levar minha filha. Em casa, assistimos a filmes na TV a cabo e às vezes alugamos filmes. Um filme que foi passado aqui na escola no dia dos professores foi **Meu pé esquerdo**, e marcou muito por falar da importância do educador, na minha área assisti e recomendaria inclusive aos alunos, **Uma mente brilhante**. A utilização do cinema pela escola é importante, mas o professor é muito carente de informação e preparo.”*

Depoimento 8 - Diretoria Regional Leste, professor de Português (Literatura):

*“Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em minhas aulas, embora este ano não tenha utilizado no ensino médio porque minhas aulas são à noite, e os alunos não gostam muito, de manhã costumava passar até três filmes por ano. Sempre utilizo filmes de longa metragem, dou uma explicação sobre o filme antes e depois faço um debate e uma avaliação, abordando apenas aspectos do conteúdo do filme, relacionado à aula. O filme é inteiro sem interrupções. Os últimos filmes que passei, no ano passado foram **O triste fim de Policarpo Quaresma** e **Macunaíma**. Considero o cinema um*

*instrumento didático muito importante, e poderia ser trabalhado também como um objeto de conhecimento, para desenvolver o senso crítico, mas isso é mais difícil e depende inclusive da organização interna da escola. Cinema é cultura e resgata os conhecimentos, daí sua importância em ser utilizado na escola. Costumo indicar filmes que se relacionam com as aulas e depois faço comentários e pode rolar eventualmente uma discussão, mas sem cobrança. Raramente vou ao cinema, mas assisto a vários filmes, em casa. Tem dois filmes que acho importantes e que poderiam ser trabalhados na escola: **Central do Brasil** e **O espelho tem duas faces**, e filmes baseados em obras literárias.”*

Depoimento 9 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de História:

*“Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas utilizo filmes freqüentemente em minhas aulas, pois é um instrumento extremamente eficaz, eu trabalho com História temática, como a História é viva está em constante transformação, eu sempre falo aos meus alunos que imaginem os fatos como se fossem filmes, e quando o aluno vê as imagens não esquece mais e o ensino se torna mais prazeroso. Utilizo filmes pelo menos duas vezes por mês, é preciso fazer o agendamento do espaço e preencher uma ficha com os dados do filme, da turma e a justificativa. Antes de passar o filme é feito um trabalho de exploração do tema, pesquisas, trabalhos, sempre assisto ao filme antes. Em algumas situações levamos os alunos no cinema, e sempre que possível fazemos um trabalho interdisciplinar envolvendo vários professores. Neste ano, levamos todos os alunos para assistir **A era do gelo 2**, no cinema, mas antes fizemos uma pesquisa sobre a era glacial, e passamos **A era do gelo 1** aqui na escola. Trabalho com longas metragens, curtas e documentários. A escola tem um espaço próprio para as reproduções de filmes e possui um acervo, como os professores são estimulados a utilizar o cinema é necessário um agendamento com pelo menos uma semana de antecedência e o preenchimento da ficha, isto facilita inclusive a organização para que os filmes sejam passados integralmente sem intervalos. Antes do filme é feita uma discussão, uma pesquisa sobre o assunto e uma ficha sobre o filme, com diretor, ano de produção, etc, e depois do filme finalizamos com um relatório. O último filme que eu passei foi **O que é isso companheiro?**, antes do filme, trabalhei com textos, fotos da época e músicas alusivos à ditadura, e fizemos um estudo comparativo com o filme “O Chile abre os porões”. O cinema é um instrumento didático importantíssimo e aqui na nossa escola, nos últimos anos, tem sido cada vez mais utilizado.*

*Seria bom que fossem oferecidos cursos para os professores, nós sempre cobramos, mas raramente conseguimos. Sempre indico filmes para os alunos, inclusive às vezes como lição de casa. Eu assisto, em média, a dois filmes por semana, um no cinema e um em casa. Um filme que considero fundamental e que deveria ser passado para os alunos é **Lamarca**".*

Depoimento 10 - Diretoria Regional Norte, professor de Português:

*"Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, e raramente utilizo filmes em minhas aulas, no máximo dois por ano, dependendo do tema ou assunto que está sendo trabalhado. Antes é feito um debate e após o filme é feito um trabalho em grupo. Para os professores que não têm aulas dobradinhas fica muito difícil de passar um filme de longa metragem. Neste ano, ainda não passei nenhum filme. Acho importante a escola usar o cinema, pois alguns alunos não foram ao cinema, mas os professores também não estão capacitados para este trabalho, os cursos de formação de professores deveriam suprir esta carência. Recomendo aos alunos que assistam a determinados filmes, e depois faço comentários, mas normalmente a maioria não assiste. Costumo ir ao cinema uma vez por mês, e assisto a vários filmes em casa. Um filme que marcou e que eu recomendo foi **Diário de uma paixão**."*

Depoimento 11 - Diretoria Regional Sul, professor de Arte:

*"Nunca participei de treinamento específico para trabalhar cinema em sala de aula, mas utilizo filmes freqüentemente em minhas aulas, porque através da imagem e do áudio, muitas vezes é mais fácil e mais agradável estudar, entender um assunto. Nada melhor que unir entretenimento e conhecimento. Depende do assunto ou tema, mas no geral, utilizo o cinema uma vez por mês. Documentários sobre assuntos ligados a arte, desenhos, História da Arte. Inicialmente conversamos sobre o assunto depois assistimos ao filme e por fim levantamos as questões abordadas no filme, quais os pontos principais, as impressões de cada um. Se for longo dividimos em 2 ou 3 aulas. Além do conteúdo, também abordo questões como a montagem: como se dá todo o processo, quantas pessoas envolvidas na produção de um filme, por menor que seja. Há 3 semanas assistimos às **Maravilhas da Grécia Antiga**, já que o assunto em pauta era a Grécia (Arte, História, Filosofia, Literatura e Matemática). Considero o cinema um instrumento didático importante, e como um objeto de conhecimento, como poderia ser tratado na escola como área a ser conhecida, relacionada com o desenvolvimento da Ciência, com a Revolução*

*Industrial, com a evolução das Tecnologias, enfim, a mudança na Arte com criação do cinema e da fotografia. Através do cinema podemos pensar e desenvolver uma outra linguagem que não seja apenas aquela tradicional e, muitas vezes obsoleta, já que hoje tudo é muito rápido, as imagens cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Os cursos de formação de professores não capacitam para utilização de cinema e outras mídias, embora essa capacitação fosse necessária. Costumo recomendar aos meus alunos que assistam a filme no cinema ou em casa, e quando o aluno relaciona um filme ao assunto tratado, discutimos sobre ele, o que foi significativo. Costumo ir mensalmente ao cinema e assisto a filme diariamente pela DirectTV. São inúmeros os filmes que me marcaram, cada qual com uma mensagem: por exemplo, todos os filmes do Chaplin - não é necessário falar para passar uma mensagem. É isso que a Arte também faz, e **Ao Mestre com carinho.***

Depoimento 12 - Diretoria Regional Centro, professor de História:

*“Nunca participei de treinamento para trabalhar com cinema em sala de aula, mas tive muitos contatos com gente que trabalha com cinema na sala de aula, caso da SEE-SP. O curso dado na Cinemateca é medíocre. Uso filmes na escola porque o cinema reúne entretenimento e conhecimento. Tenho um projeto de cinema na escola, mas por enquanto, devido a problemas inerentes à instituição escolar, exibimos filmes uma vez por semana, mas quando houver condições pretendo exibir filmes com mais frequência. Com o cinema busco uma alternativa para a pasmaceira que domina as salas de aulas. Costumo usar filmes clássicos - Meliès, Lumière, Chaplin - e filmes que prendam a atenção e motive os alunos. Não há um critério rígido para a escolha do filme, exceto o da qualidade. Mostramos **Ulisses**, numa versão hollywoodiana e vamos mostrar **Tróia**. O ideal seria mostrar **Medéia**, do Pasolini, mas esse é um trabalho em processo. Como o filme não é passado dentro do horário das aulas, a assistência não é obrigatória. Começamos com 45 alunos, agora temos 11 que são os alunos (10 são meninas) que se interessaram mesmo. Como a Escola tem muitos problemas o andar da carruagem é lento. Estamos numa fase lúdica, deixar os alunos se divertirem e aos poucos os iniciando na cultura cinematográfica. O filme é sempre passado inteiro. Não relaciono os filmes com conteúdos da grade. A idéia é estudar a história do cinema. O último filme a que assistimos foi **Ulisses**, com Kirk Douglas, depois os alunos foram à Biblioteca, e o professor responsável falou da Maristela, uma Produtora extinta e deu uma panorâmica do cinema na cidade de São Paulo. Não utilizo*

cinema como instrumento didático, mas como uma arte científica. Ou uma ciência artística. O cinema determinado pelas convenções ditadas pelo mercado está atrasado em relação ao “cinemão”, por motivos comerciais, mercadológicos. Mas eu o utilizo para chegar a um cinema de interrogação, pois o cinema comercial ou de massa, tem enorme alcance pedagógico; são essas possibilidades educativas que eu investigo ao usar o cinema na escola. É um processo. Minha compreensão do didático é épica, baseada em Bertold Brecht e Glauber Rocha. Não dá para impor isso aos alunos. Pretendo estender o projeto até o 3º ano do Ensino Médio. Tenho conversado com a Direção para, no próximo ano, iniciarmos atividades sistemáticas - desenhos animados - com as 5ª séries. O cinema é um meio de reflexão da sociedade, portanto é um objeto de conhecimento. O didatismo é chato. O cinema educa informalmente. O cinema é uma educação além da educação formal. Daí a sua novidade. Os soviéticos e os nazistas descobriram isso. Os norte-americanos também. Para educar não precisamos de um tom professoral. É até melhor esquecer isso. Educar no sentido que eu entendo é o **Vento do Leste**, do Godard, entende? Os cursos de formação de professores não capacitam para utilização de cinema e outras mídias, e essa capacitação é necessária. Poderia eu mesmo dar cursos de leitura crítica da imagem e auxiliando aqueles que querem utilizar de modo adequado o Vídeo ou o DVD em sala de aula, num sentido específico, inserido na disciplina do professor. Costumo recomendar aos alunos que assistam a filmes no cinema ou em casa. Estou tentando criar a noção de uma cultura cinematográfica. A idéia é lúdica e pelo ludismo a reflexão. Não é um trabalho baseado na metodologia causa e efeito. Viu filme, produz trabalho, isso se dará aos poucos. Eu vou ao cinema quase que diariamente, e ainda vejo filmes em casa. Eu creio que os professores deveriam ser familiarizar com os filmes do chamado Primeiro cinema entre 1895-1915. É necessária uma fundamentação cinematográfica. Há filmes e filmes, depende da circunstância, do contexto. Penso que um filme documental para os professores se atualizarem e se comunicarem com os alunos poderia ser **Nós que aqui estamos por vós Esperamos**, do Marcelo Masagão, pois dá uma idéia da montagem no Cinema, e podemos com ele trabalhar a noção de conhecimento e saber. Mostrei aos alunos **Corra Lola, Corra**, e depois trabalhamos o conceito de tempo, as possibilidades de escolha da nossa existência, mas tudo isso num nível elementar que precisa ser retomado”.

Depoimento 13 - Diretoria Regional Centro-Oeste, professor de História:

“Participei em 2006 do projeto Cinemateca e assisti a algumas palestras sobre como utilizar cinema em sala de aula. Utilizo filmes em minhas aulas, pelo menos duas vezes a cada bimestre. Como minha disciplina é história, quase sempre escolho filmes históricos ou que retratem o momento histórico que estou trabalhando em sala de aula. Às vezes uso antes de dar o conteúdo, outra no final, depende do filme. A escola tem um acervo de VHS e DVD mas normalmente eu alugo o filme e eu mesma pago pela locação. Houve uma época em que o Estado mandou uma verba para compra de filmes e a escolha dos títulos foi discutida junto com os professores. Nunca utilizei filmes de curta metragem que são disponibilizados via internet, mesmo porque a escola não tem internet disponível para professores e alunos. Passo o filme todo no mesmo dia, mas faço algumas paradas para explicações, depois do filme os alunos fazem um relatório escrito individual. O último filme que passei, há um mês, foi sobre a Grécia e o próximo será sobre a Revolução francesa. Considero o filme um instrumento didático importantíssimo. Percebe-se o resultado da sua utilização pela compreensão melhor que os alunos tem dos conteúdos que são abordados pelo filme. A linguagem do cinema também pode ser um objeto de reflexão nas aulas, no ano passado fizemos isso comparando três filmes. Sempre recomendo aos alunos que assistam a filmes, no cinema ou em casa, e muitos alunos depois comentam em sala de aula. Vou ao cinema pelo menos duas vezes por mês e alugo para assistir em casa semanalmente.”

Depoimento 14 – Diretoria Regional Norte, professor de Geografia:

“Nunca participei de curso ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em minhas aulas, pelo menos um por semestre. Quando meu objetivo é que se observe e analise alguns elementos relativos ao que estamos estudando, utilizo filmes documentários, épicos ou com temáticas atuais. Os filmes que uso pego em locadoras e eu mesma pago a locação. Nunca baixei filmes pela internet e os filmes do acervo da escola não sei como foram adquiridos. Quando uso filmes, geralmente nós já estamos abordando o assunto. Antes de começar a exibição, faço um breve comentário e peço atenção a alguns detalhes que julgo importante. Após assistir o filme, promovo uma discussão do que foi observado, do que mais causou impressão e por que e qual a relação que há entre o que estamos estudando e o tema abordado no filme. O filme normalmente é dividido em duas ou mais aulas, por conta do

tempo das aulas. A última vez que utilizei filme foi no final de junho desse mesmo ano. Foi um documentário a respeito de fonte de energia alternativa. O resultado da utilização do cinema é que o aluno pode observar de modo prático as teorias vistas em sala de aula. O cinema é um instrumento didático, e como um objeto de conhecimento, e de reconstrução da realidade, pode ser abordado na escola. O cinema dá vida às personagens e aborda temas do cotidiano e da sociedade que merecem observação, análise e associação com o nosso contexto. Sempre recomendo que os alunos assistam filmes, no cinema ou em casa. Eu vou ao cinema uma vez a cada dois meses e alugo filmes semanalmente. Um filme que eu recomendaria para professores e alunos é “A Excêntrica Família de Antonia”.

Depoimento 15 - Diretoria Regional Sul, professor de Geografia:

*“Nunca participei de curso ou treinamento sobre a utilização do cinema na escola, mas utilizo pelo menos duas vezes por bimestre. Utilizo os filmes, documentários e ficção, tanto para introduzir os conteúdos como para concluir. Os documentários são meus e os de ficção eu alugo. Alguns filmes eu “baixei” da internet em casa e copiei em DVD, aqui na escola nunca utilizei internet para passar filmes. A escola não possui acervo, por isso uso os meus filmes ou os alugo. (Observação: segundo a direção a escola possui um acervo de 200 títulos entre VHS e DVD). Numa aula quando uso filme, por exemplo sobre a guerra fria, seleciono alguns documentários para passar para os alunos após explicar o conteúdo e depois faço um debate ou peço um trabalho escrito. Quando é um filme longa metragem passo em duas aulas. Os últimos filmes que utilizei foram **O dia seguinte** e uma coleção de educativos, que eu tenho sobre vulcões e terremotos. Alguns conteúdos são mais fáceis de assimilar quando o aluno vê as imagens, o filme ajuda a entender e fixar conteúdos. Além de ser um instrumento didático, através do cinema os alunos podem fazer analogias com a sua própria vida e inclusive mudar suas perspectivas. O cinema faz parte da educação, os dois estão interligados. Sempre recomendo aos alunos que assistam a filmes, mesmo que não tenham relação com o conteúdo das aulas, quando é um bom filme, que pode dar uma lição de vida, eu digo para eles assistirem, mas sem cobrança pois muitos não têm recursos para ir ao cinema ou alugar. Eu me sinto preparada para utilizar o cinema, mesmo porque já são incluídos no planejamento, eu sei quando e para que vou passar cada filme e mesmo quando assisto a um filme novo e acho que dá para passar para os alunos, é feito um planejamento antes, mas nunca li nada sobre a utilização do filme em sala de aula. Eu vou ao*

cinema duas vezes ao mês, não costumo alugar, mas como eu “baixo” filmes da internet eu assisto muitos filmes em casa. Um filme que me marcou e que todo professor e aluno deveria assistir é um filme recente sobre a relação de pais e filhos que eu não lembro o nome”

Depoimento 16 - Diretoria regional Sul, professor de Língua Portuguesa:

*“Nunca fiz um treinamento sobre a utilização do cinema na escola, mas já assisti palestras. Utilizo o cinema muito raramente, um a cada semestre, não por não considerar importante, mas tem tanta coisa para fazer que não consigo usar mais vezes. São longas de ficção, e procuro filmes que retratem períodos literários, por exemplo, nos primeiros anos não dá para fugir de **O nome da rosa**, no acervo da biblioteca tem documentários ótimos, fitas específicas sobre literatura. Quando são filmes alugados, eu mesmo pago a locação. Eu não sabia que havia a possibilidade de baixar curtas pela internet que podem ser utilizados em sala de aula, na escola temos internet disponível inclusive para os alunos. O acervo da escola tem vários títulos que foram doações de professores, principalmente da professora de história, ela é a que mais utiliza filmes na escola. Antes de passar o filme converso com os alunos sobre o filme, porque passar aquele filme, resalto sua contextualização histórica e literária e chamo a atenção para alguns detalhes do filme, depois de assistir, ficamos pelo menos uma semana discutindo o filme em seus vários aspectos, contextos e características, inclusive sobre a linguagem utilizada pelo cinema e quais as dificuldades que eles encontraram para entender o filme. Para concluir peço uma dissertação livre sobre qualquer aspecto do filme, valendo nota. Só a sessão pipoca que não inclui avaliação. O ultimo filme passado foi há três meses - **O quatrilho**, nos terceiros anos, foi uma atividade conjunta com a professora de história, nós queríamos que os alunos prestassem atenção nas nuances de época, como era a linguagem, e fazer um confronto com o contexto histórico e a linguagem atual. Os resultados são totalmente positivos, você tem uma participação de 100% porque você discute com os alunos, previamente, qual o filme que será assistido, traça um roteiro do filme, e até os alunos mais desinteressados participam desse tipo de aula, porque é uma aula diferente, com mais liberdade, pode ter pipoca e refrigerante, mas todos devem participar e discutir, o legal no cinema é que não tem comentário certo ou errado, é a visão de cada um sobre o filme, o que cada um abstraiu do que viu, ninguém precisa ter medo de errar. O cinema é um instrumento estritamente didático, inclusive o próximo filme será **O primo Basílio**, o livro já havia sido lido, discutido e representado pelos alunos, e quando surgiu o filme todos se interessaram. Eu me sinto preparada*

*para trabalhar com alguns filmes com determinados gêneros como a comédia, por exemplo, eu não me sinto preparada, mas acho que é porque eu não gosto, não consigo imaginar o que tirar daquilo. O cinema como objeto de conhecimento também pode ser abordado pela escola, por exemplo a trilogia **Matrix** eu fiz com os alunos uma análise sobre como o filme aborda a questão do ambiente virtual e sobre a tecnologia, que é o ambiente em que vivemos hoje, e sua relação com a mitologia, e foi maravilhoso, o cinema é a porta para o trabalho do real e do imaginário, quando um aluno escreve é o imaginário e se ele quiser virá real, o cinema é o transformar o seu imaginário num real, não dá para não acreditar, não chorar, não se emocionar, esse filme faz refletir muito sobre a vida hoje e o que pode ser amanhã, será que o que vivemos é uma realidade. A relação cinema e educação é o mundo ao alcance da visão. Além de indicar filmes para que alunos assistam em casa ou no cinema eu costumo combinar com os alunos e vamos juntos ao cinema, sem cobrança, às vezes eles indicam, pelo menos a cada 45 dias vamos ao cinema. Eu vou ao cinema pelo menos uma vez por mês, em casa assisto a filmes toda semana. Um filme que todos deveriam assistir, o melhor filme da minha vida e **A lista de Schindler**.”*

Depoimento 17 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de Português:

“Nunca participei de curso ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula, mas sempre procurei informar-me sobre o que poderia fazer com qualquer tecnologia, fosse o cinema em sala de aula ou na própria sala de exibição, por exemplo. Utilizo filmes em sala de aula, a frequência depende do trabalho e do corpo docente com o qual esteja trabalhando. Já o utilizei mais de uma vez no bimestre, assim como já fiquei um ano inteiro sem o utilizar. Porém, todos os anos, “recomendo” (seria mais obrigação, mesmo) que meus alunos freqüentem o dia do Cinema Nacional. Ultimamente, tenho utilizado o filme mais como elemento de se alcançar certas habilidades, certas competências. O conteúdo do filme – desde que seja levar ao desenvolvimento de uma atitude científica – é de pouca relevância. Uso qualquer tipo de filme, desde que seja elaborado um roteiro de estudos previamente e, principalmente, tenha um objetivo para a utilização de tal mídia. Pode ser um documentário, um blockbuster.... o que importa é a visão a se desenvolver. Como costumo trabalhar com um corpo docente variado (se bem que praticamente composto de professores das Ciências Exatas), costumamos ter os títulos nós mesmos. Quando não acontece isso (o que é muitíssimo raro), alugamos. Os próprios professores envolvidos no projeto escolhem os títulos e pagam a locação. Mesmo quando costumávamos levar nossos alunos ao

cinema (fosse o Cinearte, o Espaço Unibanco, a Cinemateca Brasileira...), tínhamos um porquê de ver aquele filme. Não era uma atividade lúdica por si só. Como “conta” o projeto que mandei, lá estão as intenções de nosso trabalho. Já tentamos “baixar” vários títulos de curta metragem pela internet, no entanto, verificamos que, comprando os títulos, por exemplo, teríamos a qualidade acima do preço e outras vantagens, como títulos extras oferecidos pelas próprias produtoras. Em uma gestão democrática, quem escolhe os títulos são os professores, assim foi na escola em que eu estava, EE Padre Manoel de Paiva. A verba veio diretamente da SEE-SP para tal fim: aparelhar a escola com recursos outros (cds, dvds, vídeos, softwares...). A partir de um roteiro de estudos, determinamos quais aspectos serão abordados por todos os professores envolvidos no projeto, sem exceção. Aliás, é importante ressaltar que não há questão, assunto mais ligado a uma área que a outra. Nem conhecimento que cabe a um determinado professor trabalhar.... Nosso trabalho está focado em trabalhar em conjunto e, para tanto, costumamos assistir ao filme juntos (antes de trabalhá-lo com os alunos), discuti-lo entre nós, estabelecer o que pretendemos com tal atividade, a dinâmica desta, a logística... tudo bem antes de ir mesmo à sala de vídeo, se for o caso. O filme é passado sempre inteiro e, de preferência, se ele for falado em língua estrangeira, legendado. Isso causa um chororó por parte dos alunos que estão habituados a assistir a tudo dublado, a pouco ler legendas. Mas como faz parte “Identificar os elementos constitutivos da linguagem do cinema contrastando aos da televisão, para que os alunos desenvolvam uma visão crítica dessas linguagens” , eles nem mais reclamam depois de um tempo. Quanto ao número de aulas utilizado.... daí vem a logística. Sempre olhamos no horário escolar e escolhemos as aulas em que o filme pode ser visto, sem interrupção. Os alunos permanecem na sala, mesmo durante o intervalo das aulas? SIM! Quando o trabalho é sério e tem coerência.... podemos até trocar de sala que eles ficam assistindo a tudo, anotando tudo, sem causar incômodo, nem distúrbio algum. A última vez que utilizei filme foi **O Dia depois de Amanhã**. Nunca aprendi tanto sobre aquecimento global em tanto tempo. O mais legal é que isso acabou por motivar uma professora de Física a elaborar um roteiro de estudos sobre um outro filme, de modo a realizar o mesmo trabalho com as demais salas com que trabalha. Os resultados desta utilização são fantásticos. Ainda mais que este trabalho não é apenas um momento pontual. Todo conhecimento construído (além das atitudes, das competências, das habilidades trabalhadas) permanece ao longo dos anos letivos, usado como referência seja por nós, professores, seja pelos alunos. Por exemplo, no momento em que estamos, eles estão relacionando a estrutura narrativa do filme à teoria

*elaborada por Charles Darwin, já que foram à exposição sobre o mesmo no MASP. O cinema é um instrumento didático, mas, não como substituto de uma aula bem mediada, de um momento em que se pode construir conhecimentos. Como instrumento para que se possa fazer uso de outras operações mentais, como hipotetizar, inferir, deduzir.... Cinema, enquanto um objeto de conhecimento, e de reconstrução da realidade, pode e deve ser abordado na escola, pena que as pessoas o utilizam ou de forma inadequada ou de forma pouco instrutiva. É grande a relação entre cinema e educação, desde poder ampliar o imaginário dos alunos, a poder transcender, a poder vivenciar situações várias... a ver as diferentes linguagens com as quais convivemos e devemos saber utilizar... tantas. Quanto a recomendar que os alunos assistam a filmes, no cinema ou em casa, digamos que sempre “mando” que vejam algum filme, quando não os trabalhamos na escola. Por exemplo, mando que vão ao cinema (como no caso do dia do Cinema Nacional), ou que assistam a um dos filmes sugeridos para aprofundar a nossa discussão. O ano passado, recomendei aos alunos da 1.ª série do Ensino Médio que escolhessem um de três filmes: 1492 – A conquista do Paraíso; Desmundo; Hans Staden. Daí pudemos recompor a visão que o cinema fez do período pré e pós-descobrimento do Novo Mundo e relacioná-la à visão descrita pela Literatura de Formação, fosse com a Carta de Pero Vaz de Caminha, fosse com os demais cronistas. Por fim, construímos um aparelho de navegação – sextante – para podermos “viver” o que aqueles navegantes viveram. Sem contar a discussão sobre navegar, sobre problemas enfrentados pelos marinheiros, diferenças de costumes, de hábitos, de crenças, de valores... Foi um trabalho muito bom e de extremo proveito. Eu vou ao cinema menos do que gostaria. Já fui mais... de ir todas as semanas... Mas a idade vem chegando e a paciência fica menor. Muito raramente alugo filmes. Como assino a TV a cabo... assisto apenas àqueles filmes que me interessam.... mas, sinceramente, ultimamente, acabo assistindo aos filmes que tenho em minha dvdteca... que me são mais agradáveis. Não me canso de ver, de rever. São tantos os filmes que recomendaria para professores e alunos.... como disse aquela professora de Física citada acima... não importa o filme a que se assista... importa o que você pretende fazer com ele. Pode ser **Mais velozes, mais furiosos** ou **2001 – uma odisséia no espaço** (um dos meus filmes preferidos)”.*

Projeto citado no depoimento acima, em outra escola onde trabalhava antes de ser removido para a escola onde trabalha atualmente:

Projeto transdisciplinar - “Luzes da cidade”

Tema: O enriquecimento curricular através da sétima arte – o cinema

Disciplinas envolvidas: Geografia, História, Física e Português

Período de duração do projeto: um ano

Atividade proposta: Ida ao cinema uma vez a cada bimestre, no período da aula, em sessão previamente organizada.

Avaliação: o aproveitamento obtido pelo aluno será considerado para as disciplinas cujos professores estão envolvidos no projeto.

Objetivos gerais:

1. Generalizar entre os alunos a diversificação das práticas de convívio social-cultural, para estimular e aprofundar o interesse pela escola;
2. Identificar os elementos constitutivos da linguagem do cinema contrastando à da televisão, para que os alunos desenvolvam uma visão crítica dessas linguagens;
3. Usar o cinema enquanto recurso didático das diversas áreas do currículo do Ensino Médio;
4. Experimentar outras modalidades de transcendência do conhecimento;
5. Ampliar o campo imaginário dos alunos, criando as condições para que possam hipotetizar outros tempos e espaços da Humanidade.

1.º bimestre:

Cronograma das atividades

- semana entre 12 e 16 de Abril:

- entrega do cronograma;
- explicação dos objetivos e dos critérios de avaliação do projeto nas classes envolvidas;
- organização da ida ao cinema: arrecadação, contrato de ônibus...

- semana entre 19 e 22 de Abril:

- continuação da organização ao cinema.

- semana entre 26 e 30 de Abril:

- ida ao cinema

- semana entre 3 e 7 de Maio:

- atividade de avaliação: produção de texto;
- comentários sobre o aproveitamento obtido.

Avaliação do projeto

- produção de texto de, no mínimo, quinze (15) e, no máximo, de trinta (30) linhas;
- tipo de texto a ser produzido: dissertação
- tema da atividade: escolha e análise – com dois argumentos – uma cena do filme, avaliando a importância que este teve para você.

Critérios para avaliação

- Aspectos essenciais que serão considerados para a correção do texto:

O texto deverá conter:

- a) a escolha de uma cena do filme;
- b) a análise da cena com dois (2) argumentos;
- c) a avaliação sobre a importância do filme para o aluno;
- d) o cumprimento do limite do número de linhas proposto e sua extensão;
- e) coerência, não apresentando proposições absurdas.

Portanto...

- se o aluno atingir todos os objetivos do projeto e seu texto apresentar os aspectos essenciais considerados na correção, obterá a menção A;
- se o aluno atingir a maior parte dos objetivos do projeto e seu texto apresentar os aspectos essenciais considerados na correção, obterá a menção B;
- se o aluno atingir – apenas – dois (2) dos objetivos do projeto e seu texto apresentar os aspectos essenciais considerados na correção, obterá a menção C;
- se o aluno atingir - apenas – um (1) dos objetivos do projeto e seu texto não apresentar os aspectos essenciais considerados na correção, obterá a menção D;
- se o aluno não atingir os objetivos do projeto e seu texto não apresentar os aspectos essenciais considerados na correção, obterá a menção E.

Projeto: Luzes da Cidade

Objetivos Gerais

- 1 - Generalizar entre os alunos a diversificação das práticas de convívio social-cultural, para estimular e aprofundar o interesse pela escola.
- 2 - Identificar os elementos constitutivos da linguagem do cinema contrastando à da televisão, para que os alunos desenvolvam uma visão crítica dessas linguagens.
- 3 - Usar o cinema enquanto recurso didático das diversas áreas do currículo do Ensino Médio.
- 4 - Experimentar outras modalidades de transcendência do conhecimento.

5 - Ampliar o campo imaginário dos alunos, criando as condições para que possam hipotetizar outros tempos e espaços da Humanidade.

Tema: CIDADANIA X VIOLÊNCIA: A violência na cidade

Objetivos específicos

1 - Desenvolver o tema transversal da Cidadania com enfoque na destruição desta quando não há crítica sobre o conceito de Violência.

2 - Propiciar a oportunidade de os alunos refletirem sobre o papel dos indivíduos no combate à violência na sociedade contemporânea.

Atividades

Atividade I - Ida ao Cinema para assistir o filme: “Cidade de Deus”

Atividade II - Painel de discussão em grupos:

a) Identificar fatos relacionados com violência analisando as personagens e as situações que ocorrem no filme

b) Determinar semelhanças e diferenças nos fatos de violência que se pode encontrar no primeiro tempo e no segundo tempo da narração do filme

Critérios de avaliação do painel:

a) compromisso com o trabalho em equipe nas 2 etapas do painel

b) elaboração da lista

c) elaboração do quadro

d) identificação do que é relevante

e) criatividade na apresentação do painel

Atividade III - Produção de Texto: Elabore 2 hipóteses que expliquem a decisão de Bené em abandonar o ambiente em que vivia - Dê um título a seu texto.

Critérios de avaliação do texto:

a) reunião de dados com precisão e exatidão

b) consideração de 2 ou mais fontes de informação na análise

c) elaboração de hipóteses

d) comprovação de hipóteses

e) apresentação das idéias de modo claro e coerente

Atividade IV - Exposição de fotografias com o tema: A Violência na Cidade

a) cada classe produzirá uma série de pelo menos 4 fotografias de livre elaboração pelos alunos relacionada com o tema do projeto, envolvendo violência explícita ou implícita, violência direta ou indireta, violência individual ou coletiva.

b) a exposição será organizada no hall principal da Escola e ocorrerá em outubro.

c) haverá um sistema de escolha das melhores fotografias produzidas para servir de ilustração para futuros trabalhos sobre Cidadania.

CrITÉRIOS de avaliação da Exposição: serão estabelecidos por uma Comissão de alunos e professores.

Depoimento 18 - Diretoria regional Centro Oeste, professor de Geografia e Gestão Ambiental:

*“Nunca fiz um treinamento sobre a utilização do cinema na escola, mas já li algumas coisas a respeito. Utilizo muito cinema em sala de aula, pelo menos um por mês, para ilustrar o conteúdo, então passo o filme na metade ou no final do conteúdo, normalmente uso longas metragens de ficção. Tem uma locadora aqui perto com ótimo acervo, onde eu alugo e quem paga sou eu ou os alunos. Nunca baixei curtas pela internet, mas na escola temos internet disponível inclusive para os alunos. O acervo da escola se compõe de coleções que vem da Secretaria sem escolha do professor, raramente mandam lista para os professores escolherem. Os filmes são passados em mais de uma aula, asa vezes dá para negociar com os outros professores. Antes de passar o filme converso com os alunos sobre o tema, sobre o filme em si, para atrai-los pelo conteúdo, marcamos a data, vamos para o local adequado e assistimos o filme em uma ou várias aulas. Depois do filme temos dois momentos: um debate sobre o conteúdo e associação ao conteúdo da aula e outro de interpretação do filme e associação formal ao conteúdo através de perguntas e trabalhos, valendo para a nota. O último filme passado foi hoje **Cidade de Deus**, nos segundos anos, vinculado ao conteúdo “O negro no cinema brasileiro”. Os resultados são totalmente positivos, os alunos são muito visuais, com o cinema facilitam gravar o conteúdo, os alunos dão opiniões falam sobre o filme, eu não troco essa metodologia por outras. Além de instrumento didático, o cinema pode ser abordado como objeto de conhecimento, seus recursos, a técnica utilizada a forma de abordar os assuntos. A relação cinema educação pode ser resumida assim: a imagem que construo a partir de um texto, o texto é a base e o cinema é a construção visual disso que eu falei. Costumo indicar filmes para que alunos assistam em casa ou no cinema,*

geralmente sem. Eu raramente vou ao cinema, mas alugo filmes semanalmente cinco a seis filmes. Um filme que todos deveriam assistir, o melhor filme da minha vida e **Hans Staden, A guerra do fogo, Doutor Jivago e Cidade de Deus**. Aqui na escola temos projetos de cinema, um dentro da Disciplina Linguagens de comunicação, tem cinema teatro e jornal com três professores coordenando, eu coordeno cinema e trabalhamos história do cinema, assistimos vários filmes deste o início do cinema e discussão sobre o cinema exemplo, educação e cinema, esporte e cinema, cinema novo. Os subsídios para este trabalho vêm de leituras e de assistir muitos filmes Temos também o Cine BG, um cine clube que já tem 4 anos, é uma iniciativa nossa com os alunos, percebemos que vários alunos são cinéfilos, então implantamos o Cine BG como uma atividade extra classe, e os alunos podem trazer convidados, passamos de 1 a 2 filmes por mês. Tem também o Cine Práxis, de iniciativa do Grêmio. São os professores ou os alunos que indicam e alugam os filmes. O debate só é feito aos sábados, mas a frequência é menor, durante a semana eles freqüentam mais, mas não dá tempo de fazer debate. Atualmente temos trazido pessoas para comentar os filmes, inclusive ex alunos que foram para essa área, grandes título lotam, mas nos filmes de arte vem em media 15 alunos. Estamos tentando estruturar um blog, uma página na internet de forma ao projeto ter vida própria”.

Depoimento 19 - Diretoria Regional Centro, professor de História:

“Já participei de um projeto do Mafre sobre cinema e educação para formação de público e divulgação de filmes em escolas públicas. Utilizo constantemente o cinema, mais de uma vez por bimestre, depende muito do conteúdo. Existem várias formas de utilização, pode ser para explicar ou ilustrar um conteúdo, ou a partir do filme ter uma perspectiva de análise do filme em si, por exemplo usei um curta do Jorge Furtado, no início do ano, para suscitar discussões sobre a questão do tempo, do homem na sociedade contemporânea, então a partir do filme busquei elementos, aí não foi ilustrativo como costuma ser com temas históricos. A linguagem do filme também é pertinente. Uso filmes de ficção, documentários e curtas, prefiro estes últimos por causa do tempo da aula, é muito ruim cortar o filme, às vezes passo trechos mais significativos e em último caso passo o filme inteiro em várias aulas. Os filmes que eu uso eu os adquiro todos, nunca alugo. Eu nunca baixei curtas pela internet, porque não tenho banda larga, prefiro adquiri-los, inclusive para assisti-los em casa antes da aula. O acervo da escola tem vários títulos, desde que entrei nesta escola nunca participei da escolha de títulos, não sei como foram adquiridos. Passo o

*filme, depois faço um questionário sobre o filme interpretativo e descritivo, para ver se os alunos prestaram atenção, se entenderam o filme, ou algum tipo de debate, normalmente para nota. A última vez, foi há duas semanas, o filme **Olga**, passei parte dele, cortei o começo, depois discuti a questão do anticomunismo no Brasil e do nazismo na Alemanha, passei algumas questões para os alunos responderem. O cinema é um recurso super importante, vivemos numa sociedade imagética e não dá para ignorar este tipo de linguagem e de recurso, mas no dia a dia, na hora do vamos ver, percebe-se que mesmo aula oral, expositiva, filme, nada atinge plenamente os resultados que gostaríamos de ter que é a atenção e o interesse dos alunos. Vivemos um processo de crise na sociedade em relação ao conhecimento, à estrutura de ensino e aprendizagem, é utópico acharmos que o cinema, ou qualquer outro audiovisual, vá ser o grande contribuidor da educação, não é. Os alunos perdem o interesse, há uma crise muito séria na educação, que não é só da escola pública, é uma desvalorização do conhecimento, que leva o aluno não ter interesse por nada, não saber o que quer da vida, não se emocionar com nada, não vivenciar o que o professor traz de diferente. Para dar um exemplo, durante o filme Olga, numa oitava série, filme denso e triste, e muitos alunos riam, eu parei o filme e perguntei do que estavam rindo, se é uma das cenas mais horríveis da história da humanidade. Eu não sei como lidar com esta insensibilidade que os alunos já têm a priori, eles estarem rindo já é muita coisa, porque estavam prestando atenção no filme, muitas vezes eles nem prestam atenção, então apesar de ser um recurso diferente, inovador, bacana, no fim ele não atinge plenamente o que eu gostaria que é o interesse e a atenção de pelo menos noventa por cento dos alunos. O cinema é um instrumento didático fundamental, a limitação não é do cinema, é dos alunos, do contexto; o cinema é um recurso maravilhoso e não dá para não usar nos tempos atuais, tudo é imagético se a escola não utilizar recursos audiovisuais perde muito. O cinema como objeto de conhecimento pode ser abordado pela escola, primeiro porque ele dá uma dimensão melhor da história, às vezes é difícil para o aluno entender como era o Egito antigo, o período medieval ou qualquer coisa tão distante no tempo, e quando ele visualiza isso, ganha novo impacto, esse é o primeiro ganho do cinema que é ilustrativo. Mas o cinema não é só ilustração, é também uma linguagem a ser lida, aí entra o segundo ponto positivo do cinema, que é quando você vai abordar com o aluno como ler alguma coisa, seja imagem ou texto, tudo tem que ser lido, refletido sobre a construção daquilo, aí o cinema vai ter outro ganho, que é o de dar condições de fazer uma análise imagética a partir das imagens em movimento,. O cinema é uma ferramenta indispensável para a construção de um processo de ensino e aprendizagem mais adequado.*

Sempre recomendo que os alunos assistam a filmes em casa ou no cinema, mas sem cobrança, pois nem sempre têm condições econômicas, mas comento e recomendo. Eu vou pelo menos uma vez por semana ao cinema, mas não alugo, sou uma cinéfila do cinema, gosto de ver filmes sem interrupção, no escurinho do cinema, para mim filme é cinema. Eu recomendo os curtas do Jorge Furtado, são sensacionais, ele faz discussões maravilhosas, que dá para usar muito bem em sala de aula porque são curtos, tem uma linguagem diferente, são dinâmicos, não tem como o aluno não prestar atenção. Os cursos de formação de professores poderiam preparar os professores para utilizar o cinema e audiovisuais em sala de aula, a faculdade de educação prepara muito mal os professores. A rotina do professor é dificultosa, excesso de atividades, muitas aulas para tem um salário digno e pouco tempo para estudar, buscar materiais novos e pesquisar, obviamente tem mecanismos o estado oferece cursos e palestras mas não é suficiente. O que eu percebo é que tem boa vontade, mas falta tempo e condições. Às vezes o professor não usa um filme ou outro recurso por falta de tempo de pesquisar ou de se preparar”.

Depoimento 20 - Diretoria Regional Norte, professor de Língua Portuguesa - Literatura:

*“Nunca participei de curso, treinamento ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula, mas às vezes utilizo filmes em minhas aulas, uma ou duas vezes por bimestre. Quando existe algum filme que tenha a ver com o assunto das aulas que estou dando, ou que trate de algum tema que pretendo abordar. Utilizo principalmente adaptações de textos literários, mas também alguns outros que considero relevantes. Só não gosto de levar filmes do circuito comercial, que nada tenham a acrescentar para a formação dos alunos. Geralmente eu escolho os títulos, mas às vezes os alunos sugerem algum título, quando são locados quem paga a locação sou eu. A direção da escola também compra filmes sugerido pelos professores, com verba do Estado. Nunca usei curtas baixados pela internet, pois este recurso é muito moroso. Uso cinema para complementar as aulas ou como ponto de partida para a abordagem de temas que considero importantes. Dou preferência por pássaro filme inteiro, e para isso, faço alguns “arranjos” nos horários com os colegas. A última vez que levei um filme para a aula foi **A cartomante**, adaptação do conto de Machado de Assis, a mais ou menos quinze dias. Já havia lido e discutido o conto com os alunos, e eles tiveram bastante interesse em assistir ao filme, que é uma versão atualizada dos fatos narrados por Machado. Os alunos puderam comparar as duas obras, observando as semelhanças e as diferenças do enredo, dos costumes do século XIX para*

*os atuais, a diferença de linguagem entre outras. O cinema certamente é um recurso didático, mas também pode e deve ser abordado como objeto de conhecimento. Como todos os outros tipos de arte, o cinema pode levar à reflexão sobre diversos aspectos da realidade, ou sobre a natureza do ser humano, e pode portanto ajudar na formação de um cidadão crítico e consciente, tarefa básica da educação. Sempre indico aos alunos filmes, livros, sites interessantes, exposições, peças teatrais, eventos culturais em geral. Vou ao cinema a cada dois meses, sei que deveria ir mais, mas falta tempo. Em casa alugo um filme por mês. Um filme que me marcou e recomendaria para professores e alunos é **Vista a minha pele**, que aborda o preconceito racial.”*

Depoimento 21 - Diretoria Regional Norte, professor de Psicologia:

*“Nunca participei de curso, treinamento ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em minhas aulas, semanalmente, como complementação do conteúdo. Os filmes são diversificados: documentários, dramas, comédias, etc. Uso filmes do meu acervo, ou pego emprestado com amigos ou alugo. Nunca baixei curta da internet. A escola tem algum acervo de doações. Sempre passo o filme inteiro numa só aula e no final há uma reflexão. O último filme foi na semana passada, sobre prostituição infantil, no início os alunos estavam dispersos, mas por causa do tema foram se interessando, fizeram vários comentários, alguns se emocionaram. Não deu tempo de fazer um debate. O cinema é um recurso didático, mas também pode ser abordado como objeto de conhecimento, os resultados de sua utilização tem sido positivos. O cinema é uma estratégia didática que facilita a abordagem de temáticas que se aproximam da realidade dos alunos. Sempre recomendo filmes para que os alunos assistam em casa ou no cinema, mas sem cobrança. Eu raramente vou ao cinema mas alugo filmes frequentemente. Um filme que me marcou e recomendaria para alunos e professores foi **O declínio de um império americano**.”*

Depoimento 22 - Diretoria Regional Norte, professor de Língua Portuguesa:

“Nunca participei de curso, treinamento ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula, mas utilizo filmes em minhas aulas, mensalmente, para complementar ou exemplificar conteúdos, são filmes de ficção ou documentários cujos temas são apropriados à sala de aula. Sempre alugo os filmes, e nunca usei curtas baixados pela internet. A escola possui um pequeno acervo que foi adquirido com verba estadual e foram escolhidos pelos professores. Passo o filme todo numa só aula ou então passo trechos do filme, dependendo da atividade, e sempre para

*complementar o conteúdo que está sendo trabalhado. A última vez que utilizei foi há quinze dias, **A procura da felicidade**. Os resultados são positivos. O cinema é um recurso didático, mas também pode ser abordado como objeto de conhecimento. O cinema é um apoio para a educação, pois complementa o conteúdo. Sempre recomendo filmes para que os alunos assistam em casa ou no cinema, mas sem cobrança. Eu vou ao cinema pelo menos um vez por mês, e alugo filmes semanalmente. Um filme que me marcou e recomendaria para professores e alunos é **A língua das mariposas**".*

Depoimento 23 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de História e Geografia:

*"Eu participei de um treinamento na Cinemateca sobre a utilização do cinema em sala de aula. Utilizo cinema em sala de aula uma ou duas vezes por semestre, depende do assunto que estou tratando, para dar embasamento no conteúdo, ou para iniciar um novo projeto. Uso principalmente documentário, mas também uso longas de ficção. Os filmes são meus ou eu alugo. Apesar de ter internet na escola nunca baixei filmes para utilizar em sala de aula. O acervo da escola já existia quando eu entrei na escola então eu não sei quem os escolheu. Quando vou utilizar filme na aula primeiro eu passo umas questões sobre o que eles devem observar no filme, durante o filme chamo a atenção para algumas cenas, depois fazemos comentários e debates, e peço um trabalho sobre o filme para nota. Para poder passar o filme inteiro fazemos acordos entre os colegas. A última vez que usei filme foi o mês passado nos primeiros anos, **A Missão**, para ilustrar o tema que estava trabalhando que era a conquista da América e as missões jesuíticas, e não queria me restringir ao livro. Os resultados da utilização do cinema são positivos, pois o cinema enriquece a aula não só em relação ao conteúdo que ele passa, mas com relação também à linguagem e à técnica utilizada pelo cinema. O cinema é um instrumento didático muito rico, mas como objeto de conhecimento também pode ser abordado pela escola. O cinema é uma parte integrante da educação. Na minha opinião os professores são completamente despreparados para a utilizar o cinema de forma adequada, o máximo que conseguem fazer é verificar qual filme é legal e tem relação com o conteúdo ensinado, o filme é usado só para ilustrar o conteúdo, não sabem como trabalhar a linguagem e a técnica do cinema, os cursos deveriam ensinar o professor como utilizar o cinema, mostrar a sua relação com a educação e dar noções de teoria e história do cinema. Eu vou muito pouco ao cinema, pois trabalho como uma camela e não tenho tempo, em casa assisto às vezes. Recomendo alguns filmes para que os alunos assistam no cinema ou em casa*

*e depois fazemos comentários. Tem três filmes que gostei muito: **O Patriota, A missão e Em nome de Deus.***”

Depoimento 24 - Diretoria Regional Centro Oeste, professor de Biologia:

*“Nunca participei de curso, treinamento ou palestra sobre a utilização do cinema em sala de aula. Nesta escola, só utilizo filmes do tele curso em minhas aulas, pois dou aula à noite e é muito complicado passar filme de longa metragem, mesmo quando tem dobradinha, como as aulas são mais curtas fica difícil passar um filme inteiro. Os filmes do tele curso além de serem curtos tratam os assuntos a partir do cotidiano e os alunos gostam, agora que estão colocando vídeos nas salas, vai ficar mais fácil, nem vou precisar sair da sala para passar os filmes. Na outra escola que eu trabalhava antes de vir para cá eu usava longa metragem uma ou duas vezes por ano, mas costumávamos levar os alunos na Sala Uol de cinema da Rua Fradique Coutinho, a última vez que eu levei os alunos lá foi para assistir Diários de motocicleta. O filme pode ser usado em qualquer situação desde que o professor prepare a aula. Não sabia que poderia usar filmes de curta metragens disponibilizados na internet, vou pesquisar a respeito. Para dar uma aula com filme, é importante o professor definir os objetivos daquela aula e preparar os alunos, isso pode ser feito numa aula anterior. Quando passo filme, se necessário, faço paradas para explicações e no final um fechamento que pode ser debate ou questões, às vezes para nota. A escola possui um pequeno acervo que foi adquirido antes de eu chegar na escola. A última vez que passei um longa foi há dois anos, na outra escola, um filme sobre genoma que eu não lembro o nome. O resultado da utilização de cinema é bom desde que haja um preparo e se for usado de forma adequada. À s vezes o aluno já assistiu ao filme, mas mesmo assim deve haver uma preparação dos alunos pois é outro olhar quando o filme é utilizado com fins pedagógicos. O cinema é um instrumento didático e como objeto de conhecimento também pode ser abordado pela escola. Cinema é cultura e cultura é educação, cinema não é só entretenimento e pode ser usado para dinamizar a aula. À vezes recomendo algum filme para os alunos mas sem cobrança. O professor de português que cobra por causa do vestibular. Eu sempre vou ao cinema, duas ou três vezes por mês, mas em casa raramente assisto a filme. Os cursos de formação de professores deveriam orientar melhor não só sobre a utilização do cinema, mas sobre vários outros aspectos. Um filme que me marcou e recomendaria para professores e alunos é **Sociedade dos poetas mortos**”*

Depoimento 25 - Diretoria Regional Leste, professor de História:

*“Já participei de dois cursos sobre a utilização do cinema em sala de aula, um organizado pela ECA, com duração de um semestre: “Cinema e História”, e um curso de duas tardes: “O cinema em sala de aula”. Raramente utilizo filmes em sala de aula, apenas uma vez por ano, sempre filmes que possuem uma temática histórica. E sempre para iniciar um novo conteúdo. Alugo em locadora e eu mesma pago a locação, na escola não há filmes. Nunca usei filmes de curta metragem baixados da internet. Utilizo o filme como objeto de análise de seu conteúdo histórico. O filme é passado dividido em duas ou mais aulas. A última vez que utilizei filme foi no 1º semestre, “Lutero”, os alunos levantaram todos os conflitos vivenciados no filme para posterior discussão durante a aula. O objetivo era perceber as várias motivações que levaram à Reforma Religiosa e os vários interesses em questão. Foi discutido também as implicações decorrentes do fato do filme ser realizado por uma instituição luterana. Os resultados desta utilização são positivos, pena que alguns alunos não se interessem e até durmam durante o filme, logo também não participaram da discussão, poucos se envolveram verdadeiramente. Considero o cinema um instrumento didático, e como um objeto de conhecimento, e de reconstrução da realidade, pode ser abordado na escola. A relação entre cinema e educação é que o cinema pode ser usado tanto como um recurso didático quanto como objeto de estudo. O filme também traz em si um relato do seu tempo uma vez que sua realização ocorre dentro de um determinado contexto histórico. Analisar os vínculos entre como a temática se desenrola e esse contexto histórico é tarefa muito interessante e enriquecedora (triste é que o mais envolvido é sempre o professor). Não acho que os cursos de formação de professores deveriam ter uma disciplina específica sobre os audiovisuais na escola, acho mais importante melhorar os cursos de formação dos professores. Sempre que vou utilizar qualquer recurso eu tenho o cuidado de me preparar previamente, inclusive para usar cinema. Costumo recomendar aos alunos que assistam a filmes, no cinema ou em casa. Eu vou ao cinema 5 vezes por anos, mais ou menos e alugo mais ou menos 2 filmes por mês. Um filme que eu recomendaria para professores e alunos é **Chocolate**, um filme bonito que trata da intolerância”.*

Anexo 6 – Pequena bibliografia comentada sobre a utilização do cinema em sala de aula

BITTENCOURT, Circe, **Cinema, vídeo e ensino de história**, São Paulo: mimeo, 1993.

Esse texto comenta a resistência da escola em encarar os recursos audiovisuais em aliados na educação e as dificuldades encontradas para sua utilização efetiva. Analisa os trabalhos dos historiadores sobre a iconografia cinematográfica, e sobre os métodos de leitura do filme. Propõe uma reflexão sobre a construção de uma metodologia de ensino sobre os filmes que vá além de seu conteúdo. Faz um importante alerta sobre o conhecimento das preferências dos alunos antes da introdução dos filmes propostos pelo professor. Mostra o vídeo como um importante elemento técnico pela possibilidade de repetir ou restringir cenas, e principalmente pela possibilidade de ser produzido pelos alunos, o que lhes dá ferramentas para a análise da produção de imagens.

DUARTE, Rosália, **Cinema & Educação**, BH: Autêntica, 2002.

A obra apresenta os aspectos pedagógicos do cinema; faz um panorama analítico da história do cinema e das principais escolas cinematográficas surgidas no mundo a partir do advento do cinema. No capítulo sobre a linguagem cinematográfica dá dicas bem interessantes das significações que as convenções dessa linguagem dão ao enredo para conseguir a impressão de realidade, característica do cinema. Realça a importância da relação da linguagem cinematográfica com os espectadores, não o espectador passivo, mas como aquele que se insere no debate, que interpreta o filme a partir de sua visão de mundo. Na relação do cinema com a escola, o texto aponta para uma dupla vocação do cinema, a de recurso e como objeto de pesquisa.

FERRO, Marc, **Cinema e História**, RJ: Paz e Terra, 1992.

O livro é dividido em quatro tópicos: *O cinema, agente da história*: mostra que o cinema além de um instrumento de progresso científico, é também uma arte que intervém na história, doutrinando ou glorificando. Contrapõe cinema submisso x cinema autônomo (contrapoder). *Os modos de ação da linguagem cinematográfica*: analisa a não neutralidade ou inocência da linguagem cinematográfica, e o papel mediador do professor, pois sem essa mediação a explicação histórica surge como verdadeira dotada de um suplemento de verdade – testemunhas. *Sociedade que produz, sociedade que recebe*: aponta para a eficácia do filme e sua relação com a sociedade que

o produz e da sociedade que o recebe. Todo filme tem uma história que é História com suas redes de relações pessoais, seus estatutos e regulamentações. A sociedade recebe a imagem em função de sua cultura. *Leitura cinematográfica da história, leitura histórica do cinema: A leitura cinematográfica da história coloca o problema da leitura que o historiador faz do passado – memória popular e tradição oral, a leitura histórica do cinema atinge zonas não visíveis do passado revelando autocensuras e lapsos – conteúdo social.*

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, **Coletânea Lições com cinema**, SP, 1992

O resumo analítico dessa coletânea está no Capítulo II.

KORNIS, Mônica Almeida, História e Cinema: um debate metodológico, in **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

O texto fala do impacto e importância do cinema no século XX, e as desconfianças que despertou; contrapõe o cinema como expressão, representação ou reconstrução da realidade, debate fundamental para o historiador e o educador. Reafirma o *status* de objeto do cinema e a importância da educação do olhar do educador. Recorrendo principalmente a Sorlin e Ferro, Kornis faz um percurso historiográfico sobre o filme como documento histórico e sobre a busca de um método de trabalho. Leitura fundamental para os professores de História, mas enriquecedora para todo professor que aceitar o desafio de trabalhar o cinema de forma inovadora e ousada.

NAPOLITANO, Marcos, **Como usar o cinema na sala de aula**, São Paulo: Ed. Contexto, 2003
Esta obra dividida em parte teórica e prática, discute na primeira parte, as relações entre cinema e educação, analisa a linguagem e a história do cinema e aponta procedimentos e estratégias de uso do cinema em sala de aula; na segunda comenta vários filmes e faz sugestões práticas a serem desenvolvidas pelo professor.

SETTON, Maria da Graça Jacinto (org), **A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**, São Paulo: Annablume: USP, 2004.

O livro reúne textos de vários autores que vêm estudando o cinema como objeto de conhecimento e um modo de pesquisa em educação, extrapolando sua função didático-pedagógica. Os textos da parte um mostram a articulação entre cinema e educação; os textos da parte dois exploram o conteúdo de alguns filmes tendo como pano de fundo, conflitos da contemporaneidade; e finalmente os textos da última parte analisam filmes infantis e seus efeitos ambivalentes e complexos sobre esse público.

Anexo 7 – Filmes sobre escola⁵²

Sementes de violência (EUA, 1955, de Richard Brooks)

Sinopse: História de um professor (Glenn Ford), ex-soldado que busca emprego numa escola pública de subúrbio nos anos 1950, e enfrenta problemas com a indisciplina dos alunos. Apesar dos conflitos que vive, consegue neutralizar a liderança negativa de um aluno irlandês, envolvido com roubo de carros e bebida e valorizar a liderança positiva de um aluno negro. Um dos recursos utilizado por ele nesse esforço pedagógico é a projeção de filmes, a partir dos quais estabelece um rico debate sobre a vida com os alunos.

Ao mestre com carinho (Inglaterra, 1966, de James Clavell)

Sinopse: História de um engenheiro negro (Sidney Poitier) que se emprega numa escola como professor e enfrenta um grupo de alunos em plena época de contestação. Com uma visão de que a escola é um meio de preparar o aluno para a vida, encara os alunos como adultos e com responsabilidade. O romantismo do filme é potencializado pela música tema “To sir with love”, que marca na voz de uma das alunas, o sucesso do professor.

Subindo por onde se desce (EUA, 1967, de Robert Mulligan)

Sinopse: Uma jovem professora (Sandy Davis) chega a Calvin Coolidge cheia de idéias. Na inocência sobe o primeiro dia as escadas por onde os alunos descem e por isso é advertida pelo diretor. O segundo passo foi encontrar sua desordeira classe. Mesmo sendo desrespeitada, a jovem professora de literatura investe todo seu talento para tentar alcançar a alma daqueles alunos.

Primavera de uma solteirona (Inglaterra, 1969, de Ronald Neame)

Sinopse: Edinburg 1932, Jean Brodie (Maggie Smith) é uma professora em uma escola para meninas, que inspira suas estudantes com suas idéias sobre arte, música e política, sendo que a última é baseada em noções românticas, que a levam a expressar sua admiração pelo fascismo na Itália. Jean fez um pequeno círculo social de alunas que a adoram, e organiza uma visita casual na

⁵² As sinopses foram baseadas nas nossas próprias impressões após a assisti-los, e nas informações dos seguintes sites:

www.adoroconema.com.br, www.planetaeducacao.com.br, www.cineplayers.com, www.copacabanafilmes.com.br, www.webcine.com.br.

casa de campo de um professor amigo que está mais interessado nela que ela por ele, pois Jean está romanticamente envolvida por outro professor que também se dedica à pintura, mas que é um católico casado com filhos, que se recusa a romper seu matrimônio para ter um compromisso com Jean. Paralelamente, a senhorita MacKay, a séria diretora da escola, desaprova a influência de Jean, tendo suspeitas sobre a impropriedade das ações da professora. Uma aluna irritada com a avaliação que Jean fez dela, ela decide seduzir o professor e posa para ele, mas quando a pintura fica pronta se enfurece ao ver que os traços do rosto são sem sombra de dúvida de Jean, por quem ele está obviamente apaixonado. Jean, uma partidária teórica de Franco e Mussolini, encoraja uma aluna a lutar pela causa fascista. Encorajada por sua mentora, viaja e é morta quando o trem que a levava é bombardeado pelas forças adversárias. Ao retornar para sua classe Jean exalta as virtudes de seus heróis até ser despedida, pois a diretora finalmente conseguiu provas da má influência de Jean.

O preço de um desafio (EUA, 1987, de Ramon Menendez)

Sinopse: Conta a história de um grupo de estudantes de origem hispânica que, confinados a uma escola sucateada nos subúrbios de Los Angeles, superou as mazelas impostas pelo sistema para demonstrar que a etnia não é fator decisivo para o sucesso ou para o fracasso. História que retrata a realidade vivida em diversos países, inclusive por professores e estudantes brasileiros.

Nenhum a Menos (China, 1988, de Zang Yimou)

Sinopse: Filme inspirado em fatos reais, na cruel pobreza da China rural, Gao (Gao Enman) é professor da Escola Primária Shuiquan e precisa sair de licença para cuidar da mãe doente. A única pessoa que aceita substituí-lo é uma menina de 13 anos Wei (Wei Minzhi). Como a evasão escolar é muito grande, Gao instrui Wei a não permitir que nenhum de seus alunos abandone o curso prometendo-lhe 10 yuans extras em seu pagamento. Ela não dispõe de um livro sequer, pode gastar no máximo um giz por dia e ainda por cima deve morar na sala de aula junto com vários de seus 28 alunos. Por falta de móveis adequados, as carteiras ganham função de camas. Perdida em meio às crianças, Wei faz de tudo para manter os alunos na escola, até que um garoto de 10 anos é obrigado a partir para a cidade em busca de trabalho. Para trazê-lo de volta, Wei inicia um incasável jornada à procura de seu aluno na cidade grande, onde os seus pedidos e

inquisições caem em ouvidos moucos, e só quando o canal de televisão local a ajuda é que a sua busca tem frutos.

Sociedade dos poetas mortos (EUA, 1989, de Peter Weir)

Sinopse: Em 1959, na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno (Robin Williams) se torna o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos criam um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente quando ele fala aos seus alunos sobre a "Sociedade dos Poetas Mortos", criando um conflito entre os diretores que ainda pregam o método antigo e conservador.

Mr. Holland - Adorável Professor (EUA, 1995, de Stephen Herek)

Sinopse: Em 1964, o músico Mr. Holland (Richard Dreyfuss) decide começar a lecionar, para ter mais dinheiro e assim se dedicar à composição de uma sinfonia. Inicialmente ele sente grande dificuldade em fazer com que seus alunos se interessem pela música e as coisas se complicam ainda mais quando sua mulher (Glenn Headly) dá à luz um filho, que o casal vem a descobrir mais tarde que é surdo. Após várias dificuldades, começa a se envolver com a escola e seus alunos, e se apaixonar pelo seu trabalho, deixando de lado seu sonho de tornar-se um grande compositor. Passados trinta anos lecionando no mesmo colégio, um corte nas verbas o obriga a aposentar-se de forma compulsória. Na despedida dos alunos descobre que não abandonou seu sonho, mas sim o realizou através de cada um de seus alunos.

Mentes perigosas (EUA, 1995, de John N. Smith)

Sinopse: Baseado no livro autobiográfico de LouAnne Johnson (Michelle Pfeiffer), ex-fuzileira, que abandona a carreira militar com o objectivo de concretizar o seu sonho: ser professora de Inglês. Enquanto estuda na Universidade de Califórnia, aceita o cargo de professora substituta numa escola. Os alunos fazem parte dum grupo de adolescentes que encaram o insucesso como modo de vida, mas que no fundo procuram desesperadamente alguém que se preocupe com eles. No entanto, a vida ensinou-os a não confiar em ninguém. LouAnne desafia todas as regras da instituição escolar, cria o seu próprio currículo, utiliza estratégias pedagógicas invulgares, consegue ganhar a confiança dos alunos e conseqüentemente conduzi-los ao sucesso.

Quando tudo começa (França, 1999, de Bertrand Tavernier)

Sinopse: História de um professor, Daniel Lefebvre (Philippe Torreton), que ensina crianças em Hernaing, uma pequena cidade que sofre com o fechamento das minas de carvão e enfrenta uma taxa alarmante de 34% de desemprego. Daniel e os outros professores são aconselhados a não se envolver com os problemas crônicos da comunidade, mas é impossível para Daniel permanecer imune à miséria, à falta de assistentes sociais, à indiferença do governo e aos sérios problemas domésticos que suas crianças enfrentam. Depois de um trágico incidente na escola, Lefebvre decide comandar uma campanha contra o governo local, reivindicando condições mínimas de vida e dignidade para a população. Além de dificuldades pessoais, como a doença do pai, um ex-mineiro que sofre de enfisema, ele irá enfrentar enormes dificuldades burocráticas e com as autoridades educacionais, que farão de tudo para colocar o professor na linha.

A Língua das Mariposas (Espanha, 1999, de José Luis Cuerda)

Sinopse: Don Gregório (Fernando F.Gomes), uma figura impar dentro do contexto educacional da época retratada (período anterior a Guerra Civil Espanhola), tem atitudes que contrastam com o autoritarismo dos professores da época. O menino Poncho (Manuel Lozano) tem medo de ir a escola e fala em fugir para a América, pois receia que possa ser punido com severidade pelo futuro professor. No entanto, quando entrou na escola, caiu nas graças do professor dom Gregório, fez amizade com Roque e, melhor ainda, poderá excursionar com a banda de seu irmão mais velho, um saxofonista.. Don Gregório representa o educador íntegro, que se percebe como referência e que, ciente de suas responsabilidades a partir de então, se mostra sempre sereno, altivo e elegante. Mais que teorias, ele ensina a seus alunos novas posturas perante o mundo, onde as pessoas devem se respeitar, ter sensibilidade e jamais abandonar seus ideais. Poncho se apaixona pela escola e passa a se dedicar com grande vontade às tarefas e atividades propostas por Don Gregório. Mas nem tudo são flores. O pai do garoto e seu querido professor se envolvem na Guerra Civil Espanhola, transformando em tristeza a alegria do menino que acompanha os acontecimentos da vida cotidiana da pacata cidade onde vive. Descobre o amor e se percebe no meio de um emaranhado de relações políticas e sociais (mesmo não entendendo exatamente o significado desses acontecimentos), numa época em que a Espanha ferve as vésperas de sua guerra civil. As turbulentas transformações pelas quais passava o país colocam o velho e honrado professor em situação delicada devido a seus posicionamentos políticos.

Ser e ter (França, 2002, de Nicolas Philibert)

Sinopse: O liceu do filme reúne todas as crianças do vilarejo em torno de um único professor Georges Lopez (Georges Lopez), que as acompanha desde o jardim de infância até o último ano do primário. De maneira discreta, o diretor resume sua tarefa a acompanhar um grupo de alunos em sua transição do universo familiar para um ambiente onde o que é levado em conta é sua individualidade sem pressupostos. Enfim, a construção de uma personalidade. A vida surge nos depoimentos das crianças, suas hesitações, suas traquinices e também seus fracassos, alcançando enfim um dos momentos mágicos do gênero documental: deixar transparecer a ficção que se encontra incrustada nas camadas do real.

O sorriso da Mona Lisa (EUA, 2003, Mike Newell)

Sinopse: Katharine Watson (Julia Roberts) é uma recém-graduada professora que consegue emprego no conceituado colégio Wellesley, para lecionar aulas de História da Arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, Katharine decide lutar contra estas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida. O filme mostra a importância da mediação do professor entre o objeto de conhecimento e o aluno, pois o grupo de alunas é aplicado, mas faz uma leitura fragmentada e equivocada do conteúdo.

Pro dia nascer feliz (Brasil, 2007, de João Jardim)

Sinopse: O filme é um panorama das adversidades enfrentadas pelos adolescentes brasileiros na escola, envolvendo preconceito, precariedade, violência e esperança. Adolescentes de três estados, de classes sociais distintas, falam de suas vidas na escola, seus projetos e inquietações. Através de uma investigação do relacionamento do adolescente com a escola - ambiente fundamental em sua formação - vêm à tona, além de questões comuns a qualquer adolescente, dentro do ambiente escolar, questões como a desigualdade social e o impacto da banalização da violência no desenvolvimento de muitos desses jovens.

Bibliografia

AGUIAR, Flávio, Literatura, cinema e televisão, in PELLEGRINI, Tânia (*et al.*), **Literatura, cinema e televisão**, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 115-144.

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes, **Cinema contra cinema**, São Paulo: Editora Limitada, 1931.

ALMEIDA, Milton José, **Imagens e sons: a nova cultura oral**, São Paulo: Cortez, 1994.

ARENDRT, Hannah, **Entre o Passado e o Futuro**, São Paulo: Perspectiva, 2002.

ARISTÓTELES, **Poética**. Tradução Baby Abrão, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda, 1999.

AVELLAR, José Carlos, **Cinema e literatura no Brasil**, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.

AZANHA, José Mário Pires, **Educação: temas polêmicos**, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BARTHES, Roland, **O óbvio e o obtuso**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter, A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução, in GRÜNEWALD, José Lino (org), **A idéia do cinema**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 55-95.

_____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERNARDET, Jean-Claude, **O que é cinema**, Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

BITTENCOURT, Circe, **Cinema, vídeo e ensino de história**, São Paulo: mimeo, 1993.

BOSI, Alfredo, Os estudos literários na Era dos Extremos, in AGUIAR, Flávio (Org), **Antonio Candido: pensamento e militância**, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Humanitas FFLCH/USP, 1999.

CÂNDIDO, Antonio, **Literatura e Sociedade**, São Paulo: Publifolha, 2000.

_____ (et al.) **A personagem de ficção**, São Paulo: Perspectiva, 2005.

DESGRANGES, Flávio, **A pedagogia do espectador**, São Paulo: Hucitec, 2003.

DUARTE, Rosália, **Cinema & Educação**, BH: Autêntica, 2002.

ECO, Umberto, **Sobre a literatura**, Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____ **Seis passeios pelos bosques da ficção**, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EISENSTEIN, Serguéi M. Novos problemas da forma cinematográfica, in XAVIER, Ismail (Org.), **A Experiência do Cinema**, Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 216-243.

EPSTEIN, Jean, O Cinema e as Letras Modernas. O cinema do diabo, in XAVIER, Ismail (Org.), **A Experiência do Cinema**, Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 269-275 e 293-313.

FERRO, Marc, **Cinema e História**, RJ: Paz e Terra, 1992.

FRANCO, Marília da Silva, A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais, in Lições de cinema 1, **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica**, SP: FDE, 1992.

_____ Uma invenção dos diabos, in AVERBUCK, Lígia (Org), **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**, SP: Nobel, 1984, p. 113-126.

_____ Você sabe o que foi o INCE?, in SETTON, M. da Graça J.(org) **A cultura da mídia na escola - ensaios sobre cinema e educação**, SP: Annablume, USP, 2004, p. 21-35.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, **Coletânea Lições com cinema**, SP, 1992

GOMES, Paulo Emílio Salles, **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento**, Rio de Janeiro: Paz e Terra: Embrafilme, 1980.

_____ A personagem cinematográfica, in CÂNDIDO, Antonio, (*et al.*) **A personagem de ficção**, São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 103-119.

GUTIERREZ Alea, Tomás, **Dialética do espectador: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano**, SP: Summus, 1984.

HOHLFELDT, Antônio, Cinema e Literatura: liberdade ambígua, in AVERBUCK, Lúcia (Org), **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**, São Paulo: Nobel, 1984, p. 127.

JOHNSON, Randal, Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas, in PELLEGRINI, Tânia (*et al.*), **Literatura, cinema e televisão**, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 37-59.

KORNIS, Mônica Almeida, História e Cinema: um debate metodológico, in **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

LÜDKE, Menga, (*et al.*) **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**, SP: EPU, 1986.

MACHADO DE ASSIS, Pai contra mãe, in **Relíquias de casa velha**. RJ: Jackson, 1957.

MAUERHOFER, Hugo, A psicologia da experiência cinematográfica, in XAVIER, Ismail (Org.), **A Experiência do Cinema**, Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 375-380.

MENEZES, Paulo, O acervo como fonte de esquecimento, in Seminário Internacional Memória e Cultura – amnésia social e espetacularização da memória, 2007, SESC SP, **Resumo**, São Paulo: SESCSP, 2007.

METZ, Christian, **Linguagem e cinema**, São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____ **A significação no cinema**, São Paulo: Perspectiva, 2006.

MORAES, Amaury César, **Métodos inovadores no ensino da Sociologia no 2º grau**, prova escrita para o processo Seletivo de professore de Prática de Ensino de Ciências Sociais no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FEUSP, 1997.

_____ **A escola vista pelo cinema**, Atas **do II Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, Práticas educativas, Culturas escolares, profissão docentes**, Volume I, São Paulo, 1998, p. 35-40.

_____ **Um tema em tela: a constituição do sujeito feminino na família**, **Seminário Educação e Comunicação: um debate contemporâneo**, São Paulo: FEUSP/Anhembi Morumbi, 2001.

_____ **Cinema, TV e cidadania: revendo posições**, in **Revista do Centro de Educação**, vol. 28, São Paulo: Centro de Educação, 2003.

_____ **A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa**, in SETTON, Maria da Graça Jacinto (org), **A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**, São Paulo: Annablume: USP, 2004, p. 53-65.

_____ **Mídia e escola: relações necessárias**, in CARVALHO, José Sérgio (org), **Educação, cidadania e direitos humanos**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 303-308.

_____ **Aprender e ensinar com cinema na educação**, apresentado na **IV Semana da Educação: Ensinar e Aprender: formação, percursos e projetos**, São Paulo: FEUSP, 2006.

_____ **A escola vista pelo cinema – o cinema como fonte de estudo do imaginário social sobre a escola**, **30º Encontro anual da ANPOCS**, 2006a.

_____ **Cinema e literatura: uma aproximação feita pelas lentes de Pathé Baby**, São Paulo, mimeo, texto inédito, s/d.

MUNSTERBERG, Hugo, **A Atenção. A Memória e a Imaginação. As Emoções**, in XAVIER, Ismail (Org.), **A Experiência do Cinema**, Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 27-54.

NAPOLITANO, Marcos, **Como usar o cinema na sala de aula**, São Paulo: Ed. Contexto, 2003

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslau Machado, Filmes & Professores: Momentos de uma oralidade muito presente, in **Pro-Posições**, Revista da Faculdade de Educação da Unicamp, vol.10 nº 1, Março de 1999, p. 163-177.

PELLEGRINI, Tânia, (*et al.*), **Literatura, cinema e televisão**, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

_____ Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações, in PELLEGRINI, Tânia, (*et al.*), **Literatura, cinema e televisão**, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 15-35.

REZENDE, Neide Luzia, **Percorso da narrativa de Oswald de Andrade: estudo dos romances e das memórias**, Tese de Doutorado, São Paulo: FEUSP, 2003.

RIOS, Terezinha Azeredo, **Ética e competência**, Coleção Questões de Nossa Época v. 16, São Paulo: Cortez, 2001.

_____, **Compreender e ensinar – por uma docência de melhor qualidade**, São Paulo: Cortez, 2001a.

ROSENFELD, Anatol, **Na cinelândia paulistana**, São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____ Literatura e personagem, in CÂNDIDO, Antonio (*et al.*), **A personagem de ficção**, São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 9-49.

SALIBA, Elias Thomé, A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica, in Série **Lições com o cinema**, nº 3, São Paulo: FDE, 1993.

_____ As imagens canônicas e a História, in CAPELATO, Maria Helena (*et al.*), **História e cinema**, São Paulo: Alameda, 2007, p. 85-96.

SALIBA, Maria Eneida Fachini, **Cinema contra cinema: o cinema educativo de Canuto Mendes (1922-1931)**, São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SERRANO, Jonathas e Venâncio Filho, Francisco, **Cinema e Educação**, Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1930.

SETTON, Maria da Graça Jacinto (org), **A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**, São Paulo: Annablume: USP, 2004.

TODOROV, Tzvetan, **As estruturas narrativas**, São Paulo: Perspectiva, 1979.

TURNER, Graeme, **Cinema como prática social**, São Paulo: Summus Editorial, 1997.

XAVIER, Ismail (org), **A experiência do cinema: antologia**, Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____ **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____ Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar, in PELLEGRINI, Tânia (*et al.*), **Literatura, cinema e televisão**, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003a, 61-89.